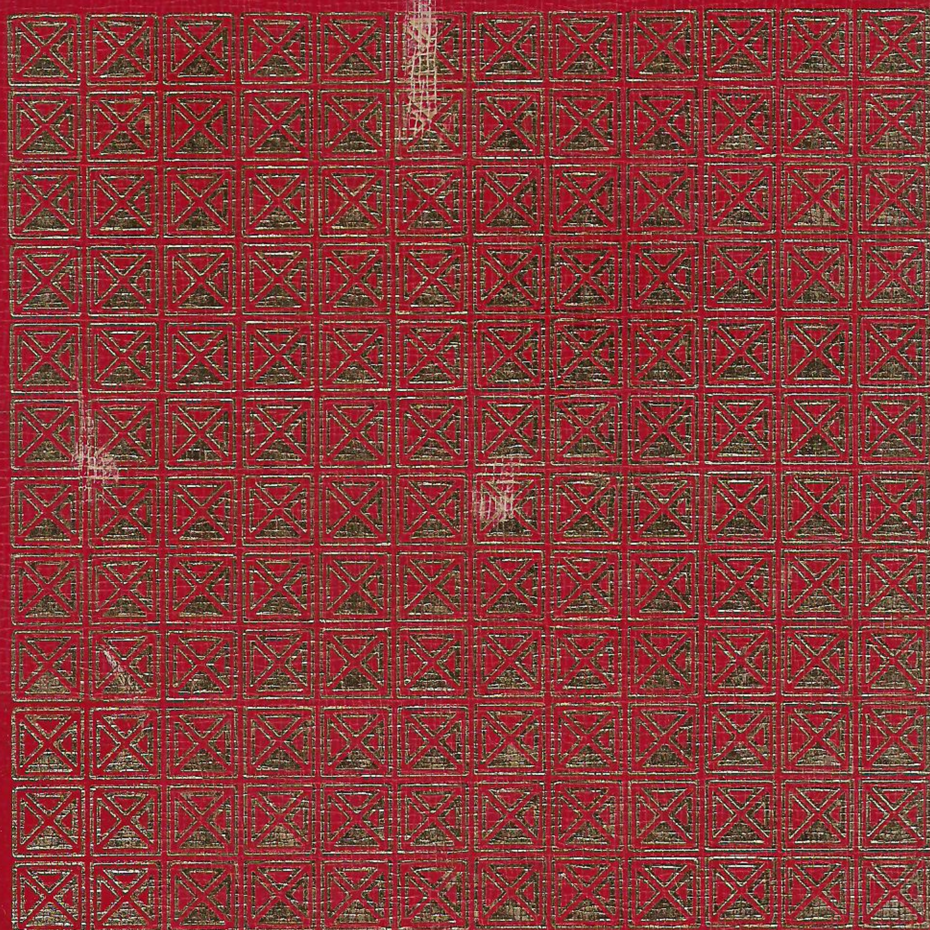
BIBLIOTECA PLANETA

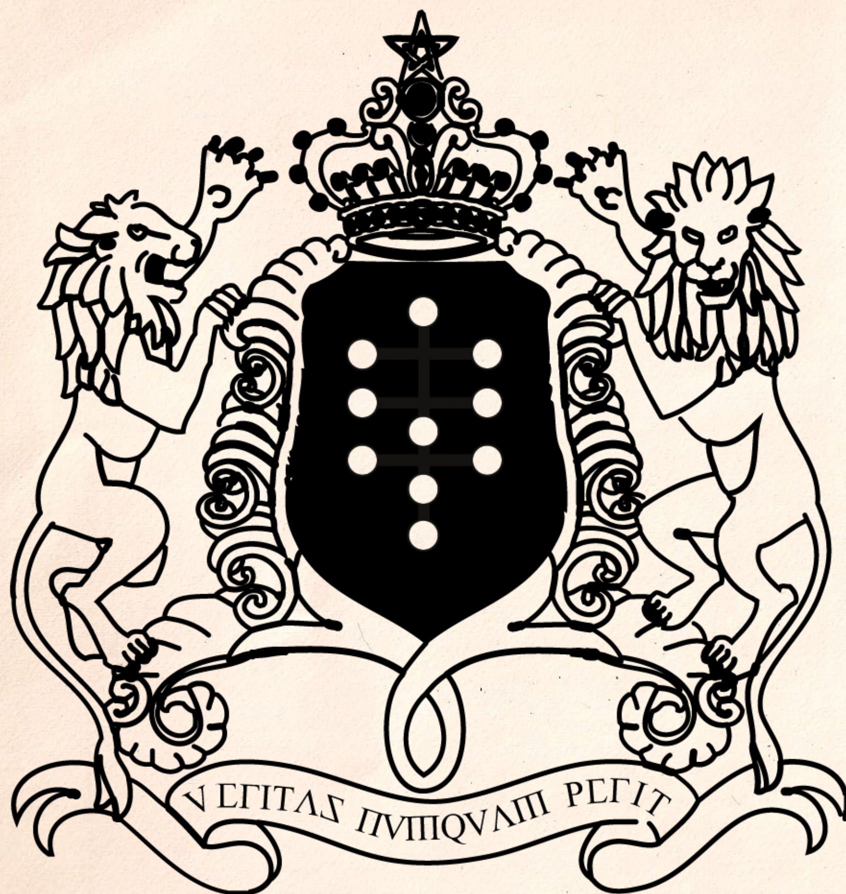
A ÁRVORE DA VIDA (CABALA)

SHIMON HALEVI



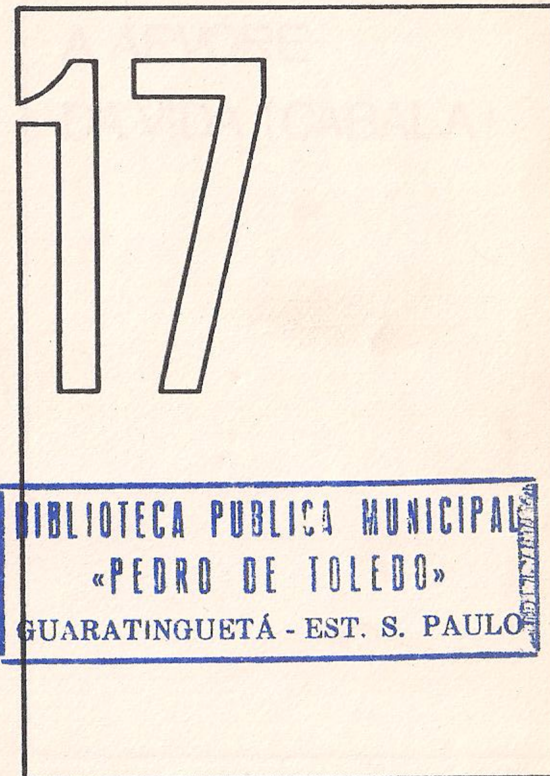
Editora Três

H.·.H.·.IX



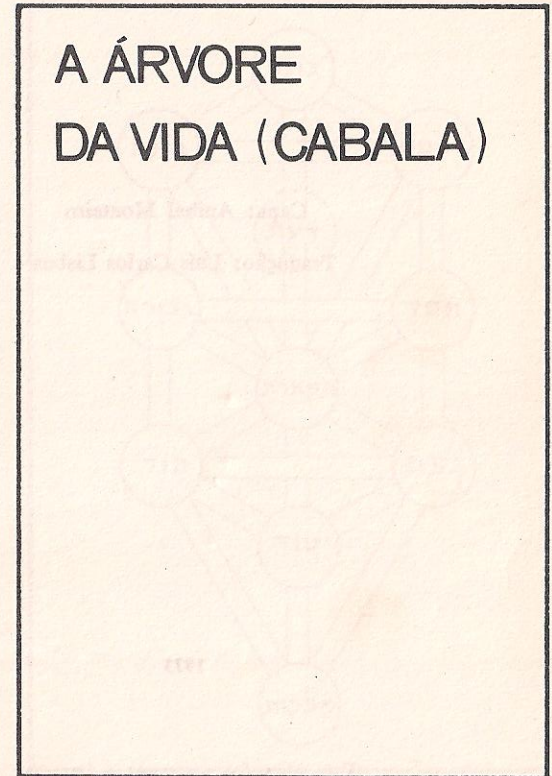
É PROIBIDA A VENDA
DESTE MATERIAL

BIBLIOTECA PLANETA



Editora Três

SHIMON HALEVI



A ÁRVORE DA VIDA (CABALA)

Título original: *Tree of Life, An Introduction to the Cabala.*
Direitos de tradução adquiridos pela Editora Três da Riders & Company, Londres, 1973.

Capa: Anibal Monteiro

Tradução: Luís Carlos Lisboa

1973

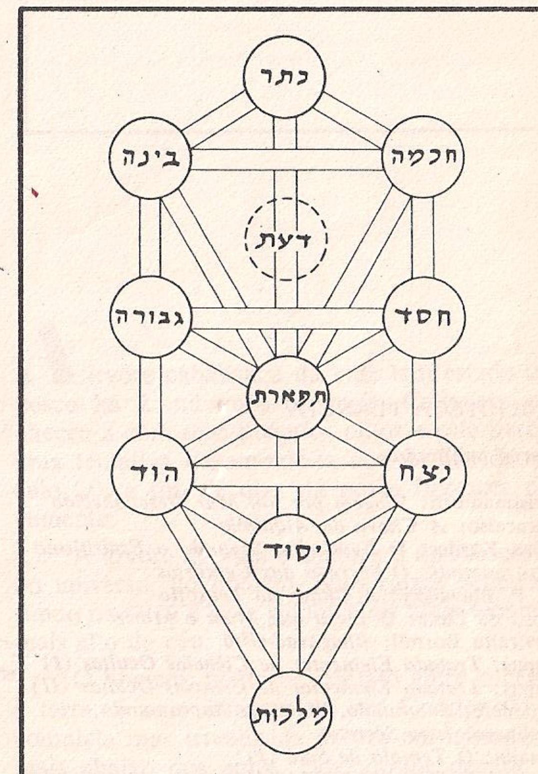
Esta obra foi composta e impressa nas oficinas da IMPRES para a Editora Três, SP, Brasil.

Editores: Luis Carta, Domingo Alzugaray, Fabrizio Fasano

Redator-chefe: Ignácio de Loyola

Secretário editorial: Armando Gonçalves

Distribuição para todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, fone: 258-4848
Rio de Janeiro, GB



BIBLIOTECA PLANETA

Livros publicados:

Krishnamurti: *Viagem por um Mar Desconhecido*
Paracelso: *A Chave da Alquimia*
Allan Kardec: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
Nostradamus: *O Segredo das Centúrias*
H. P. Blavatsky: *A Chave da Teosofia*
Roso de Luna: *O Livro que Mata a Morte*
Roviralta Borrell: *Bhagavad-Gîtâ*
Papus: *Tratado Elementar de Ciências Ocultas (I)*
Papus: *Tratado Elementar de Ciências Ocultas (II)*
Figanière: *Submundo, Mundo e Supramundo*
Molinero: *Ioga Secreto*
Guaita: *O Templo de Satã (I)*
Guaita: *O Templo de Satã (II)*
Kozminsky: *Números: Magia e Mistério*
Leprince/Fouqué: *As Medicinas Diferentes*
Nicolas Flamel: *As Figuras Hieroglíficas*

Livros a publicar:

Shimon Halevi: *A Árvore da Vida (Cabala)*
Aurobindo: *Em Direção à Nova Consciência*
Idries Shah: *Magia Oriental*
Idries Shah: *Ritos Mágicos e Ocultos*

SHIMON HALEVI E SUA OBRA

A árvore cabalística da vida tem estado conosco há 2 mil anos ou mais. Cada era conheceu-a com seus próprios olhos e este livro é uma tentativa de amoldá-la aos termos do século 20, a fim de que ela possa florescer novamente.

A árvore da vida é análoga à do Absoluto, do universo, do homem. Suas raízes penetram fundo na terra e seus galhos mais altos tocam o mais alto do céu.

O homem, ponto de contato entre o céu e a terra, é uma imagem de seu Criador. Uma completa mas irrealizada árvore em miniatura, mais abaixo dos anjos, cabendo-lhe decidir se deve subir mais alto escalando os galhos de si mesmo, obtendo assim o fruto final.

A árvore da vida é um retrato da criação. É um diagrama objetivo dos princípios que atuam através do universo. Criada na forma de uma árvore analógica ela revela o fluxo das forças que emanam do divino até o mais baixo dos mundos e daí ascende em sentido contrário. Nela estão contidas todas as leis que governam

o universo, bem como sua correlação. Ela é também uma visão completa do homem.

O universo relativo paira entre dois pólos. Tudo e nada. Tanto a ponta desse eixo flutuante pode ser encontrada em nada e tudo, quanto ambos os pólos tornam-se a entrada e a saída do absoluto que permanece separado da criação. Aqui temos a realidade por inteiro. Tudo mais é, para o supremo observador, ilusão — um drama cósmico organizado e dissolvido num movimento cíclico de peças dentro de peças, desde as mais sutis reverberações nos mundos do alto às mais baixas mudanças e torvos movimentos da mais acossada materialidade.

O Absoluto não tem contato direto com a criação, embora o ser impregne a matriz do universo, sustentando-o, como o silêncio atrás de cada som. Sem essa realidade negativa nada pode vir à existência, assim como a sombra não pode existir sem a luz. Aqui no mundo relativo movemo-nos entre partículas e ondas, sem que a maioria suspeite sequer de que tudo aquilo que se toca está sempre desaparecendo, e aquilo que se vê não está de fato ali. A solidez é uma charada, um estado temporário do nada, congelado provisoriamente numa forma familiar aos nossos sentidos, e nós próprios não passamos de viajantes neste cenário sempre em mutação que chamamos Terra.

A criação está separada de seu criador tanto ou mais quanto uma produção atual do *Hamlet* está distante de Shakespeare. Embora a criação seja sustentada por seu autor e malgrado a interpretação dos atores, a peça permanece essencialmente como o mestre a concebeu inicialmente. O universo relativo, como nossa analogia da peça, é constituído de protagonistas e elenco sobre uma série de cenários no qual diferentes desempenhos, buscando o equilíbrio, criam e representam os fatos dramáticos que constituem a evolução.

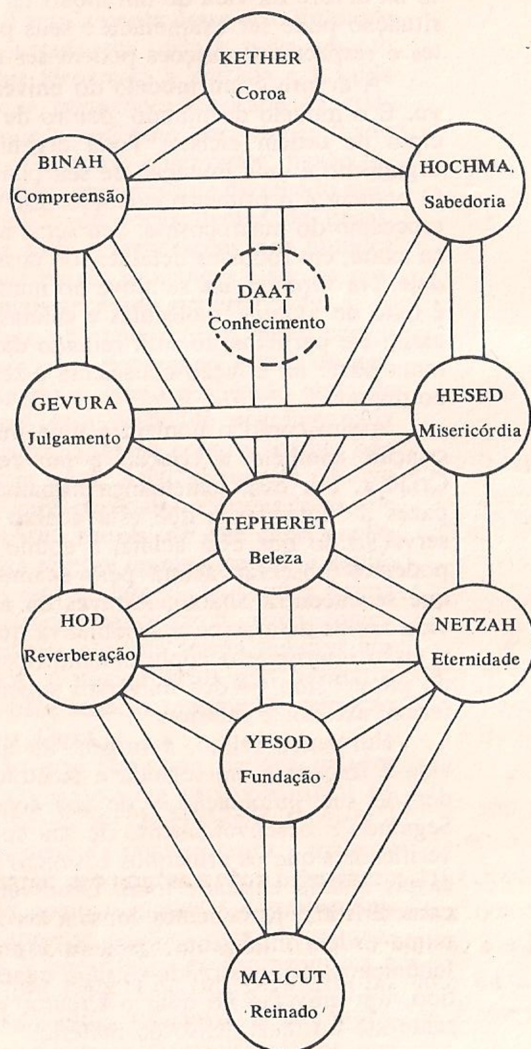
As relações entre os diferentes atores ou forças são muito precisas, embora eles possam

assumir atitudes diferentes sob condições específicas. Esse conjunto de combinações é disposto na árvore da vida de um modo tal que dada situação pode ser examinada e seus participantes e respectivas posições podem ser revelados.

A árvore é um modelo do universo relativo. É o modelo do mundo, dentro de um princípio de ordem cíclico. Toda organização ou organismo é uma imitação de seu plano básico. O homem é o primeiro exemplo. Ele é um microcosmo do macrocosmo. Seu ser é uma réplica exata, em todos os detalhes, do cosmo acima dele. Na verdade, ele se move no mundo físico, é feito de átomos, moléculas e células, e ainda assim ele participa do sutil reinado das formas, toma parte na criação consciente e tem acesso ao divino.

Assim como o homem é uma imagem da criação, também a criação é um reflexo do Criador. Por essa semelhança tornamo-nos capazes de entender o que está abaixo pela observação do que está acima, e aquilo que não podemos observar acima pelo exame daquilo que se encontra abaixo. Através da árvore da vida temos uma associação objetiva que nos dá a visão interior e o conhecimento do princípio do paralelismo — dos universos superior e inferior, exterior e interior.

Em nosso relato, a origem da árvore da vida é traçada e em seguida é mostrado o poder de sua iluminação e de sua formulação. Seguindo o desenvolvimento de sua concepção, verificamos que os princípios cósmicos são aplicáveis a toda entidade total. Observando suas características percebemos como a árvore reúne numa ordem inteligente todos os aspectos dos fenômenos, demonstrando-os num quadro refletido, um universo no qual o Criador está presente até no mais denso da matéria.



ÁRVORE DA VIDA

HISTÓRIA

A verdadeira origem da árvore da vida é desconhecida. Ela está enraizada por tradição na cabala, o mais secreto ensinamento do judaísmo. Todas as religiões têm duas faces. A exterior toma a forma das palavras e do ritual público, enquanto a secreta é interna, freqüentemente uma instrução oral que passa de mestre para discípulo, numa relação pessoal em que o mestre sabe o que e quando pode ser transmitido para um melhor desenvolvimento do discípulo. Quando esse discípulo se torna um mestre, ele, em retribuição, reparte sua sabedoria e conhecimento com a geração seguinte. Assim uma tradição é transmitida integralmente através de séculos, sem qualquer manifestação no mundo exterior.

O método oral é comum a todas as grandes religiões. Não obstante, como todas as instituições humanas, ele está sujeito à decadência e à corrupção, a tal ponto que de tempos em tempos na História há uma reformulação nos princípios objetivos arcaicos, adaptando-se a tradição à linguagem e aos costumes da época.

Acredita-se que Abraão, pai da nação hebraica, recebeu o ensinamento original de Melquisedec, rei de Salém, que era tam-

bém sacerdote do mais alto Deus. Melquisedec significava "rei dos justos" ou "meu rei é a retidão", e Salém, antigo nome de Jerusalém, significava "paz". Isso pode ser aceito como fato histórico ou como alegoria, uma vez que a *Bíblia* pode ser lida como um relato público ou secreto de fatos que são tomados sob a forma de parábolas vivas.

Antes de receber o ensinamento de Melquisedec, Abraão, depois de longa pesquisa em torno das religiões contemporâneas, chegou à conclusão de que havia um único Deus, vivo e invisível. Após sua iniciação, Abraão complementou suas convicções com a descoberta de que da fonte criadora de Deus podiam advir muitas manifestações, e que elas não deviam servir para se opor à obra do Criador. Sabendo Abraão que Deus o conhecia, fez com Ele um pacto, segundo o qual devia transmitir aqueles conhecimentos. Essa foi a aliança.

Os hebreus guardaram esses ensinamentos por muitas gerações, embora ocasionalmente os tivessem perdido de vista, quando sua tradição foi adulterada por costumes vizinhos ou crenças passageiras. A essência, porém, foi periodicamente renovada, como quando Moisés arrastou um povo relutante e submisso para fora de um Egito simbólico e literal, a caminho de um renascimento espiritual. No deserto do Sinai toda uma geração habituada à escravidão teve de morrer, antes que uma nova Israel ganhasse seu rumo original.

Sem dúvida, um conhecimento objetivo acerca do universo existiu no tempo de Salomão, o que se deduz do texto bíblico em seu depoimento sobre esse período, da construção do templo e do candelabro de sete braços, formulações da árvore da vida, assim como as colunas Jachin e Boaz, de cada lado do véu do templo. O diagrama físico da árvore construído no templo foi perdido quando o primeiro templo foi destruído e os judeus levados para o exílio na Babilônia.

Na Babilônia, fatos estranhos aconteceram. Além da ressurreição da tradição religiosa de Israel, realizada por Ezequiel, o qual conclamava os judeus a voltarem a Jerusalém, esse responsável pelo ensinamento secreto da religião compreendeu que

aquela era uma oportunidade única para um segundo renascimento da nação. O hebraico havia deixado de ser a língua principal, sobrepujado pela língua falada na Babilônia. Ali estava uma oportunidade para incrustar no hebraico, antes que ele se tornasse de novo uma língua nacional, muitas idéias — fazendo com que o vernáculo dos judeus contivesse mais do que meros significados. As atuais 22 letras do alfabeto foram reconstruídas, transformadas dos antigos pictogramas num alfabeto mais robusto, conhecido como escrita síria.

Mais tarde, muito depois desse novo hebraico ter sido adotado (embora ele nunca tenha desbancado o aramaico como "língua franca" no Oriente Médio), ele se tornou uma língua sagrada e, como o sânscrito, passou a ser usado em assuntos religiosos.

Um trabalho em particular revela a construção filosófica do alfabeto hebraico. Era o *Séfer Ietsira,* atribuído a Abraão mas provavelmente escrito nos primeiros séculos da era comum. Nele, cada letra era relacionada a um planeta e a um signo do Zodíaco. Muito depois da morte de Abraão foi que o signo da Libra foi incorporado ao Zodíaco. Outras qualidades eram atribuídas a cada letra e o conjunto relacionado com um sistema de três princípios criadores representados pelo ar, pela água e pelo fogo. As várias combinações dessas três forças fizeram o universo e suas funções, e diversas disposições de letras e seus respectivos valores numéricos mostravam as relações entre o macrocosmo do mundo e o microcosmo do homem. De fontes gregas, era também usada a concepção pitagórica do triângulo, ou da trindade contendo as dez letras ligadas ao nome de Deus. Os especialistas discordam quanto à autoria desse diagrama.

O intercâmbio de conhecimentos entre os sábios de diferentes nações e tradições nos séculos anteriores a Cristo era mais comum do que geralmente se supõe. Os homens inteligentes encontravam-se e trocavam idéias, enquanto outros lidavam no campo do comércio e da política. Os judeus, embora comumente considerados como grupo isolado, não faziam exceção a essa regra. Enquanto Pitágoras viajava pelo Mediterrâneo orien-

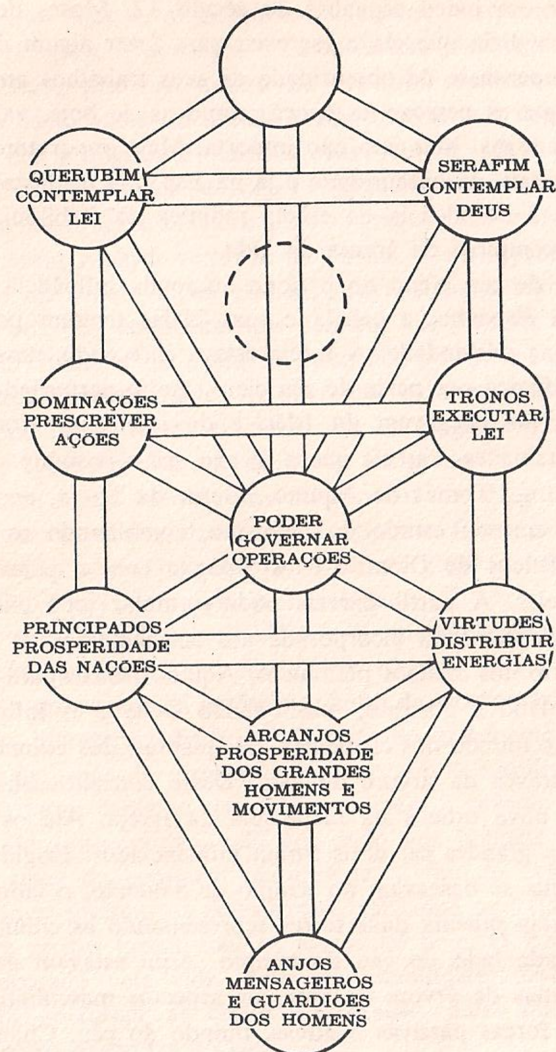
tal em busca de conhecimentos, também rabinos, embora nem sempre em busca do mesmo objetivo, procuravam a companhia de sábios — mesmo os de cultura estranha. No porto de Alexandria os gregos fundaram uma biblioteca devotada às nove musas. Nesse primeiro museu da História reuniram-se idéias de todos os recantos do mundo conhecido. A esse centro notável, um dos primeiros Ptolomeus convocou 70 judeus a fim de que os livros hebraicos, de cujas referências ele ouvira maravilhas, pudessem ser traduzidos para o grego. Com esses homens cultos vieram rabinos versados na cabala, a mais profunda explanação da *Bíblia*. Esses homens provavelmente entraram em contato com os conhecimentos secretos da filosofia e da religião da Grécia e do Egito, e desse contato descobertas mais vastas foram acrescentadas às diferentes culturas. Há mais evidências de idéias intercambiadas com os gregos e uma fábula difícil de confirmar é a que atribui às cartas do Tarot, que apareceram na Idade Média, uma relação com os diagramas existentes nos corredores dos templos egípcios. Essas cartas mostram relação maior com os pensamentos grego e hebraico do que com o simbolismo egípcio, na verdade.

O acréscimo de novas idéias e a reformulação de antigas era tarefa das escolas da cabala. Por séculos, os rabinos martelaram e testaram cada acréscimo, antes de incorporá-lo ao conjunto da literatura cabalística. O teste do argumento, ajudado pelos relâmpagos da inspiração, mantiveram o equilíbrio necessário ao largo caminho da visão, em meio à floresta densa da ilusão. Por esse motivo, não era dado aos homens estudar a cabala antes da completa maturidade, a fim de evitar que o vinho do misticismo os embriagasse, tal como as "viagens" por meio de drogas fazem com os jovens de hoje. O homem deve ser temperado pela vida, deve ter estabilidade bastante para empunhar e dirigir as coisas do coração, antes que lhe seja dado acesso às portas do céu.

Os especialistas afirmam que os primeiros escritos da cabala foram assentados no segundo século do calendário judaico, pelos que presenciaram as discussões do rabi Simeon ben Yohai.

Outros estudiosos, no entanto, acreditam que grande parte, senão todos os livros de comentários *Zohar*, foi escrita ou compilada por um judeu espanhol do século 12, Moses de Leon, cuja esposa dizia que ela a escreveu para fazer algum dinheiro que o compensasse da obscuridade de seus trabalhos anteriores — e porque as pessoas da época, como as de hoje, valorizam as coisas antigas. Mas isso não importa. Mais importante é que a cabala surgiu da obscuridade e já na Espanha medieval temos — devido à decadência da escola rabínica da Babilônia — o diagrama completo da árvore da vida.

Além de seu efeito no período áureo da influência árabe-judaica na Espanha, a cabala e suas idéias tiveram poderosa influência na cristandade. A Igreja estava carecendo, nessa época, de confiança por parte de seu clero, muito perturbado pelas idéias que lhe chegavam do Islão e do judaísmo, através de suas universidades. Parecia que a fé não era o bastante. Ajudado por outros, Tomás de Aquino, doutor da Igreja, encontrou a solução em seu estudo do judaísmo, combinando os trabalhos cabalísticos de Dionísio o Areopagita com o pensamento de Aristóteles. A partir daí ele pôde formular toda uma teologia que depois seria incorporada aos ensinamentos da Igreja. Ao contrário dos cristãos platônicos, Aquino trouxe para o universo mundano o abstrato, relacionando Deus e as influências angélicas ao mundo dos elementos, das plantas, dos animais, dos homens, através da árvore da vida. Desse conceito cabalístico vieram as nove ordens da hierarquia da Igreja. Até os construtores das grandes catedrais foram influenciados. Erigidas por pedreiros que se baseavam no templo de Salomão, o lado oeste de cada igreja possuía duas torres representando as colunas gêmeas de cada lado do véu do templo. Aqui estavam as duas outras colunas da árvore da vida, os aspectos masculino e feminino, as forças passivas e ativas, fluindo do céu. Chamadas, na catedral de Chartres, as torres do Sol e da Lua, a idéia é repetida nos séculos posteriores, embora sua origem fosse esquecida. Outro conceito é a Santíssima Trindade, com o Pai, o Filho



ARVORE DE TOMAS DE AQUINO

e o Espírito Santo, com a boda cabalística representada pela rosácea da submissão.

Durante o Renascimento, a cabala e a árvore da vida eram conhecidas de muitos estudiosos. O *Zohar*, com seu complexo de estudos sobre a *Bíblia*, os anjos, a natureza do homem e outros assuntos correlatos, foi impresso e dele tomaram conhecimento aqueles estudiosos, em parte porque aqueles ensinamentos eram relacionados com o mundo bizantino, em parte porque eles estavam ligados à magia. Essa aplicação da cabala trouxe muitas discordâncias, inclusive entre os próprios judeus, uma vez que gerou uma espécie de psicose de massa e movimentos em comunidades judias do Norte da Europa, as quais desesperadamente precisavam de um estímulo para enfrentar sucessivas ondas de perseguição.

Esse lado mágico, comumente sujeito a confusas interpretações ou só parcialmente compreendido, fascinou e afugentou homens que, através dos tempos, tiveram contato com a cabala. Para o verdadeiro estudioso e filósofo, ele era uma escada direta para o céu, um método de estudo, a base de um código de retidão e um ponto de referência através do qual era possível relacionar a ciência e a religião contemporâneas. Para o charlatão e para o que aspirava ao papel de messias profissional, era uma arma miraculosa para assustar, prender e fascinar indivíduos e grupos. Como a tecnologia do século 20, esse aspecto da cabala podia trabalhar a favor ou contra o homem, libertando-o do trabalho brutal ou destruindo sua alma e seu corpo. Num extremo, cabalistas discutem a natureza do universo com Pico della Mirandola, brilhante luminar da corte florentina dos Médici, no outro extremo amuletos cabalísticos são vendidos como breves contra os maus espíritos e o mau-olhado. O cabalismo popular chegou ao seu auge nos séculos 17 e 18, com um excesso de messias e místicos, os quais, com exceção de um, desapontaram seus seguidores. Esse único santo, Israel Baal-Shem, um místico natural, foi o foco do movimento de ressurreição judaica chamado hassidismo, que floresce até hoje. No entanto, muito desse cabalismo baseou-se em visões e

milagres, e enquanto o judaísmo recebia o ímpeto necessário, o movimento relacionou-se mais com a revitalização paralela da cristandade do que com a filosofia. O hassidismo prosperou, embora não sem resistência por parte dos rabinos ortodoxos, até a excomunhão de Baal-Shem. Esse grande ímpeto de energia perdeu, então, sua força inicial e tornou-se formal e institucionalizado pelo costume, em troca da convicção espontânea inicial. As chamadas práticas cabalísticas continuaram a existir, no entanto, a ponto de existirem ainda nos imigrantes judeus do século 19 que vinham da Europa Oriental.

Essa degeneração do cabalismo exterior não impediu, porém, que os judeus e os gentios continuassem em sua busca. O trabalho era levado avante, onde quer que a cabala e a árvore da vida fossem inteligentemente estudadas. Muito desse esforço era emprendido por estudiosos, um punhado de pesquisadores, detetives intelectuais com um traço de esperança na solução do mistério. Muitos livros surgiram, muitas idéias foram desenvolvidas, mas nada como havia ocorrido na Idade Média e mesmo antes. O século 17 produziu muita contribuição especulativa mas no século 19 as ciências começaram a interessar os pensadores muito mais do que o misticismo.

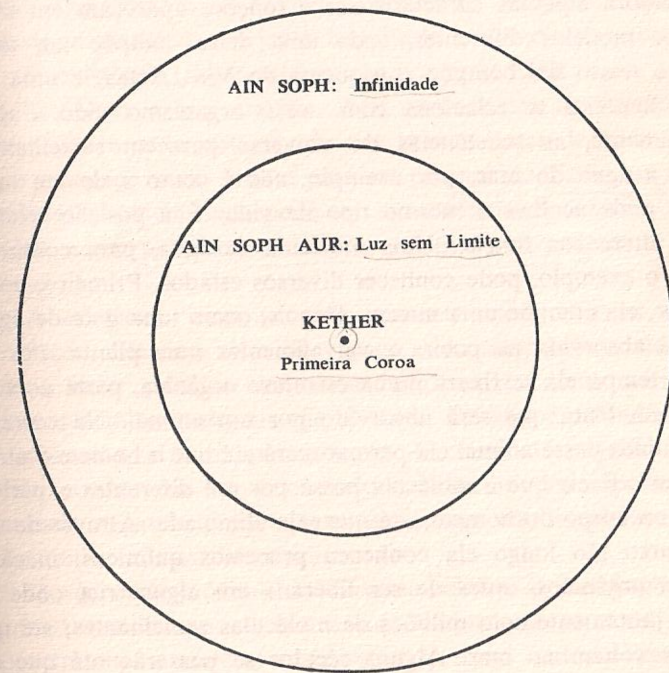
No século 19, no Ocidente, vários movimentos semi-religiosos, compostos de pessoas desiludidas com o materialismo ou com suas antigas religiões, desenvolveram-se. Esses grupos também incluíam judeus que sentiam que o judaísmo ortodoxo não satisfazia a suas necessidades filosóficas. As discussões rabínicas haviam-se tornado mero aprendizado de argumentação. Não havia mais sabedoria espontânea, compreensão ou real interesse pelo significado íntimo do judaísmo, principalmente quando a inteligência judia deixava-se envolver com idéias de sionismo. Aos poucos, o objetivo de Jerusalém passou do espiritual para o prático, e a política tomou conta de todas as polêmicas. Sion, o fio da meada no exílio, transformou-se do desejo humano de reconquistar o éden no restabelecimento de uma nação terrena na Palestina.

Atualmente o judaísmo, como todas as religiões formais,

perde terreno nas gerações mais jovens. Isso não quer dizer, no entanto, que nossa época é anti-religiosa. Longe disso. Muitos dos jovens estão seriamente interessados em uma resposta no mundo complexo e conflitivo em que vivem. Muita gente está, nesse momento, envolvida numa busca através do uso de drogas, enquanto outros se incorporam a grupos esotéricos que estudam os mais diversos sistemas e métodos. Muitas dessas organizações apóiam-se em idéias do Oriente, as quais parecem estranhas ao temperamento ocidental, o que freqüentemente divide o homem e cria conflito espiritual. Não se podem misturar tradições e temperamento cultural tão facilmente. Toda filosofia, toda religião, são peculiares ao lugar onde surgiram. O hippie inglês em Katmandu não está apenas a meio caminho entre o Oriente e o Ocidente mas também entre os velhos tempos e os dias atuais. Aqui jaz uma armadilha perigosa, na qual caem tantas pessoas sinceras. No Ocidente temos nossas tradições próprias, tão antigas quanto as orientais e como elas experimentadas há muito. O cabalismo é uma delas, parte integral da tradição judaico-greco-cristã da Europa.

Esse é o nosso resumo. A árvore da vida, como o nome indica, diz respeito à palavra viva. Ela existe agora, no século 20, tal como na eternidade. Nossa tarefa é transcrever a árvore em linguagem moderna, de tal modo que ela se torne manifesta para nós e para os outros. A menos que o cimo Sefira de Kether tenha conexão com a base Sefira de Malcut, a árvore da vida está incompleta — e o céu não pode encontrar a Terra.

EXISTÊNCIA NEGATIVA



Há um universo absoluto e um universo relativo. Entre eles paira o véu da existência negativa. O absoluto está além até da eternidade. Ele é sem tempo, sem forma, sem substância — além

da existência. É nada e é tudo. Não conhece mudança e no entanto não é imutável — ele apenas é.

O universo relativo é a manifestação da Criação, o desenvolvimento de um impulso divino, um vasto canteiro vindo até a flor, então fruto que amadurece e morre, e retoma seu curso pronto para nascer outra vez.

Dentro desse grande complexo, tudo tem seu tempo e lugar, e embora algumas características e funções apareçam em escalas e modelos diferentes, cada uma delas compõe um todo, como nosso Sol compõe o esquema da Via Láctea, e uma célula hepática se relaciona com nosso organismo todo. Superficialmente, as substâncias do universo parecem semelhantes, mas a água do mar, por exemplo, não é como a de um lago, nem pode acolher o mesmo tipo de vida. É a posição relativa que altera sua função. Uma molécula de água, para continuar com o exemplo, pode conhecer diversos estados. Primeiro, como vapor, ela compõe uma nuvem. Depois, como uma gota de água, ela é absorvida na poeira e vai alimentar uma planta. Por algum tempo ela se fixará numa estrutura orgânica, parte do suco de uma fruta que será absorvido por um animal. Na corrente sanguínea desse animal ela permanecerá até que o homem o abata e coma. E eis que a molécula passa por mil diferentes experiências no corpo do homem, até que seja eliminada. Através de um percurso tão longo ela conheceu processos químicos, mecânicos e orgânicos, antes de ser liberada em algum rio, onde ficará juntamente com milhões de moléculas semelhantes, até que todas voltem ao mar. Alguns séculos se passarão até que ela seja levada à superfície das águas e evapore novamente, ganhando a antiga forma de nuvem. Assim é o mundo relativo, em miniatura.

No universo relativo tudo é uma questão de tempo e posição. O Sol é um jovem que amadurece, em comparação com a maior parte das estrelas, e a Terra é ainda adolescente, com os primeiros pelos verdes em seu rosto jovem. A humanidade, dado seu comportamento, está ainda na infância — a julgar por suas birras periódicas e pelo costume de quebrar seus brinque-

dos! Tudo é relativo, cada nível se acomodando no de cima e contendo o de baixo, o conjunto se ajustando num grande mosaico que vai da mais alta e poderosa energia até a mais baixa e densa forma dos elementos. Aqui nós temos o cume da árvore da vida, Kether — a coroa — e a base, Malcut — o reino.

A árvore da vida explica o universo relativo em todos os seus níveis. É o seu padrão arquetípico. Acima e além de Kether, no entanto — a coroa côncava, através da qual o Criador se manifesta — jaz a imanifesta existência negativa.

A existência negativa é a zona intermediária entre a cabeça de Deus e sua criação. É a pausa antes da música, o silêncio entre cada nota, a tela em branco antes de cada quadro e o espaço vazio pronto para ser preenchido. Sem essa não-existente existência nada pode ter sua essência. É o vazio, mas, sem ele e seu potencial o universo relativo não poderia se manifestar.

A existência negativa está presente em todos os níveis da criação. Ela fica além do espaço e do tempo. Sem ela não poderia haver galáxias ou homens. Ela contém, como o espaço de um quarto, o vazio em que vivemos. O vazio é o fundo imóvel sobre o qual o tempo se move. A existência negativa possibilita ao homem ser o que ele é. Espelho dos espelhos, a existência negativa permite, através de sua não-interferência, o mais nítido reflexo da criação.

O véu mais próximo do universo relativo é Ain Soph Aur — a luz sem tempo —, isto é, aquele que está em toda parte e penetra até a matéria mais espessa, como certos raios cósmicos que passam através de nosso planeta como a luz passa através de uma janela de vidro.

Ao segundo véu, do qual sabemos ainda menos, é Ain Soph — o sem limites. Esse é o primeiro degrau para a manifestação do Criador. É o ponto onde Ain, o vazio final, começa a sair do nada para o sem limite, ou infinito, onde há algo que é sem fim.

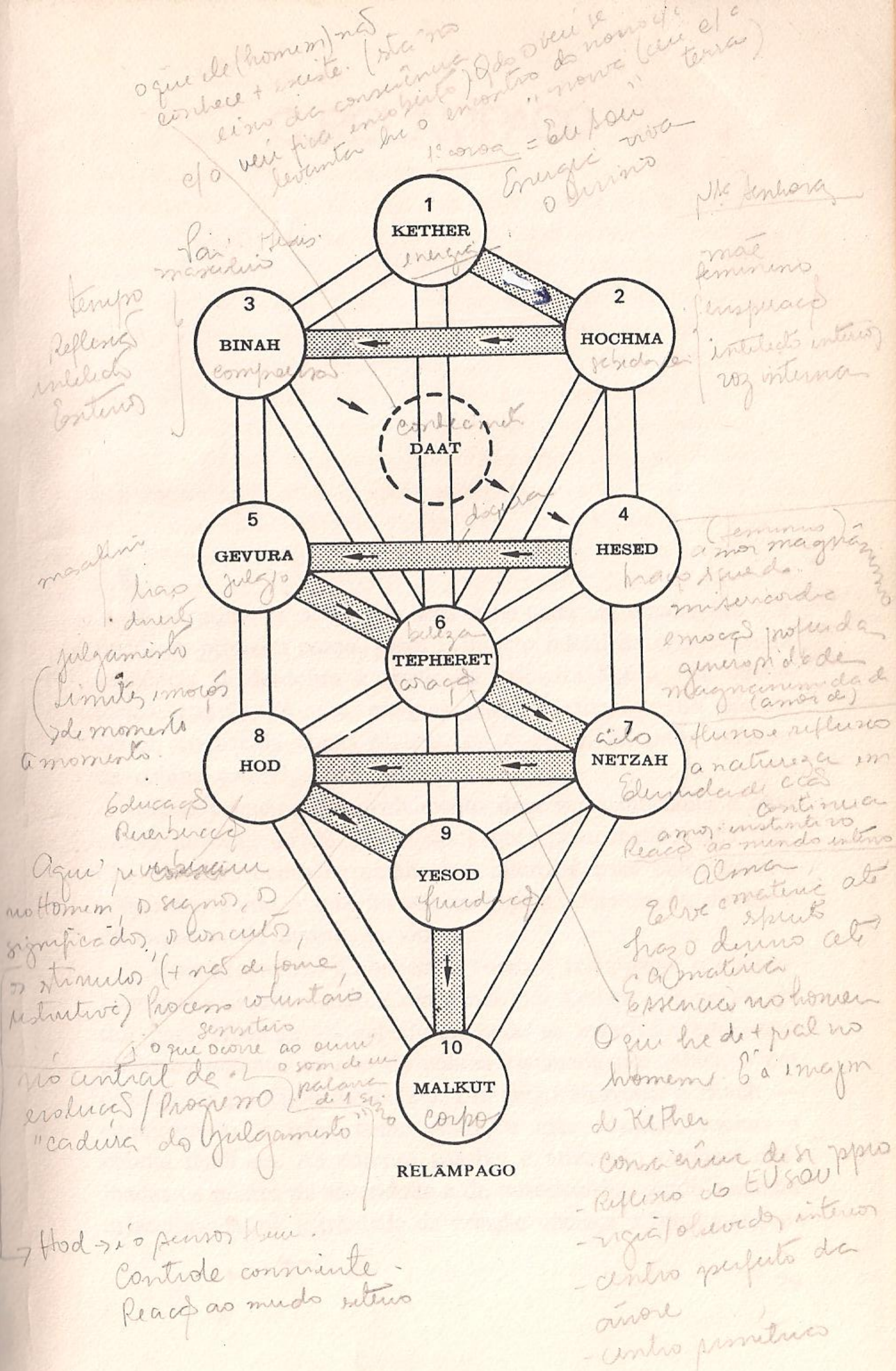
Além disso há coisa alguma e ainda além há o Absoluto. Esses três estágios constituem um estado condensado, crista-

lizado fora do ser que penetra o conjunto do todo; um ponto no centro de uma esfera não-circunferencial. Essa destilação, esse ponto, não conhece dimensão, seja no tempo, seja no espaço, embora contenha todos os mundos, do mais alto ao mais baixo, os gases interestelares, as galáxias, as estrelas, os planetas, a vida orgânica, o homem, os órgãos, as células, as moléculas, os átomos e o mundo subatômico — onde a matéria cessa de ser sólida e torna-se pura energia, antes de surgir um nada ilusório de novo.

Esse traço que tudo inclui é chamado primeira coroa, a primeira indicação do Absoluto, talvez melhor conhecido como Eu Sou, o primeiro dos muitos nomes de Deus.

Dessa alta coroa fluem todos os seres que foram, são ou serão. Na existência negativa jazem miríades de possibilidades. O homem vê apenas uma fina seção dessa dimensão sempre presente. Nele estão todos seus filhos, e os filhos de seus filhos. De Adão vieram todos os homens. Teria Abraão compreendido o total significado de sua semente, seu potencial de nação? Ninguém, exceto talvez o mais sábio, pode perceber que vive nele um mundo inteiro, o qual está presente em forma negativa, pronto para se manifestar amanhã ou dentro de um milhão de anos.

Essa é a existência negativa, que está e não está ali, a qual por sua própria natureza é a mais próxima de nós, e no entanto é a mais difícil de ser percebida. Aqui o Absoluto está separado de sua criação, apesar de permanecer sempre presente dentro dela.



RELÂMPAGO

O RELÂMPAGO

A estrutura da árvore da vida é baseada em emanações que fluem da primeira coroa. Após o ímpeto inicial da criação, uma seqüência se desdobra a partir da primeira Sefira (ou envoltório) através de oito estágios para se dissolver na décima Sefira, conhecida como Malcut, ou o reino, na parte inferior da coluna central.

Esse primeiro desenvolvimento deve ser semelhante a uma oitava musical, do dó ao dó, cada nota preenchendo uma função peculiar, como as emanações intermediárias entre energia e matéria, como o que foi expresso pelas colunas da direita e da esquerda da árvore da vida.

Essa progressão é conhecida como o relâmpago, o qual ziguezagueia árvore abaixo. Começando por Kether — a coroa, ele flui para Hochma — sabedoria, onde se manifesta com uma dinâmica potente no alto da coluna encimada por Abba, o pai cósmico, o princípio masculino. Ele então atravessa o Binah — compreensão, o qual, como Aima, a mãe cósmica, encima a coluna feminina. As colunas passiva e ativa são também chamadas os pilares da severidade e da misericórdia, sendo a última masculina. Aqui, a trindade da criação começa a funcionar, co-

mo a energia divina, fora de seu perfeito equilíbrio, tenta encontrar seu nível e se dissolve novamente. O fluxo das emanações, não reduzido em sua natureza essencial, embora transformado em outra ordem, atravessa a coluna central de equilíbrio e passa para a Sefira Hesed, ou misericórdia. Aqui o poder, tendo sido recebido na coluna ativa novamente, assume a qualidade dinâmica e expansiva desse estágio, antes de evolar para Gevura, ou julgamento, na quinta estação. Aqui a força é testada, calculada e ajustada, antes de ser transmitida para Tepheret, a Sefira vital, no pilar médio da árvore. Nesse momento há um ponto crítico de equilíbrio. Tepheret, ou beleza, tem uma relação especial com Kether, a coroa, pela conexão com o eixo da coluna central. A única coisa que separa Tepheret de Kether, a coroa, é uma Sefira invisível conhecida como Daat, ou conhecimento, que atua apenas em condições particulares. Em Tepheret uma imagem é mantida, um espelho de Kether, porém operando em pequena escala. As emanações são passadas então à ativa Sefira Netzah, ou eternidade. Esse é o ponto onde as funções ativas repetem-se continuamente para manter o nível de energia. Desse transformador a emanação atravessa o Hod — o esplendor. Isso pode também ser traduzido da raiz hebraica como reverberação, o que é talvez uma melhor descrição da função de Hod, cujo trabalho é colher e passar a informação. A partir daí a emanação toca novamente a coluna central e se concentra em Yesod, ou a fundação. Aqui eles são novamente refletidos, mas obscuramente, um reflexo de um reflexo, embora ainda bastante fortes para produzirem intensas projeções — mas apenas projeções. Diretamente abaixo, a última Sefira, Malcut — o reino. Ali estão acumuladas todas as energias, ativas e passivas, e todo o processo recebido do Sefirot superior. Esse é o dó solucionado da oitava completa.

O Sefirot na árvore deve ser encarado como um sistema de funções num circuito através do qual flui a corrente divina. Cada função cria não apenas um fenômeno mas transforma todos os subcircuitos adjacentes. Todo Sefirot pode mudar a direção do fluxo, criando variados campos e ações. A força pode

ser dirigida para cima e para baixo em todo Sefirot e com isso modificar os eventos, enquanto a corrente retorna ao curso, através da terra de Malcut.

Um exemplo do relâmpago passando através da árvore pode ser encontrado no processo de escrever um livro. Kether é a coroa, o princípio criativo. A idéia é concebida em Hochma. Como uma visão, ela pode ser muito poderosa, a semente de um grande romance, mas em Hochma é meramente uma idéia, poderosa mas informe. Por um longo período ela começará a ser formulada em Binah. Será melhor como uma peça ou como um filme? Talvez melhor como um conto, curto e objetivo? O tempo e o princípio da receptiva e alta Sefira de Binah dão-lhe forma de livro, digamos, de tamanho médio, dedicado a uma situação particular, no qual certos personagens serão incluídos. Nesse estágio ele pode permanecer por alguns anos, na mente do escritor, o qual talvez nunca chegue a escrevê-lo. Mas um dia ele ganha corpo, numa entidade definida. É Daat, conhecimento. Daí em diante será um processo completamente novo, chamado por alguns escritores de "bolação". Ao período de incubação segue-se o Hesédico, ou de gestação, com características de crescimento e expansão. As situações se desenvolvem, fragmentos de diálogos aparecem na consciência do escritor, personagens começam a se desenvolver, toda a história começa a se completar e fazer sentido. Nesse ponto Hesed da operação é que o escritor atira-se ao trabalho ou perde, por pura dissipação mental, idéias que borbulham dentro dele. Ele começa a escrever um esboço, organizando as forças criativas presentes em seu espírito. Contudo, ele precisa julgar e orientar (função de Gevura) o material que Hesed lhe fornece, uma vez que ele é quase excessivo. Aos poucos, o livro começa a ganhar forma: a essência, ou Tepheret, começa a se manifestar. Talvez seja o mais importante trabalho de sua época, a destilação da experiência de toda uma vida, talvez se trate apenas de um humilde livro didático, mas seja como for ele trará sua própria marca registrada, sua qualidade particular. É assim que nós distinguimos um Tolstoi de um Hemingway. Em Tepheret, a síntese da

forma e da energia está centrada na coluna do meio, e aqui está a razão pela qual essa Sefira é conhecida como beleza. De qualquer maneira, a esta altura o livro ainda não estará visível, estando ainda em grande parte na mente do escritor. Ele tem ainda que compô-lo em seu todo, ou a obra será mais uma obra-prima não escrita. Netzah, ou eternidade, cumprirá essa parte da tarefa. As forças vitais do corpo, controladas por Hod, os processos voluntários, farão com que a pena se mova sobre o papel. Netzah sabe sua tarefa instintivamente, enquanto Hod, treinado com reflexos mentais e físicos, enfoca os conhecimentos adquiridos, ou a linguagem, no que serão sentenças compreensíveis. Yesod, ou a fundação, que é um amálgama de tudo o que já passou, organiza a operação de um modo bem pessoal, retendo o que já foi escrito e mantendo uma memória do conjunto, para efeito de consulta e referência. Malcut é o corpo e o livro em si, a verdadeira manifestação física no mundo. O céu encontrou a Terra.

Nesse resumo demos uma noção do relâmpago, conforme ele é descrito na árvore da vida do homem. Todo o processo criador no universo segue o mesmo padrão, embora em termos de seu nível respectivo.

A ÁRVORE E O HOMEM

Diz-se da árvore que ela se relaciona com todo o ser ou organização completos. Como ela diz respeito ao homem, então? É importante que cada um verifique por si mesmo, diretamente, com sua própria experiência, ou o assunto se torna mera aprendizagem.

Velhas gravuras superpõem uma figura de homem de braços levantados sobre a árvore da vida, com a coluna da passividade à sua direita. Isso serve para diferençar o microcosmo da árvore da vida macrocósmica, a qual tem o Sefirot da esquerda para a direita. Desse modo, o microcosmo forma um relacionamento espelhado com o universo.

Nesses diagramas, o Sefirot está freqüentemente relacionado com partes do corpo: Tepheret é o coração, ou o plexo solar, Hesed é o braço esquerdo, Gevura é o forte braço direito, Yesod são os órgãos genitais, com Netzah e Hod como pernas que se firmam no reino de Malcut ou os elementos. Binah e Hochma são algumas vezes colocados em ambos os lados da cabeça, e em outros diagramas nas palmas das mãos levantadas, com Kether, a coroa, no alto, sobre a cabeça.

Intelecto Exterior
Intelecto Interior
Conhecimento
Emoção Exterior
Emoção Interior
Natureza Essencial
Processos Voluntários
Processos Involuntários
Persona Imagem do Mundo
Corpo

A ÁRVORE DO HOMEM

Minhas simpatias pessoais, entretanto, vão para a escola que coloca todo o corpo físico em Malcut, com seu processo de circulação vital na tríade Netzah-Hod-Malcut, com Sefira e Yesod agindo como uma superfície refletora da consciência, em seu centro.

Começando em Kether como o desconhecido potencial do homem, encontramos o relâmpago e seu caminho ziguezagueante através do homem.

Em Hochma — sabedoria, encontramos a função do intelecto profundo. Essa é a parte mais profunda da mente, o mais alto centro intelectual do qual emerge o pensamento silencioso. Dessa área poderosa surgem as idéias e observações mais profundas. Esse centro vê com o olho sutil da iluminação, e fala sem usar palavras, como sabedoria. Essa área tem uma qualidade quase divina e de fato ela tem uma conexão direta com o mundo divino. A originalidade é sua grande característica e na grande maioria dos homens ela é ouvida pela consciência muitas vezes durante a vida. Diz-se que a epilepsia, a doença divina, é o estado produzido quando alguém, a certa altura, tem um excesso de Hochma e mergulha na treva quando seu organismo não suporta a sobrecarga de luz. Em casos raros isso é manifestado como uma explosão de genialidade ou os passos finais para a iluminação.

Para contrabalançar, a coluna passiva é Binah — o intelecto exterior e a compreensão. Como o nome diz, essa Sefira sustenta e recebe. É feminina e atua como uma formulação ao estímulo ativo vindo através da árvore, procedente do Hochma, descendo o caminho de Kether. Ela transforma, pela inteligência receptiva, as comunicações em princípios compreensíveis. Esse processamento é um tanto longo, podendo durar muitos anos. Einstein dizia ter percebido certas idéias num momento, mas ter gasto um longo período trabalhando nelas para organizá-las em sua concepção original. Esse fator tempo é uma qualidade de Binah. Além de receber de cima, Binah também reage ao fluxo procedente de baixo. A experiência do mundo exterior acumulada em Binah, como conhecimento e fatos observados

muitas vezes, é vista em termos de uma percepção geral. "Sempre acontece assim", diz o intelecto exterior. Tomado de um ponto de vista construtivo, isso é útil no que se refere ao grande propósito, mas usado impensadamente constitui-se numa concepção muito generalizada e conservadora. Aqui podemos ver quanto a ênfase num dos lados da árvore, ou em outro, resulta num enfoque reacionário na coluna passiva, como pode resultar num enfoque revolucionário na coluna ativa. Em nenhum deles há equilíbrio: o enfoque deve ser efetivado no pilar médio da eqüidistância. Binah, nesses casos, atua como um contrapeso de Hochma, e vice-versa. Isso ocorre sempre na árvore, cada lado corrigindo o outro. Binah é o pensamento reflexivo e se opõe à inspiração. É método, o estabelecimento de princípios, a visão demorada e a apreciação dos padrões e processos cósmicos. Vemos esses dois Sefirot superiores trabalhando em velhos sábios e freqüentemente em nossa própria profundidade. Em termos cósmicos, eles são nosso pai e nossa mãe, em termos físicos, psicológicos e espirituais.

Hesed é emoção profunda, a qualidade de devoção observada no trabalho de uma vida, a profunda experiência às vezes encontrada num caso de amor ou a sensação obtida num instante de profunda religiosidade. Essa Sefira representa para o homem uma necessidade criadora poderosa, o tipo de força que pode fazer um povo desenvolver um continente, dedicando tempo e dinheiro a boas obras, proporcionando cuidados a uma família miserável, ou concedendo atenção consciente à elaboração de uma obra de arte. É a grande fonte de emoção, a corrente de águas profundas que um homem pode drenar em seu benefício, quando as emoções ordinárias são inadequadas. É aí que se origina a magnanimidade e de onde crescem os sentimentos mais altos.

Hesed é, no homem, uma outra voz profunda. Não é o elevado julgamento de Gevura — seu complemento emocional exterior na árvore. Hesed possui a qualidade da misericórdia e da generosidade; no entanto, excessivamente valorizada, ela pode produzir um dilúvio de sentimentos, um amor torrencial, um dés-

pota benigno que vê os próprios excessos como um direito, tolerando tudo. Nesse estado de descontrole um homem pode dissipar sua força e sua saúde em indulgências, permitindo que sua perda de Gevura o conduza a um total *laissez-faire*. Pouco menos extremada é a posição do intelectual centrado em Hesed, o qual assume uma atitude excessivamente liberal. Ele citará, montado numa segura posição material em Hesed, idéias sobre a liberdade universal e a fraternidade humana, enquanto seus companheiros menos afortunados são oprimidos por criminosos que tiram vantagens de sua complacência.

Gevura — emoção externa — é o contrapeso nesse par emocional de opostos. Sua função, definida tradicionalmente como severidade, é julgar, de momento a momento, como se faz em assuntos do cotidiano. Gevura devia ser imparcial mas em homem algum ela atua assim. Ela tem de ser criada a partir do equilíbrio entre os lados positivo e negativo da árvore. Esse desejo de equilíbrio é visto na criação, com todas as palavras. Ele é também expresso no nome tradicional do pilar médio de clemência, o qual está entre as colunas da severidade e da misericórdia.

Com Gevura pode advir o entendimento passivo. Ele recebe as emanações de Binah, acima, e juntamente com sua própria compreensão forma um julgamento, que, de acordo com a filosofia desenvolvida ou aceita por Binah, pode ir do ortodoxo ao excêntrico. Até um anarquista tem seu Binah e faz dele seu ponto de referência para um julgamento. É preciso observar uma discussão política apaixonada para ver Binah e Gevura em ação.

Em suas relações com Hesed, Gevura trabalha corretamente como o aspecto feminino. Como Binah, Gevura reage também ao mundo externo. Quando um homem encontra alguém pela primeira vez, é possível ouvir seu Gevura, uma crítica silenciosa a respeito de tudo do outro. Atrás disso está talvez seu Hesed perdoado, enquanto acima um Binah freqüentemente convencional forma o pano de fundo para as opiniões. Claro que essas são reações muito mundanas mas para quase todos nós elas são

as únicas que podemos identificar como partes diferentes de nossa mente.

A Gevura descontrolada, isto é, sem o elemento compensador da magnanimidade proveniente de Hesed, torna-se sem dúvida agressiva, em lugar de agudamente receptiva. Sem controle ela pode tornar um homem um hipócrita, um disciplinador, ou um militante cruel. Essa é a Sefira do sim ou do não, como servidor excelente, como senhor perigoso e inflexível. Em termos de negócios humanos, é a instituição que decide, sob a lei — Binah —, o que é certo e o que é errado. Nas reformas sociais é a força que elimina a corrupção e a hipocrisia. No nível individual, Gevura destrói a mentira e a doença — função vital em todo organismo e em toda mente. A Gevura superativada fala pela Inquisição e pelo macartismo, enquanto o passivo Hesed advoga a liberdade ilimitada em qualquer campo, no econômico, no social, no ético e no artístico. Aqui mais uma vez emerge o indispensável princípio da reconciliação, personificado pelo pilar médio, também conhecido como a coluna da doçura.

Tepheret — beleza — é o foco da natureza essencial do homem. Ele fica na coluna central, o eixo da consciência que flui através do Kether para Malcut. No homem, a altura em que ele é centrado determina o nível do seu ser, e enquanto as duas colunas de cada lado dirigem as funções, a coluna do equilíbrio mostra quem ele é.

A natureza essencial de alguém é aquela com a qual esse alguém nasce. Ela é sua ainda que ela participe dos domínios de cima ou dos reinados de baixo. Tepheret tem sido descrito como um Kether em baixo nível, ou, em termos bíblicos, como um homem à imagem de Deus. Tepheret é o que há de mais real num indivíduo. Aqui, no foco de oito caminhos, está compreendida a síntese de Tepheret. Conhecido tradicionalmente como a cadeira de julgamento, ele tem acesso a todo o Sefirot, exceto Malcut — o reino — ou no homem, seu corpo. Por isso a natureza essencial do homem não pode ser vista no mundo físico, embora seu caráter possa ser deduzido de suas ações.

Tepheret, beleza, ou a natureza essencial do homem, é sua consciência de si próprio. Ele sabe a respeito de si, embora possa esquecer-se de quase tudo, tão envolvido se encontra em sua atividade. É o vigia, em momento de grande perigo. É o observador que observa sem olhos, cuja lucidez testemunha o momento com estranha clarividência. Isso é o que você é, um reflexo do Eu Sou.

Tepheret é chamado beleza e não sem razão. É o ponto de equilíbrio, o centro perfeito simétrico da árvore da vida. Se você deseja examinar algum organismo completo, coloque-o na lâmina do Tepheret e a árvore agirá como um microscópio. Usando esse cristal essencial, todos os aspectos encontrarão seu lugar na árvore, cada Sefira mostrando, através de seu princípio e função, a estrutura e a organização daquilo que você está examinando.

No homem, sua natureza essencial é a chave. "Conhece-te a ti mesmo", dizem todos os filósofos. Em Tepheret está esse eu, a meio caminho entre o céu e a Terra. Incrustado no corpo por algum tempo, ele participa dos mundos superiores e inferiores, trazendo o divino até a matéria, elevando a matéria até as alturas do espírito. Tepheret é a conexão do visível com o invisível. Quando você encontra alguém que não vê há 20 anos, sua aparência física parece ter mudado basicamente desde os tempos de escola mas mesmo assim é possível reconhecê-lo sem sombra de dúvida. É o conjunto? São os olhos? Não, é alguma coisa mais, algo muito pessoal nele e mesmo depois de 80 anos exclusivamente dele. É a natureza essencial brilhando no homem.

Essa Sefira tem um lugar especial. É um ponto do qual as coisas fluem em todas as direções e para o qual fluem de todos os lados. Mais importante que isso é a criatura, uma vez que Kether pode existir sem o resto do Sefirot. Sem Tepheret ou a natureza essencial do homem, o corpo de Malcut seria um autômato sem alma, um mero sistema de matéria inanimada, sem qualquer possibilidade de evolução. Tepheret, portanto, é o nó górdio do progresso; cada lição aprendida é soma-

da na cadeira de julgamento, aumentando vagarosamente seu nível, transformando um ser meio adormecido num desperto e ativo participante do processo. Esse é talvez o significado simbólico da lenda da Bela Adormecida e de toda sua sonolenta corte. Como uma árvore da vida, somos o palácio, a princesa e os cortesãos — mas onde está o príncipe?

Sobre o Tepheret, no eixo da consciência, jaz a Sefira invisível de Daat, ou conhecimento. Colocada sob a coroa, ela representa no homem o que ele não conhece mas existe. É nesse instante que sua individualidade se dissolve e ele pode experimentar — ou não experimentar — a união com o divino Kether. Em raras ocasiões de meditação sabemos que esse fenômeno tem ocorrido. Não se mergulha em sonhos, como ocorre vulgarmente, mas no nada — ou coisa alguma. Um homem que obtenha esse estado pode perfeitamente descrevê-lo como um vazio, um abismo no qual o ego morre. A partir daí temos muitos comentários confusos sobre a aniquilação do eu. Talvez o mais justo paralelo com fatos da vida ordinária seja o do amor, quando o amante esquece totalmente de si mergulhando no outro. Aquele amor, porém, é de ordem cósmica, o primeiro passo no sentido de cortejar a noiva terrena Malcut, dado pelo noivo cerúleo Kether. Daat é o véu, atrás do qual está o conhecimento e a existência do universo objetivo.

Netzah — eternidade ou a Sefira repetida, é no homem todo o processo involuntário, inclusive o sistema autônomo. É a primeira Sefira a verdadeiramente ser vista atuando no reino físico. Netzah, na base da coluna ativa da árvore, fornece a força para todas as funções vitais, das batidas do coração ao processo digestivo. Essa Sefira se manifesta não apenas no mecanismo cíclico interior como também no exterior — o instinto de atração e repulsão entre os sexos, o fluxo e o refluxo dos desejos. Aqui a natureza está em ação, criativa, criando e desfazendo, realizando mil pequenas modificações, de acordo com a época e as estações. Em Netzah mora o amor mas um amor de ordem diferente daquela do Hesed acima. Esse amor instintivo surge a cada primavera, quando milhares de rapazes sen-

tem-se subitamente atraídos por milhares de moças, sendo cada um desses encontros um relacionamento único do seu tipo. Esse fenômeno foi observado sempre, através dos séculos, com deleite, vendo-se esse amadurecimento como parte de um ciclo, um festival de primavera eternamente repetido no corpo da humanidade.

Netzah é, no organismo humano, o fornecedor da força instintiva. Ele conserva não apenas a saúde do corpo como provê energia para Hod, o processo voluntário, o fator de equilíbrio do lado receptivo da árvore. Hod, como dissemos, pode ser traduzido do hebraico como "esplendor" mas sua etimologia relaciona-se também com a palavra "reverberação" — os cabalistas tinham uma técnica tradicional de enganar, afastar ocasionais curiosos, provocando confusão deliberada, com suas palavras obscuras. A raiz da palavra Hod aplica-se precisamente ao processo voluntário. Ela inclui todos os sentidos e responde, ou reverbera, a dados precisos. Além dos cinco óbvios sentidos, o homem não é sensível apenas ao calor, ao odor, ao som e às demais impressões físicas mas também é aberto ao significado contido no som das palavras, à música, aos significados contidos na matemática, aos símbolos e às formas. Um homem deve receber estímulos físicos, emocionais e intelectuais, todos os quais precisam ser comunicados ao mundo interior do organismo. Assim, um notável conceito abstrato ou a visão de uma mulher nua, podem produzir grande impacto num homem e mesmo assim não serem recebidos pelo mesmo Sefirot dentro dele. A excitação criada nesses dois casos pode ser Hod e Netzah, respectivamente, embora não necessariamente em outras situações.

Além de reagir ao mundo exterior, como faz toda a coluna passiva da qual Hod é a base, essa Sefira também chega a Netzah. Um homem pode achar certa mulher insuportavelmente atraente mas Hod controla seu desejo. Essa é a Sefira de condicionamento mental, ou educação. As boas maneiras são adquiridas aqui como todas as demais habilidades, as quais são estocadas no cérebro e ali se tornam memórias condicionadas

e reflexos, sejam eles conhecimentos gerais ou reações físicas. O treinamento de um soldado pode ser sua segunda natureza numa batalha mas ele ainda é coisa de Hod, embora o desejo de sobreviver do soldado seja Netzah.

Esses dois Sefirots mais baixos encarregam-se das manifestações dos princípios passivo e ativo no reino físico, o qual começa nesse ponto, na árvore. O que nós normalmente vemos do mundo é o nível Netzah-Hod. Observe-se uma hora de trânsito intenso numa grande cidade; os olhos das pessoas têm uma expressão distante, elas estão mergulhadas em sonhos, enquanto seus sistemas Hod-Netzah os conduzem ao longo dos caminhos da rotina. No trabalho e no lazer, Hod e Netzah cumprem tarefas sem fim, operando máquinas, lendo, escrevendo, andando pela casa, cuidando das crianças, relacionando-se, praticando jogos físicos e intelectuais, fazendo amor. Em meio e abaixo desses Sefirots está o universo de nossa percepção. Yesod é o eixo da mente, do mundo material e da ação. A consciência do ego no pilar médio, seu nome traduzido, "fundação", indica sua importância no percebimento do universo ao redor de nós.

Yesod no homem está relacionada a essa estranha parte dele na qual ele forma as imagens. Na coluna central mas em escala inferior a Tepheret, há como uma sala de espelhos onde tudo que é apresentado nos caminhos que correm para ali é continuamente refletido e projetado. Aquelas sendas mantêm-na suspensa entre os quatro pontos de Tepheret, Netzah, Hod e Malcut, e através dela um homem pode ver os mundos interiores e exteriores. Yesod é suprido com dados precedentes de Hod, energia de Netzah e veículo material para viver ali de Malcut. Idealmente, é o servidor de Tepheret, a natureza essencial, o qual é por sua vez nada mais que o mordomo do homem, para o qual Kether, a coroa, é rei. No entanto, como comumente acontece, um homem se esquece depressa na infância o lúcido observador de sua natureza essencial e começa a confiar apenas em Yesod, o ego-*persona* constantemente acumulado, o qual quer conquistar o mundo e tudo o que está

por perto. Se ele é produto de um certo nível social, ele terá uma forma, se procede de outro nível, outra forma. Sua família exige que ele se comporte de um modo, seus colegas de outro. Esses e outros hábitos e atitudes serão acumulados em seu Yesod e formarão um retrato de si próprio, um ego trabalhado. Enquanto Hod supre o material em sua reação ao mundo externo e Netzah ao mundo interno, sua imitação e comparação do que ele percebe construirão uma imagem do seu relacionamento com a vida em redor. Suas atrações e repulsas criam ainda uma outra forma, outra entre as que vivem na armadura psicológica yesódica, a qual se vai acumulando sobre a natureza essencial — parte para protegê-la, parte para oprimi-la. Essa é a *persona,* palavra latina significando máscara, uma acurada descrição para o que é chamado personalidade. Isso é o que o mundo vê, e o que um homem que perdeu o contato consigo mesmo certamente também pensa de sua verdadeira natureza. Um rosto pode ser meigo e as maneiras sedutoras mas, para o olho que sabe discernir, esse pode ser um homem aprisionado numa máscara de ferro psicológica.

Yesod é, em sua posição correta, um soberbo conselheiro. Ele unifica as informações dos reinos físico e psicológico, expressando tudo em imagens legíveis. Assim você recorda cenas com sons e odores, recorda-se de números de telefone, separa os elementos de um problema a ser resolvido, recapitula ou ensaia uma situação que precisa ser bem executada. É um refletor do que não pode ser visto diretamente pela mente ou pelo corpo. É uma tela particular num laboratório, para um cientista, e uma sala íntima de projeção para um artista. Os abrigos de Yesod são estruturas frágeis e efêmeras mantidas em equilíbrio no fundo das consciências. Durante o sono, Yesod passa um filme resumido do dia e dos problemas em pauta, comumente usando atores e situações fornecidos por outro Sefirot. Em caso de loucura, Yesod parece ser o mundo real graças ao fato de sua conexão com Malcut inferior estar bloqueada ou cortada. Na morte, diz-se que Yesod reprisa o filme da vida do moribundo diante de seus olhos. Embora nada se

tenha provado a respeito, trata-se de uma especulação interessante.

Yesod é, então, uma máscara fixa por fora e um espelho camaleônico por dentro, a configuração da máscara distorcendo ou tornando mais clara a imagem apresentada à consciência interior. Aqui é apresentada a imagem do corpo de um homem, o percebimento de quão longo é seu braço, o conhecimento de quanto ele precisa modular sua voz para que ela se coloque no timbre desejado. Essa é uma arena de referências encadeadas para tudo o que ele aprendeu e seja ele um selvagem ou um sofisticado, poderá identificar, finalmente, as roupas materiais e psicológicas que ele veste. Não obstante, como a roupa nova do imperador, ela não é sempre tão concreta quanto ele gostaria que fosse, sendo freqüentemente uma miragem útil com a qual ele lida com situações familiares mas bastante inadequada quando se trata de situações inusitadas, como a tomada de importantes decisões fora de seu campo. Observe em você mesmo o que ocorre quando dois dos seus amigos, de esferas totalmente diferentes, se encontram em sua casa. Uma esquizofrenia branda acontece, então, e essa é a *persona*. Só um homem em contato com sua natureza essencial é o mesmo diante de todos, indiferentemente. Yesod pode ser, no caso, uma ponte ou uma barreira. Pode ser um veículo de imaginação criadora ou um refúgio de ilusão. É o principal olho que temos de nós mesmos e do mundo. Dependendo do enevoado ou da transparência do espelho-tela, o estado passivo ou ativo de nossa máscara, nós podemos chegar ao fundo de nossa consciência. Aí só a nós cabe decidir se despertamos ou continuamos meio adormecidos.

A segunda e também importante característica de Yesod, a fundação, em sua relação com o homem, é sua correspondência com o ato sexual. Essa Sefira situada no eixo principal da árvore recebe energia diretamente via Tepheret, de Daat e Kether. Enfocada em Yesod e derivando para os lados masculino e feminino da árvore, é formada a tríade sexual. Isso ocorre por obra das forças ativo-passivas trazidas para a relação criativa pelo pilar do equilíbrio. De fato, os três pares do Sefirot exterior são os mais altos da árvore, mas eles são antes de tudo opostos funcionais. Só o Sefirot central pode assumir o papel único da transformação. Yesod pode deflagrar a concepção na união sexual e ele é também a consciência básica ou fundação do nascimento espiritual. Tepheret relaciona-se com a descoberta do eu, enquanto Daat é o ponto onde essa identidade desaparece no vazio da consciência cósmica, ante a união com Kether.

Na vida exterior Yesod é a grande força impulsionadora. Sexo é mais do que o ato sexual, ele gera mais do que apenas filhos. O comércio e a arte sabem que os homens amam as mulheres e as mulheres adoram os homens. Anúncios, filmes, peças, restaurantes, roupas, milhares de atividades a essa permuta dinâmica que dá ao drama da vida um tempero especial. A era da máquina jamais recuperará a interação entre os sexos e a vasta soma de tempo e energia gasta com ela. A força impulsionadora de Yesod é encontrada na política, tanto quanto no salão de dança. Os homens tentam provar a si próprios, subindo aos picos das montanhas ou conquistando a Lua, a qualidade fálica — portanto yesódica — de seus sonhos.

Essa usina de força é vital para a existência. Sem ela o homem não tem força para prosseguir. A energia tem de fluir de cima mas aqui há uma escolha de direção. Através da conversão dessa força exuberante, um homem pode tirar o pé da escada da auto-realização, e aí estará voltando. Ele estará se movendo em oposição à oitava descendente da criação, refazendo ao contrário a senda que leva às fontes da mesma criação. Talvez por isso essa Sefira é chamada fundação.

Malcut no homem é seu corpo físico. A tradução da palavra, reino, refere-se aos elementos terrestres. O corpo é composto literalmente de terra, todos os ossos, tecidos e células são construídos de minerais e traços de metal. Esses elementos da terra formam, em sua maior parte, a estrutura do corpo, e estão dispostos de maneira tal que sustentam as formas e os

sistemas do corpo, enquanto estão mudando continuamente de substância.

O princípio contido no elemento água também passa continuamente através do organismo. No sangue e em todo o corpo a água circula em todas as regiões do corpo, dos mais finos capilares às paredes das células. Sem a água o corpo enrugaria, cessando as mudanças operadas pelo metabolismo. Essas marés internas não apenas mantêm o fluxo mais fácil do material que passa pelo corpo mas ajudam no processo de crescimento.

O ar, o terceiro estado elemental, é manifestado como o maior contribuinte do ciclo gerador de energia do corpo, mas precisa ser examinado com os variados gases que o compõem. Eles penetram no sangue e nos tecidos e a carência de um desses gases pode gerar sério desequilíbrio orgânico e até a morte. O homem antes do nascimento é uma criatura aquática, vivendo nos fluidos do ventre materno. No nascimento, as portas do organismo se fecham e se abrem, e com o primeiro alento surge um novo conjunto na escala dos mamíferos, mesmo se não se segue outro desenvolvimento. No ar, além dos gases conhecidos há diversos outros, alguns muito raros e de registro difícil. Já se disse que num estado espiritual desperto, o corpo pode extrair esses elementos sutis, produzindo então um novo nascimento, dessa vez de consciência.

O fogo, o elemento mais leve, é o símbolo da energia radiante, emitindo calor, luz e muitas outras freqüências. No homem muitos desses elementos são registrados em seu corpo vivo, tornando-se obviamente ausentes nos cadáveres. O fogo pode ser, num estado, o calor, e em outro pode ser o sistema bioelétrico que cerca o ser vivo. Pode ser o pensamento ou a percepção psicológica, ou mesmo o espírito primitivo em animais. Ele é, no entanto, discernível como o elemento mais sutil presente no corpo físico. Pode ser os campos elétricos dentro dos quais as células vivas são as mais cruas descrições do processo vibratório originário das moléculas do ADN, compondo-as e governando-as. Essas moléculas podem ser, por sua vez, os circuitos impressos preparados para receberem os influxos de

energia conhecidos como vida, uma vez que parece que todo organismo, afastado da radiação solar e de todos os contatos com o fogo na terra, acaba por morrer.

Para o homem, Malcut é também o universo físico. Quando ele espia por um telescópio ou olha por um microscópio, ele vê Malcut, o nível mais denso da materialidade. Mesmo seu radiotelescópio só registra Malcut — os campos de radiação que cercam os corpos elementais. As delicadas formas da galáxia de Andrômeda não são senão um corpo bastante sólido num estado difuso. O desenho das estruturas atômicas registrado num microscópio eletrônico é apenas o registro de sua aparência física, embora possamos nos perguntar a respeito de suas formas caprichosas. O próximo reino, aquele do universo em formação, fica oculto à visão material, mais próximo da sensibilidade de um artista em seu estúdio do que da de um cientista em seu laboratório.

Malcut é aquele mundo com o qual estamos mais familiarizados, uma vez que o homem tende antes a procurar os resultados do que as causas. Preferindo o produto final como ele existe no momento, nós comumente esquecemos as ações que o geraram. Os Rembrandts espalhados pelas galerias de arte do mundo são um resíduo de seu processo criativo, o pálido esboço do que ele realmente viu. Em Malcut, porém, está tudo que foi antes, está toda a qualidade de todo Sefirot concentrado na matéria. Toda evolução natural está contida no corpo humano. Todo estágio orgânico, desde a concepção, tem de ser atravessado antes do nascimento. Com a maturidade, quando a natureza completou seu trabalho de aprovisionamento, o processo evolucionário seguinte, de consciência, é tomado nas mãos pelo próprio homem.

Os cabalistas têm um ditado: "Em Kether está Malcut, em Malcut está Kether". Isso pode ser interpretado de muitas maneiras, mas aqui deve ser visto como uma semente. Dentro de uma castanha está contida não apenas uma árvore em potencial mas toda uma floresta. Outro significado é aquele segundo o qual no mais denso da matéria há espírito; aprisio-

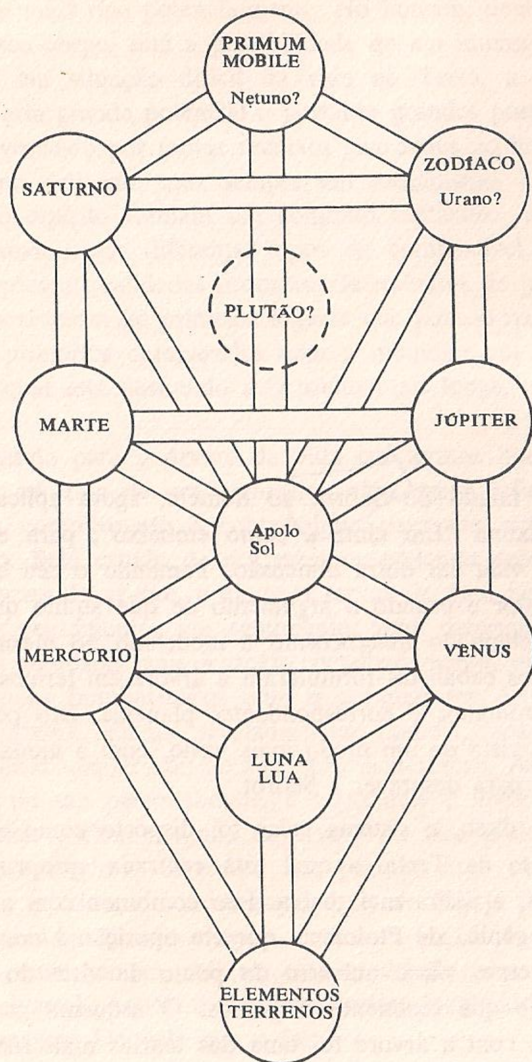
nado, é verdade, mas presente e sempre pronto para crescer e subir para o Absoluto. Isso é Malcut, o mais baixo dos Sefirots, embora o mais rico potencialmente. No homem, dentro do veículo de seu corpo, está a possibilidade de um imenso desenvolvimento. Na situação difícil da vida na Terra, a resistência máxima cria grande potencial e portanto grandes possibilidades. Isso é favorecido por tantos recursos guardados no homem. Um mecanismo delicado, mas sempre um mecanismo, o corpo, a alma e o espírito formam um conjunto fantástico, um maquinismo movido por diferentes tipos de combustível, cada um com funções e qualidades próprias. Os milhares de peças e sofisticados sistemas do primeiro foguete que pousou na Lua eram rudes e primários comparados com a máquina que é um homem, o qual está destinado a ir muito mais longe, muito além do Sol.

Olhando para a árvore da vida em termos humanos, vemos que se trata de um organismo vivo, cada Sefira jogando com seu complemento e contribuindo para um sistema geral integrado. Pelo estudo de nós mesmos podemos reconhecer as várias partes da árvore, e ainda observar de qual Sefira iniciamos um pensamento, um sentimento, uma determinada ação. Isso será estudado mais à frente, detalhadamente, quando estivermos mais familiarizados com o cosmograma. Uma palavra final. A árvore, quando revelada a um homem, mostra que ele mal conhece uma fração de sua própria natureza. Além de seu corpo e de sua personalidade, o resto dele é invisível para o mundo físico. Com a ajuda da árvore da vida podemos vir a conhecer sua alma. O tempo nos permite uma rápida visão dele; mas a criança, o adolescente que ele foi, já passou; e o que ele será ainda não chegou. A árvore é a única coisa permanente num homem. Ali ele está modelado num eterno desenho universal. Aquele é o homem inteiro, contendo toda criação, à imagem Daquele que o fez.

A ÁRVORE E OS DEUSES

Tendo falado do Sefirot ao homem, agora aplicaremos a antiga máxima "Em cima é como embaixo", para estudar a árvore da vida em outra dimensão. Tomando o céu como um mundo maior e usando o argumento de que aquilo que foi livremente chamado macrocosmo é modelado no mesmo plano universal, os cabalistas formularam a árvore em termos de deuses greco-romanos e correspondentes planetas. Isto permitiu à árvore ser vista de um modo mais vasto, com a ajuda dos mitos gregos para descrever a Sefirot.

Além disso, o sistema solar foi disposto como um organismo, visto da Terra, a qual está centrada apropriadamente em Malcut, a Sefira mais baixa. Isso combinou com a concepção cosmogônica de Ptolomeu, que em oposição à crença científica moderna, via o universo do ponto de vista do homem, o único de que realmente dispomos. O esquema geocêntrico combinado com a árvore foi uma das teorias mais remotas da relatividade, levando em conta não apenas as posições físicas dos corpos celestes, mas também suas relações fundamentais dentro do sistema solar.



DEUS E PLANETAS

Começando agora com Malcut, falaremos na Mãe Terra, ou a noiva, como é referida em termos cabalísticos. Situada na base da árvore, é o reinado dos elementos; em física concreta, trata-se de uma bola rochosa de minérios e metais, coberta com uma capa de água, cercada de uma atmosfera de ar e envolvida em longas vestes eletromagnéticas que se distanciam no espaço. Essa camada de mantos de radiação é o elemento fogo da Terra. Juntos, esses vários estados de matéria — sólido, líquido, gás e radiação — formam o corpo do planeta. No fundo, ou perto da superfície, há uma fina camada conhecida por natureza, um composto de flora e fauna, e uma estranha criatura chamada homem, o mais sensível organismo da evolução natural.

Malcut é nosso ambiente físico. Dentro dele, perdemos a possibilidade de vê-lo. Como nossos corpos são compostos dele, esquecemos de que ele é feito de forma temporária, através do qual os quatro estados elementares passam. Na morte, o molde físico é partido e os elementos são dispersos, cada qual procurando seu nível no planeta. Malcut é a noiva, a grande Mãe terrestre reconhecida por todas as civilizações, sejam elas agrícolas ou industriais. Gaea, a Grande Mãe grega, era a grande protetora e alimentadora. Sem ela os homens, os animais e as plantas não podiam viver, e ela devia ser homenageada e estimulada pelos bens fornecidos. Feminina por natureza, essa Sefira adapta e adota o caráter de influência convergente, embora passiva e imóvel como é da natureza desse reino elemental, ventre do espírito que renasce. Malcut é o que a ciência chama física, e embora rude em relação à metafísica é o fim elemental de um imenso espectro cósmico. Na mitologia grega que não a de Gaea, a Grande Mãe Terra nasceu de Urano, o céu estrelado, e de sua união nasceram os titãs, um dos quais foi Cronos, conhecido nosso em latim como Saturno — o deus do Tempo.

Perto da Terra, seu satélite Luna, a Lua, gira em órbita. Embalada no campo gravitacional magnético dos planetas, a Lua não apenas movimenta os mares da Terra mas drena todos os fluidos de todas as coisas vivas, tal como a natureza reage

num ritmo diário e mensal de fluxo e refluxo. Na terra e no mar, os animais são afetados pelas flutuações lunares, seus hábitos de caça e alimentação coincidindo com as fases da Lua.

Também o homem é influenciado; as estatísticas policiais nas grandes cidades demonstram que o aumento e a diminuição da criminalidade tem relação com a Lua. O sangue coagula mais facilmente em certos períodos lunares e todos aqueles que algum dia trabalharam em clínicas de doenças mentais sabem dos períodos de agitação dos pacientes, que coincidem com as fases de lua cheia.

A fábula conta que Selene, deusa da Lua, embora governante do reino de Pan, amou Endimion, o pastor, que representa a humanidade. Contudo, ela só podia amá-lo em seus sonhos, atingi-lo durante seu sono — ou a Sefira de Yesod. Aqui também está presente o pêndulo do mecanismo da natureza; na humanidade, a regulamentação dos ciclos das massas, e dos humores individuais.

Os mitos do nascimento e morte da Lua são mostrados em Diana, a caçadora e em Artêmis, deusa de muitos seios. Cada deidade descreve os pontos fundamentais do aparecimento lunar. A constante mudança de aspecto da Lua deve-se ao seu movimento ao longo do zodíaco, enquanto ela caminha, levantando-se e pondo-se no horizonte. Além desses movimentos, ela se distancia e se aproxima da Terra no equador celestial, numa mutação constante em seu sistema de revoluções. Do ponto de vista cabalístico, vemos aqui o princípio da eterna mutação; a posição da Lua em relação à Terra e ao Sol altera continuamente a máscara da reflexão. Na mente do homem vemos o mesmo fenômeno — a imagem-tela percebida nunca é a mesma, embora repita infinitamente suas variações. Sob certas condições a Lua é evocativa de romance e de todas as outras fascinantes situações referidas nas canções, nos poemas, nas histórias, ilusão que só é partida quando uma criança é gerada e começam as complicações. Os lunáticos, assim chamados com propriedade, vivem exclusivamente dentro desse reino de imaginação, a Sefira de Yesod. Em seus casos ela é deslocada de Malcut, o mundo exterior.

Yesod, aqui representando a Lua, é também sexo e governa, já se disse, o ciclo menstrual feminino. Outro aspecto — bruxaria, a aplicação da energia yesódica e a manipulação da imaginação — é também simbolizado em Hecate, a deusa lunar do encantamento.

Há muitas facetas de Yesod nessa escala. Para a Terra, nessa dimensão, o tempo é diferente. Se tomarmos um ano, ou uma volta completa das estações, na mesma medida de um suspiro para nosso planeta, então a órbita lunar aparecerá como uma pedra girando em círculos vertiginosos ao nosso redor.

Comparadas ao resto do sistema solar, a Terra e sua grande Lua são irmãs gêmeas — de fato, um só processo, ou um mesmo ser. Para os outros planetas, a Terra tem um rosto lunar, como uma versão menor dos anéis de Saturno ao redor dele, embora para a própria Terra isso parece um véu tênue. De fato uma gêmea celeste, a Lua, o corpo mais próximo da Terra, está realmente tão perto que chega a atuar como um espelho entre nós e o resto do espaço. Toda influência que nos chega ou que daqui parte, passa por essa barreira em movimento. Ela está na mesma posição da *persona* em relação ao homem, jazendo entre o Sol e sua natureza essencial e entre a Terra e seu corpo. Ponte e barreira, a Lua separa e une, sua pálida superfície refletindo aquilo que a Terra não pode ver diretamente. Em termos cabalísticos, Yesod, a Lua, está no eixo da consciência mas está também no seu ponto mais baixo, na árvore, onde as influências passiva e ativa dos planetas se cruzam.

Mercúrio, no Hod Sefira, é o mensageiro dos deuses. Ele está, em termos astronômicos, mais próximo de Apolo, o Sol. Em sua órbita os raios chegam antes de passarem por qualquer outro planeta. Sua esfera é a da transmissão, não tendo porém força própria, dado seu diminuto tamanho. Considera-se que Mercúrio, no entanto, pode ampliar as qualidades dos demais planetas com os quais ele entra em conjunção. Seu talen-

to está, já foi dito, em sua flexibilidade — sua natureza mercurial — o que o qualifica para adaptar-se, modificar-se, adotar e impulsionar tudo aquilo que penetre seu campo de ação. Deus dos ladrões e dos comerciantes, dos golpes de mão, do escambo e do comércio, Mercúrio esteve sempre relacionado, também, com a aquisição de conhecimentos e a disposição para dispensá-los. Engenhoso, astuto, elegante, de pés velozes, todas suas qualidades formam a essência de Hod — reverberação ou esplendor. Como nos processos voluntários no homem com seus sentidos, Mercúrio representa a inteligência versátil que seleciona os dados, escolhe-os, transmite-os, e os seleciona outra vez. Possui a habilidade e os mecanismos do olho e do ouvido humanos. Mercúrio, como eles, está sempre em movimento, recebendo e transmitindo informações. Com os deuses, ele atua da mesma forma, mantendo-os informados de tudo, enquanto se entretém em jogos sem fim e em casos amorosos. Desses casos, os mais célebres são Perséfone, um aspecto da Mãe Terra-Malcut; Hecate, deusa lunar da feitiçaria e do parto-Yesod; e Afrodite, Vênus, deusa da natureza-Netzah. Essas três compõem a tríade da base da árvore da vida, com Mercúrio como o sensor externo ou inteligência.

Mercúrio, além de ser o divino informante, é também o receptáculo do conhecimento ordinário e extraordinário. Devido a sua habilidade para voar a grande velocidade, ele sabe muita coisa de tudo. Isso inclui geografia, história, ciência, todas as matérias relacionadas com o estudo — o reino de Hod. Além disso, porque ele leva o caduceu, o bastão com duas serpentes entrelaçadas, símbolo de seu trabalho, ele tem acesso a um conhecimento acerca — repito — "acerca" da metafísica. O caduceu é uma variante da árvore da vida. O bastão é o pilar do equilíbrio e cada serpente refere-se aos princípios ativo e passivo. No entanto, esse é um livro para ser lido e estudado como uma introdução, como são todos os tratados sobre hermetismo (de Hermes, ou Mercúrio) e sua ciência. Aqui examinamos o campo teórico, o conhecimento necessário antes de se passar à prática. Mercúrio tem muitas habilidades e quali-

dades mecânicas na manipulação das idéias, todas adquiridas. Ele é também um grande mentiroso e impostor, e o homem precisa estar atento para que seus sentidos não o enganem quando um problema mercurial é apresentado, como uma ilusão de ótica. Por isso Mercúrio e a Sefira de Hod são os deuses dos mágicos, dos cientistas e dos charlatães.

Astronomicamente, Mercúrio quase nunca é visto, devido à sua velocidade e à sua proximidade com o Sol. Ainda sem sua presença ao lado da coroa solar, quem sabe o que significa o profundo equilíbrio do sistema solar? Como no mecanismo dos relógios, um cabelo metálico, embora leve e fino, pode controlar, graças à sua posição crítica e à sua função específica, o relógio inteiro. No corpo do homem acontece a mesma coisa. Um pequeno grão dessa ou daquela substância pode significar a diferença entre saúde e loucura, e a Sefira Hod mantém seu equilíbrio em conjunção com Netzah.

Netzah é Vênus, nessa visão da árvore da vida. Vênus é a deusa da beleza, do amor e do instinto. Ela é representada como uma mulher nua, de formas adoráveis. Nela estão contidos os poderes para pôr o desejo em movimento. Ela é a deusa da natureza, da primavera, do crescimento. Seu poder de excitar está centrado em sua graça — sua preocupação é com a beleza, talvez devido ao seu casamento com o mais feio dos deuses do Olimpo, Vulcano. A história dos seus casos amorosos é infinita, um círculo contínuo de atração e rejeição. Essa pode ser uma chave para a designação cabalística de "eternidade". Outra pode ser a sempre renascente primavera, seu domínio particular. Aqui tudo se renova, após o nadir do inverno. Esse é o impulso vital na necessária cadeia sem fim que mantém a natureza. Sem a corte não teria havido casamento, sem a união não haveria crianças para repetir o ciclo das gerações. A primavera é o período da beleza, a terra vestindo-se com o florir dos jardins e as criaturas cantando e dançando num grande torneio de amor. O homem é sujeito a esse impulso vital e muitas de suas artes são dedicadas a esse assunto. Vênus é o planeta e a deusa da Sefira Netzah, sua estrela da manhã e

da tarde, marcando a sístole e a diástole de um delicado ciclo que pulsa eternamente através da natureza e do sistema solar. No homem ele representa o processo involuntário, como o intestino, o coração. Mas Netzah também define aquilo tudo que achamos atraente e repulsivo. As aventuras amorosas de Vênus têm essa qualidade de sedução e rejeição. Não há nunca a estável aceitação da situação. Sua essência está relacionada com a languidez, a ausência de esforço. O coração bate sem a ajuda de pensamentos, o estômago digere sem esforço de persuasão, e quando um desses tem algum problema o organismo está — como a palavra indica — doente (1).

Charme e graça são atributos de Vênus. Dela vieram as artes da música e da pintura, como as da poesia. Netzah é para as artes o que Hod é para as ciências. No entanto, enquanto Hod observa, como o lado receptivo da árvore que é, Hetzah é criativo, e por isso, enquanto a ciência no século 20 é predominante, ela não consegue rejeitar totalmente o poder das artes, o que testemunha sua força numa comunidade. Os grandes livros, quadros e músicas do mundo revelam com maior força o espírito de determinada época do que qualquer máquina ou descoberta.

Vênus é o contrapeso de Mercúrio e vice-versa. É o desejo de um nível de vida mais elevado que encoraja a ciência. Vênus, ou o poder do amor, diz-se, faz o mundo girar. Esse lugar-comum é mais verdadeiro do que geralmente se imagina. Sem Netzah um homem não desejaria trabalhar: um novo carro, uma bela casa, uma bonita mulher, não o atrairiam mais. Essa força difere bastante da energia yesódica. Ela é biológica, natural, enraizada na necessidade de dar e receber, o arranjo recíproco que descobrimos na célula, no homem, na natureza como um todo. Vênus sempre procura fazer do desejável algo distante do doloroso — seja ele fome ou desconforto — e do

(1) *Diseased* — Aqui há um jogo intraduzível de palavras, sendo o vocábulo inglês "doente" usado como o contrário de *ease*, tranqüilo. A solução seria suprimir a explicação "como a palavra indica" (nota do tradutor para o editor).

agradável — seja ele um novo amor ou um antigo prazer — uma eterna e graciosa peregrinação.

A posição de Tepheret no esquema cósmico é ocupado pelo Sol. Tepheret no homem é definida como a natureza essencial ou o eu individual. Isso é Apolo na posição central do homem e do sistema solar. Todos os caminhos levam ao Sol, levando a ele energia e recebendo dele energia. No homem essa mesma Sefira pode ser chamada o observador, sendo todos os Sefirots observados, exceto Malcut. Apolo era conhecido como o deus da Verdade pelos gregos, além do que era célebre pela sua tímida beleza — tradução da palavra Tepheret. Seu oráculo em Delfos foi famoso por suas respostas penetrantes, fato muito compreensível para o deus da Luz.

Theperet é o Sol, quase impossível de ser olhado diretamente. Tal era com o rosto de Apolo, para o qual bastava um olhar rápido para cegar o despreparado curioso. Visto do ponto de vista de um homem, isso pode simbolizar a compreensão, a respeito de si mesmo, de mais do que a mente humana pode suportar. Por isso muitos homens vivem em Yesod — sua própria lua — preferindo ver a luz de sua real natureza cautelosamente refletida.

Astronomicamente, o Sol fica no centro do sistema solar. É o núcleo em torno do qual os planetas giram. Os modernos cientistas nos dizem que ele não apenas irradia calor, luz, radiação própria e partículas, como também absorve, suga, em vastas quantidades, gases estelares, enquanto caminha através da Via Látea. Isso pode ser visto como matéria positiva e negativa, proveniente das colunas da esquerda e da direita da árvore para nutrir o ser corporificado no Sol astronômico e psicológico.

O Sol não apenas ilumina todos os planetas mas também brilha sobre as pequenas partículas que o olho humano pode perceber, tão sutis são seus raios. Psicologicamente, o mesmo fenômeno ocorre com o homem que está em relação com seu próprio ser, enfocado em Tepheret. Isto *é* ele. Na realidade, apenas uma miniatura em comparação com Kether, como nosso

Sol em relação à galáxia. Este é Apolo, o deus que só conhece a verdade, cujo arco de prata pode atingir todas as distâncias e ainda cuja lira de ouro pode deliciar todos os deuses. Apolo tem um aspecto tímido. Há nele um brilho atribuído em todos os tempos aos grandes homens. Iluminação não é um termo usado ao acaso ou com finalidades poéticas. É uma descrição precisa da natureza de Tepheret, o qual é o Sol do homem, o ponto entre o céu e a Terra, Kether e Malcut, nele. Aqui o espírito é meio prisioneiro da forma. Ele participa das partes altas e baixas da árvore, exceto onde ela é protegida de Yesod, no que ele pode contra a Terra, e de perder sua individualidade temporária pelo portão invisível de Daat.

Apolo é a ligação direta entre deuses e homens. Sua posição na árvore da vida e no sistema solar resume essa afirmação. Através do deus Sol todo Sefirot pode ser obtido. Num homem centrado em sua profunda natureza essencial, cada parte do seu ser pode ser conhecida. Esse é o Oráculo de Delfos em pessoa. Faça uma pergunta correta e ele responderá — a simples verdade. Essa é a voz que ocasionalmente fala por nós, de nossas profundezas. Esse é o Sol interior — o Apolo que nos recusamos a olhar de frente, de medo de seus olhos penetrantes. Mercúrio, diz o mito, roubou de Apolo; mas por adivinhação, isto é, por percepção direta, o ladrão foi descoberto. Quanta astúcia, Netzah distraído com seus prazeres e Yesod com seus sonhos, mas Tepheret fulminante, nem que seja no momento da morte.

Tepheret — Apolo — o Sol no eixo da consciência. Através dele fluem quase todas as forças que percorrem a árvore e o sistema solar. Atrás está o Sol do sol — Kether, a coroa, através do qual correm as emanações divinas.

Gevura é simbolizada em Marte, o tradicional deus e planeta da guerra. Esses símbolos, como veremos, eram escolhidos com muito cuidado pelo mundo antigo, talvez com a mesma minúcia usada hoje por um computador ou por qualquer máquina de precisão. Se examinarmos cada símbolo e suas partes componentes veremos que eles não eram feitos à base de vagas superstições acumuladas pelos feiticeiros gregos, mas o produto de um pensamento altamente sofisticado, cada imagem um livro inteiro. A diferença fundamental entre a maneira de ver da antiguidade e a de hoje nas universidades é só uma questão de escala e linguagem. Enquanto sabemos muito sobre tamanho, grande e pequeno, eles entendiam de profundidade e dimensão. Isso é visto claramente na metafísica do século 20 e toda sua confusão.

No símbolo de Marte há muitas idéias contidas. Superficialmente parece significar apenas contenda, mas uma olhada mais profunda nos lembra que uma disputa exige sempre a presença de pelo menos dois contendores. Aí surge o conceito dual de Deus, o sim e o não, o favor e o contra. Essa é a qualidade essencial de Gevura. A essa altura, na árvore, decisões são continuamente tomadas, comparações são feitas, seleções são organizadas. Em sua forma mais dramática, um campo de batalha é o lugar onde a contenda termina. No homem, suas faculdades emocionais do dia-a-dia são permanentemente postas a prova, quer ele goste ou desgoste das pessoas, das idéias e das coisas. Assim é Gevura, ou a espada de Marte, dividindo isso daquilo com um golpe rápido, enquanto seu escudo apara os golpes e o equilibra. Esse é o aspecto passivo de sua natureza.

Marte é também conhecido como impiedoso, mas ele é igualmente famoso por ter fugido do campo de batalha gritando, como um covarde. Isso aconteceu quando ele se defrontou com Palas Atenéia, a deusa da guerra cuja coragem, frieza e inteligência, sempre levaram a melhor sobre Marte, o qual se lançou sobre ela com ódio, o que o privou de sua capacidade de avaliação, elemento vital numa batalha. Aqui podemos fazer paralelos interessantes com o psiquismo do homem.

Marte tem igualmente um relacionamento especial com Vênus. Casada com o feio Vulcano, ela entreteve relações adúlteras com o deus da guerra. Essa associação foi deliciosa por algum tempo mas ela finalmente levou Marte a sofrer algumas humilhações diante dos demais deuses, quando Vulcano, com

a ajuda de laços quase invisíveis, prendeu os amantes e os expôs aos olhos do Olimpo. Essa foi uma lição para Marte, seus olhos espertos e sua ligeireza abrandados pelos encantos de Vênus. Netzah tolhendo Gevura. A paixão cegou a capacidade de julgar e essa tentação encostou na parede mais do que simples amantes envergonhados.

A armadura de Marte é muito interessante. A função dessas placas de metal e de couro é prevenir ferimentos e proteger o corpo. Mas ela tolhe seu usuário, sem dúvida, criando uma barreira entre o mundo exterior e a pele humana. Os cabalistas afirmam que Gevura não apenas formula julgamentos severos, levada por um piedoso Hesed, como confina a poderosa energia proveniente do lado positivo da árvore. Aqui o símbolo de Marte age como um controle, uma força paramilitar dentro de uma comunidade regida por lei — Binah. Marte é, no seu melhor aspecto, uma força policial, e no seu pior momento pode ser uma gestapo. No organismo humano ele representa aqueles processos que separam as várias substâncias e energias a serem enviadas para onde elas são necessárias.

Marte é, como indica seu nome, marcial, uma força sob disciplina, com ordens que não podem ser discutidas, mas que só operam bem sob constrangimento. O soldado inteligente não precisa usar de violência, embora sua ação possa ser decisiva.

Do planeta Marte só sabemos que seu movimento é irregular, às vezes chegando perto da Terra, às vezes se distanciando muito, sua face vermelha, como um simples ponto fixo no céu. Embora não se possa levar as analogias muito longe, é interessante lembrar que, depois de Vênus, ou Netzah, Marte é o planeta mais próximo da Terra.

Júpiter ocupa a posição de Hesed na árvore da vida. Esse é o ponto de expansão, de grande energia antes de ser controlada por Gevura. Também atribuídas à Sefira são as qualidades de magnificência, magnanimidade, misericórdia, todas marcas de Júpiter, o deus benfeitor — embora um perigo, quando não controlado, com seu tamanho desmesurado. Isso é mostrado claramente na sucessão de mitos relacionados com seus amores. Nessas histórias ele persegue mulheres mortais e deusas para propagar sua semente, gerando numerosos semideuses e heróis. Esse é o poder particular de Hesed. Uma história revela, melhor que as outras, o poder de Hesed. Semele, filha do rei Cadmo, pede para ver seu amante divino em toda sua glória. Júpiter tenta dissuadi-la mas por fim cede a ela, arrancada da vida pelo seu esplendor, como um floco de neve desaparece numa fornalha.

Júpiter era rei no Olimpo e em torno dele giravam os outros deuses. Do ponto de vista do sistema solar isso pode ser encarado de várias maneiras. O Sol parece a principal figura do sistema planetário mas se ele for visto como apenas um polo terminal, com Plutão na outra ponta, tudo parece diferente. Além disso, Júpiter não apenas está no meio da cadeia planetária como é o maior de todos os planetas. Isso é importante, uma vez que o tamanho de Júpiter é o maior atingido por um corpo molecular antes que a geração espontânea de um processo atômico possa começar. O Sol está diminuindo, enquanto Júpiter, ao que tudo indica, está aumentando. Ele também emite freqüências de rádio parecidas com as do Sol. Além disso, esse planeta gigantesco tem uma rede de doze satélites, alguns tão grandes quanto a nossa Lua. É, na realidade, um sistema solar em miniatura, embora isso seja mera especulação, apesar de interessante.

Como Deus, Júpiter gerou vários cultos menores, quase tanto quanto crianças. Dionísio, um dos seus filhos, era famoso não somente por seus exuberantes festivais de vinho mas também por sua loucura. Também um outro exemplo de uso excessivo de um poder bondoso.

A posição de Hesed na árvore pode explicar bem o aspecto negativo de Júpiter. Recebendo o relâmpago da divina energia de Binah, Júpiter senta também logo abaixo de Hochma e recebe o impacto vertical da energia masculina que vem de cima. Essa Sefira, seja planeta ou pessoa, se bloqueada poderá ficar tão carregada de força que pode ocorrer uma liberação ou uma explosão — daí a depravação de Júpiter — ou em termos hu-

manos, gênio e produtividade. O pintor Van Gogh é um bom exemplo. Conduzido pela energia positiva e descontrolada de Hochma e Hesed, ele tinha de pintar ou enlouquecia, o que realmente aconteceu quando já não foi possível controlar a força que passava por dentro dele. O escritor Dostoievski, epilético, tinha o mesmo problema com sua visão frenética e prolífica. Júpiter pode parecer à primeira vista totalmente benéfico mas o deus não foi sempre um agradável déspota. Ele trazia consigo um raio que atirava nos mortais incautos, e sua pontaria não era sempre das melhores. Esse raio de largo alcance é característico de Júpiter e Gedulah, ou grandeza, esse outro nome hebraico para Hesed. Quando a proliferação dinâmica, a criação e a magnanimidade são necessárias, elas podem ser disciplinadas — por Gevura. Essa é a razão, talvez, pela qual Júpiter não pode jamais controlar sua mulher Hera, com todo seu poder.

Recuando na árvore ao longo do relâmpago, atravessamos a Sefira invisível conhecida como Daat — conhecimento — antes de alcançar Binah, ou Saturno, nesse esquema planetário. Alguns cabalistas modernos descrevem esse ponto de transição como a entrada no que é conhecido como a tríade de Kether, Hochma e Binah, como atribuem essa posição ao planeta Plutão, descoberto há relativamente pouco tempo. Enquanto são hipotéticas todas as idéias a respeito, elas não deixam de ser úteis como um modo de considerar essa Sefira intermediária.

O deus Plutão era irmão de Netuno e Júpiter. Ele era rei do submundo ou para falar em termos cristãos, das trevas exteriores — no sentido astronômico grosseiro, sua remota posição no sistema solar. Além disso ele possuía uma famosa capa de invisibilidade. Isso pode ser entendido em dois sentidos: de que ele era o monarca dos mortos, os quais saíram de nossa dimensão visual; ou de que seu processo é tão lento (o planeta tem uma órbita de duração longa, 247 anos terrestres), não sendo dado a uma vida humana completar um dos seus anos. Plutão é o rei da morte, o planeta de mais profundas transformações que um homem pode testemunhar. O evento vai

e vem, nada pode predizê-lo ou preveni-lo; de repente um ser que ocupa seu lugar na sociedade ou na família é varrido da existência, desaparece em outro mundo, o reino das sombras. O portão de Hades pode ser, na verdade, o começo do conhecimento; por isso se diz que na morte tudo que foi aprendido é revisto, assim como a vida passada é resumida diante dos olhos do moribundo como um relâmpago estático e ali está, num segundo, todo prazer, toda dor, a ignorância e o conhecimento do tempo de vida. Aqui, na porta invisível, a experiência e a essência de um homem são destiladas, enquanto o limitado ego se evapora para sempre no vazio do divino Pai e da Mãe, ante a união final com o Criador.

Plutão tem sua órbita no limite máximo do sistema solar. Além, está o reino das estrelas, espalhadas aos milhões e, contendo tudo isso, o vasto braço galático da Via Láctea. A estranha órbita de Plutão é a margem e a fronteira do mundo planetário — e quem sabe que barreira ou ponte esse escuro e invisível planeta oferece?

O deus Plutão era muito temido na Terra; mas é preciso lembrar que sua mulher Perséfone, uma filha da Terra, chegou até aqui do submundo, com a primavera.

Plutão é duplamente desconhecido: como planeta e como princípio cabalístico, mas de uma coisa nós sabemos e isso é que Daat é um ponto de profunda transformação enquanto se está viajando, para cima ou para baixo, na árvore da vida.

A Sefira de Binah é preenchida pelo deus e pelo planeta Saturno. De acordo com o mito, Saturno ou Cronos (nome grego) era um dos deuses mais antigos, ou titãs, Júpiter era seu filho, o qual mais tarde o deslocou do lugar, tornando-se rei. Isso parece indicar uma clara diferença entre a tríade superior de Binah, Hochma e Kether, e a tríade média de Hesed, Gevura e Tepheret. Saturno, deus da forma, está na posição correta na árvore; é o primeiro princípio passivo, a mãe cósmica que muda a energia de Hochma em tempo. O tempo é a primeira limitação, que revela mudança, e mudança significa o inter-relacionamento de energia e forma. Saturno é também re-

lacionado com aquelas coisas que são antigas e provadas. É o elemento conservador no que ele tem de pior e a percepção dos princípios eternos no que ela tem de melhor. No homem, Binah representa compreensão, isto é, o reconhecimento do que é. Essa realização leva, talvez, três quartas partes do tempo de uma vida. A velhice é considerada o período de Saturno. É a época da contemplação quase no fechamento do ciclo da vida. A repetição dos padrões já foi feita, a periodicidade dos eventos já foi verificada, agora está completo o fluxo e o refluxo das forças da vida e da morte. Saturno é o resumo disso tudo. Ele é talvez o mais filosófico dos deuses, tendo experimentado tudo isso muitas vezes na posição de pai do rei do Olimpo. Para ele, na sua órbita muito mais distante que a de Júpiter e dos planetas interiores, todos os eventos obedecem a um compasso mais lento, em seu ano mais lento. Ele não tem pressa, já viu tudo isso antes.

Representado na forma de um velho, magro e apoiado numa foice, ele é freqüentemente associado com crueldade e melancolia. Essa imagem comum esconde uma gravidade inteligente, uma mente penetrante. Em sua longa visão, Saturno é inexcedível. Ele é capaz de projetar uma imagem e conhecer seus resultados antes de todos os demais deuses. De Binah ou Saturno provém não apenas o passado recebido e transmitido num impulso divino, como a forma, o conjunto de princípios segundo o qual o relâmpago pode manifestar-se nos mundos mais baixos. Em termos de arquitetura isso seria um esboço de uma nova cidade. Os edifícios podem ir e vir mas o tipo de construção das casas, dos prédios, das fábricas, será o mesmo até que o esquema básico seja mudado. Isso é Saturno, o deus da conservação, bem como da forma.

Binah é também conhecida como mãe devido ao seu desempenho passivo contido em Saturno. Saturno é resistente à mudança. Os outros planetas alteram rapidamente suas posições em relação ao Sol mas ele é lento, carregando seus imensos anéis limitadores. Esses anéis podem ser resultado de um evento ocorrido antes do surgimento da vida orgânica na Terra,

indicando uma mudança do equilíbrio do sistema solar — o que é mencionado em vários mitos antigos da origem do universo. Do ponto de vista do homem, Saturno é o último planeta que pode ser visto a olho nu. Para o homem comum de todos os tempos, o sistema planetário acaba nele. Os telescópios podem trazer a imagem do planeta seguinte, mas nada mais. Para os antigos, ele era o limite, além do qual pouco era conhecido, exceto com a ajuda da especulação ou da iluminação. Em Binah isso pareceria correto; porque Hochma é quase tão indefinível quanto Kether, enquanto Binah pelo menos permite de si um esboço razoável. Essa é a essência de Saturno, a iniciação de Cronos — tempo e forma.

A Sefira de Hochma é tradicionalmente preenchida pelo Zodíaco. Este é a curva do céu, centrado na senda do Sol. Além de incluir as órbitas de todos os planetas, o Zodíaco define doze fases de um contínuo processo cósmico. A idéia é remota e se encontra, no nível humano, nas doze tribos de Israel e nos discípulos de Cristo. Nesse número todos os tipos humanos foram inseridos, formando assim um ciclo completo da humanidade. No reino da natureza, um processo similar pode ser encontrado nas doze fases do ano natural. Tomemos um exemplo. O Sol, enquanto no signo do Touro, está presente no hemisfério norte da Terra como primavera, a época da corte amorosa, do desenvolvimento, do nascimento. Em oposição jaz Escorpião, o signo atravessado pelo Sol no outono. Aqui vemos a queda das folhas e a diminuição da temperatura. Os campos estão pardos e as aves do verão já desapareceram. É um período de decadência, o começo do fim de um ciclo natural quando as energias vitais parecem gastas. Por toda parte há um clima de morte e podridão — e ainda assim em cada fruto há uma semente, em cada raiz uma renovação de vida que não vemos. Touro e Escorpião são antípodas cósmicos: um é a entrada na vida física, o outro é a partida para a morte física. Apesar disso, cada um deles contém em seu íntimo um pouco do outro, ambos são espelhos, na natureza, da lei dos arquétipos — nisso está a essência de Hochma.

O Zodíaco em Hochma contém todas as possibilidades. A força potencial dessa Sefira é imensa. Antes de ser recebida e contida em Binah, todas as combinações são possíveis. O Zodíaco descreve doze largas definições, mas cada uma delas é plena de variedades em sua própria especialidade. A potencialidade acumulada no signo de Capricórnio é vasta. Aqui há estabilidade e força, ordem, hierarquia, paciência, tempo. Em Áries temos a dinâmica da iniciativa, originalidade, coragem, perícia, sacrifício e visão; e essas são meras manifestações humanas desses princípios básicos! Multiplicadas por doze, mais os vários níveis em que esses arquétipos atuam, teremos o total com o qual uma árvore da vida pode-se desenvolver, trate-se de um homem ou de um dos doze do Olimpo.

Desse ponto podemos ver como as emanações que saem de Kether são modificadas ao passar através da Sefira, até que adquiram sua forma final em Malcut. De sua conversão até seu verdadeiro potencial pela ação de Hochma, as emanações formuladas em princípios maiores por Binah são desenvolvidas e se expandem dentro de seu contexto com a ajuda de Hesed, refinando-se então pela discriminação de Gevura na entidade de Tepheret. Netzah então deixa a coisa agir, enquanto Hod relata isso para o mundo exterior. Yesod mantém seu equilíbrio e formula um resumo da questão. Malcut é o que nós vemos em sua forma física quando a árvore está completa, tendo trazido à Terra o processo criador.

Alguns cabalistas modernos inserem o planeta Urano na Sefira de Hochma. Embora não universalmente aceita, a noção contém algumas idéias interessantes. Urano é o pai de Saturno, que o destronou, logo que o universo foi feito. Urano era filho de Gaea, a primitiva Mãe Deusa, aparecendo logo depois do Caos, no começo da Criação. Urano foi seu primeiro filho. De seu relacionamento nasceu Saturno, o caçula, que foi posteriormente destronado por Júpiter, seu próprio filho.

Fora um vago paralelo com a *Bíblia*, talvez o mais interessante seja o fato de que Urano é o deus do cosmo estrelado — o leito do Zodíaco. Urano foi também considerado pelos

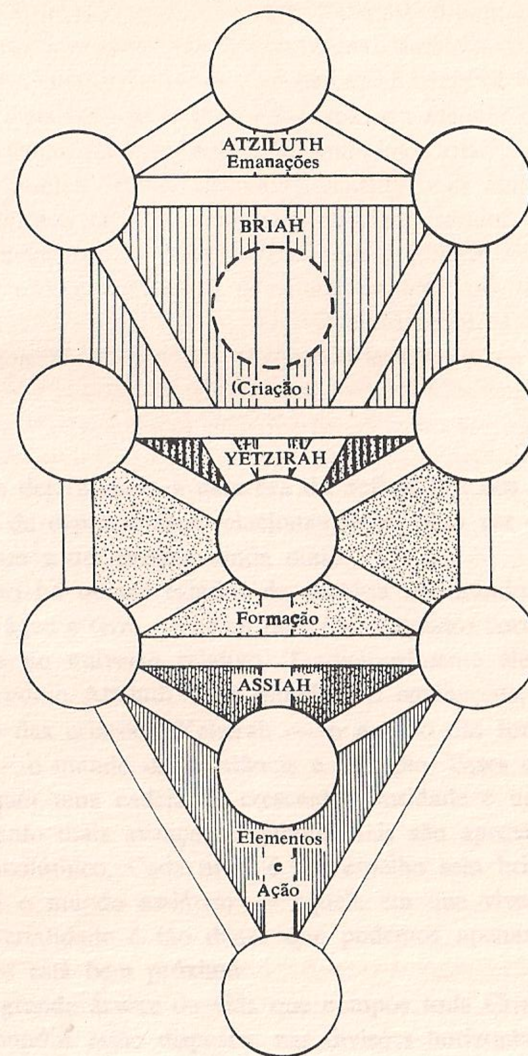
gregos como a divindade primordial, o qual, junto com sua mãe, era tido como o avô do mundo. Embora não correspondendo muito precisamente com a árvore da vida, há aqui algum material para ser meditado — e no que respeita ao estudo da cabala esse processo é infinito. Como acontece na vida, cristalização significa atrofia e morte.

Os modernos cabalistas, como nos casos de Hochma e Daat, atribuem por razões didáticas um deus e um planeta a Kether. Ele é Netuno, irmão de Júpiter e deus do Mar. Tão poderoso quanto Júpiter, ele assumiu o comando do mundo médio das águas; com Júpiter acima, no céu e Plutão abaixo, no submundo. Como um símbolo de seu poder, leva um tridente, talvez uma chave para as forças divinas, ou trindade, criadoras do universo. Outra qualidade de Netuno é que ele, como o mar, é onipotente e onipresente — uma presença como a água, em todas as partes do mundo. Alguns cabalistas acham esse ponto relevante e especulam sobre a natureza desse ser, referindo-se ao fato de que ele é o irmão mais velho de Júpiter. Essas idéias, contudo, são meros fragmentos de um conhecimento agora perdido, e no momento distorcido pelo tempo.

A Sefira de Kether é tradicionalmente descrita nessa escala como *primum mobile* — o movimento primeiro. O nome se explica a si próprio. Mas o que se move e o que move essa coisa, essa é outra questão; porque há mais do que uma esfera invisível, cantando enquanto giram os sete céus. Ligada à idéia do *primum mobile* está o mesmo conceito com referência a Kether — a coroa. O que vem do alto da coroa é da mesma ordem daquilo que vive além do *primum mobile*. Talvez seja oportuno dizer aqui que acima do planetário, e acima mesmo do movimento primeiro, nessa ordem, existem outros universos; três mais, ao todo. De acordo com o pensamento cabalístico, exposto no capítulo seguinte, há quatro grandes árvores da vida, cada uma delas parte de uma imensa cadeia que vai do universo divino, passa através dos mundos da Criação e da forma e chega ao reinado dos elementos e da ação — este em que vivemos. Nessa escala, o sistema que estivemos examinando é, de fato,

o mais baixo e denso dos universos; e os planetas observados no céu são os mais mesquinhos e insignificantes num vasto e fantástico conjunto. Vemos o Sol como uma bola brilhante, mas na realidade vivemos dentro de seu corpo radioso como vivemos dentro do cinto de radiações Van Allen e dentro da atmosfera. Nosso planeta não acaba senão bem adiante da Lua; e se podemos ver isso com olhos cósmicos, tudo assumirá a forma de um grande sapo pulsante, com sua cauda diáfana oscilante aos ventos solares, mais do que uma pequena e sólida esfera azul e verde. Esse é o mundo de Assiah — os elementos e a ação, o estágio final de Kether quando, no fim do processo criador, ele se torna Malcut.

Aqui então está a árvore da vida mostrada nos termos dos velhos deuses e dentro do simbolismo que lhes era próprio. Combinando isso com o conhecimento correspondente e a experiência de Sefirot presente em cada um, uma visão melhor de sua natureza pode ser obtida. Essa é a aplicação prática do princípio "Em cima é como embaixo", tão citado na velha filosofia.



OS QUATRO MUNDOS

OS QUATRO MUNDOS

Tendo determinado a natureza do Sefirot faremos uma pausa, antes de explorar seus relacionamentos, para ver como eles se adaptam a um projeto ainda maior.

Como há quatro estados da matéria no mundo físico — fogo, ar, água e terra — assim também há quatro correspondentes níveis no universo relativo. Tradicionalmente eles são conhecidos como Atziluth — o mundo das emanações; Briah — o mundo das criações; Yetzirah — o mundo das formações; e Assiah — o mundo da substância e da ação. Esses quatro reinos formam uma cadeia de crescente densidade e um número de leis tanto mais avançadas quanto mais são aproveitadas do mundo atzilúthico. Cada nível é um espelho sem brilho do de cima, até o mundo assiático — aquele em que vivemos — e lá a materialidade é tão densa que podemos apenas observar o que nos está bem próximo.

Na grande árvore da vida que compõe toda Criação, esses quatro mundos estão dispostos nas divisões horizontais de Kether, Hochma e Binah, a tríade de Atziluth; o retângulo superior formado por Hochma, Binah, Gevura e Hesed (Briah); o retângulo inferior construído com Hesed, Gevura, Netzah e

Hod, com Tepheret no centro (Yetzirah); e a tríade inferior constituída de Netzah, Hod e Malcut, com Yesod no centro (Assiah). A partir da tríade superior, essas divisões horizontais correspondem grosseiramente aos quatro mundos. Digo grosseiramente porque é da natureza desses mundos a interpenetração uns nos outros; não apenas na árvore mas literalmente, como o calor e o ar, o ar e a água, e a água e a terra.

Os cabalistas vêem as relações entre os mundos da árvore de vários modos, alguns com a demarcação no horizontal, enquanto outros com elas nos triângulos centrais. Alguns, por exemplo, tomam Tepheret como o ponto mais baixo do mundo briático, com Yesod desempenhando o mesmo papel para o mundo de Yetzirah, enquanto esse penetra o triângulo assiático.

A idéia da existência de quatro universos avança ainda mais com a noção de que cada mundo tem sua árvore completa, fazendo com que o Malcut da árvore de Atziluthic seja o Tepheret do mundo de Briah, intercalando com o mais baixo Malcut, onde o resíduo de todos os mundos está concentrado. Essa idéia segue o princípio de que cada unidade completa no universo se baseia na árvore. Além disso, sabe-se que dentro de cada árvore em miniatura os quatro mundos se repetem, e assim infinitamente até o menor dos cosmos completos. Isso é completamente diferente do fato de que em cada Sefira individual há uma outra completa subárvore.

No homem esses quatro mundos correspondem a níveis diferentes do seu ser. A prova mais baixa é o corpo físico, o retângulo mais baixo é o reino da emoção, enquanto o retângulo mais elevado diz respeito ao intelecto. A mais elevada tríade consulta o espírito. Várias tradições conhecem outros nomes, como sutil, carnal, racional, e corpos divinos mas os significados são exatamente os mesmos.

É útil identificar esses níveis nos quais é possível observar com facilidade o que se passa nos processos criativos de todo relacionamento humano. Num caso de amor, por exemplo, tudo acontece depressa, dependendo de o que está em jogo ser espírito, cabeça, coração ou intestinos. A predominância de uma e

a ausência de outra, equivale a uma revelação do processo. Quando os quatro estão equilibrados, o milagre acontece.

Tomando o mundo de Arziluth primeiro, podemos descrevê-lo afinal como o reinado no qual a árvore da vida está no seu mais puro. Está de fato funcionando no reino das emanações. Aqui, perto da luz infinita, todos os Sefirots são radiações ou ressonâncias diretamente em contato com o Divino.

Tradicionalmente, o Sefirot é conhecido por vários nomes divinos, cada qual representando o aspecto mais puro do Absoluto, como é manifestado no universo relativo. De nossa distante visão muito pouco é conhecido a respeito, e pretender esse conhecimento seria tolo. É sabido que as experiências místicas não podem ser descritas, não pela perda da articulação de seus participantes mas porque não há linguagem ou símbolos adequados para a transmissão da experiência. Seria como explicar Einstein e sua equação de massa-energia a uma ovelha.

Para aqueles que se interessam profundamente por esses nomes de força, como eles são chamados, há uma literatura abundante. Mas esse estudo não exige livros; e fazer contato com um mestre na arte é remoto e difícil para alguém que não se submeteu a uma disciplina prática por algum tempo. Desejo, no entanto, sugerir aqui que sigamos nosso caminho através deste livro, e observemos a árvore da vida primeiramente no nível assiático e talvez no yetzirático.

O mundo briático, o reino das criações, é conhecido como o universo dos arcanjos. Esses podem ser definidos como inteligências relacionadas com o cumprimento das instruções divinas, as quais põem em marcha o processo projetado. Nesse nível nada pode ser visto, como a idéia de um prédio antes que ele seja desenhado pelo engenheiro. Aqui, milhares de possibilidades são ainda inerentes. A partir de uma idéia um tipo inteiramente novo de arquitetura pode surgir. Esse é o momento de atividade criadora, antes que se inicie a fase de formulação.

A árvore no universo briático descreverá as mesmas operações dos mundos mais baixos, mas o nível de energia e ma-

terialidade será de potência mais elevada; o Malcut de Briah contém qualidades elementais capazes de tornar nossos trabalhos mais criativos grosseiros e infantis.

O mundo yetzirático está fechado ao nosso entendimento. É o reinado das formas. Aqui o processo criativo é fluídico e em desenvolvimento, como os vasos de cerâmica quando ainda estão sendo elaborados. Nesse ponto subitamente se manifestam variações infinitas e de grande variedade, mas apenas dentro do contexto próprio do mundo briático. Moldes são construídos e preenchidos, mudados e reformados. Aqui um fluxo e um refluxo ocorrem, configurações emergem e se dissolvem na medida em que encontram condições determinantes. Tudo volta, ainda uma vez, ao conceito original. Muitas das artes do homem são representações do mundo yetzirático e o simbolismo, por exemplo, é uma tentativa de fixar esse estranho reinado em termos assiáticos.

O reinado assiático é composto de elementos. É literalmente o mundo em que vivemos. Não é, contudo, tão simples quanto a pura física, uma vez que os mundos superiores o penetram. Um gato se origina de um pensamento na mente da natureza, de modo a preencher uma necessidade cósmica, como aconteceu com os dinossauros e como acontece com o homem agora. Desse ponto de vista, um gato é todos os gatos, e todos os gatos são meras cópias de um só gato. Aqui temos um impulso criador originário do mundo briático, e manifestado através de seu mutante, uma gata prenha, um gato, um cadáver, no mundo assiático. Se perguntarmos o que é um gato no mundo assiático, a resposta será que é uma recomposição de muitas centenas de latas contendo alimento para gato, mais ar, água e luz. Concreta como um gatinho, a resposta não é o que parece, nem algum de nós é o que parece no mundo assiático.

Tão familiares nos parecem os fenômenos desse reinado que tendemos a considerá-lo como o único possível. O universo físico, conquanto cósmico possa parecer, é apenas o rosto dos mundos superiores, embora em sua realidade ele contenha-os a todos, uma vez que Malcut é Kether, espírito é matéria.

No reino da natureza vemos a permanente mudança das formas da flora e da fauna. Aqui os elementos se movem através de um ciclo sem fim, por um instante congelado nessa planta ou naquele animal. Mas consideremos a construção de milhões de folhas num pomar, e o circuito original para a troca de energias necessária, com a lenta modificação por mutação variando com o clima, que no planeta se alterou do período glacial à era tropical. Tudo isso seguindo seu curso enquanto o homem carrega a atmosfera com ondas de rádio, e com pensamentos e sentimentos, para não mencionar a acumulação de resíduos de gerações de vidas.

Acima do mundo da natureza está o planeta e atrás dele os outros planetas, o Sol, e milhares de estrelas ao fundo. Tudo isso, incluindo a Via Láctea que vemos nos céus, nas noites claras, é o mundo de Assiah. Olhando para o alto e para baixo vemos matéria e por mais vagarosa que uma galáxia se mova para nossos conceitos de tempo, é ainda o reino dos elementos. Ainda o menor dos átomos pertence ao reino assiático, embora seu aspecto energético possa cair na porção superior da árvore da vida assiática.

O homem vive no mundo assiático. Ele tem, no entanto, acesso aos universos superiores e isso refina seu ser e o torna mais consciente desses reinos. Para fazer isso ele tem de adquirir mais do que o corpo físico que a natureza lhe deu. Ele precisa organizar, fora das substâncias que penetram seu ser, um novo veículo para cada mundo. Isso toma tempo e trabalho, conhecimento e prática. Já se disse que essa é a única posição do homem. Ele pode evoluir como indivíduo. Ele pode crescer num ritmo superior ao da evolução gradual de toda criação, ultrapassando os anjos e arcanjos, os quais, embora pertencentes a uma ordem mais alta de inteligência, são fixados em seus papéis e funções no modelo cósmico. Só o homem pode ultrapassar os lados direito e esquerdo da árvore da vida e ir adiante, pela coluna do meio.

Vistos em conjunto, os quatro mundos podem ser compreendidos em quatro círculos concêntricos, Atziluth no lado externo, Assiah no centro, cada um deles com dez divisões circulares representando os dez Sefirots de cada mundo, baseado no eixo de Malcut dentro do círculo assiático. Além da periferia externa do Kether do mundo atzilúthico está a circunferência da luz sem fim, e além dela os dois outros véus da existência negativa englobados pelo Absoluto. Dentro do círculo externo do Kether Atzilúthico, a densidade aumenta a cada passo dado o anel exterior ou Sefira, contendo todos os outros. Desse modo, todo elo na cadeia cósmica é regulado de cima, enquanto, por sua vez, controla os de baixo. Em termos de densidade de vibração, os valores cíclicos parecem aumentar à medida que caminhamos para o centro, ou quanto mais baixo descemos; embora, de fato, os valores mais sutis estejam presentes mas indetectáveis no, digamos, universo assiático. Essa interpenetração dos mundos mais elevados nos mais baixos pode explicar muita coisa sobre o chamado "outro mundo", os milagres, e outros fenômenos de ordem sobrenatural.

Os diferentes níveis apresentados no esquema circular dos quatro mundos foram dispostos, pelos cabalistas, numa escala evolucionária chamada os cinqüenta portões. Ali é descrita a progressão que se seguiu ao caos, através da formação dos elementos, até a Terra tal como a conhecemos. Prossegue então contando a história do crescimento dos vegetais, saídos do mundo mineral, e o desenvolvimento do animal até o aparecimento do vertebrado. Aí a evolução do homem é apresentada, passo a passo, até sua aproximação da imagem de Deus. A isso se segue uma descrição das esferas celestes, da Lua através dos níveis planetários até o império do Céu, atrás do *primum mobile*. Depois disso, os níveis angélicos das hierarquias celestiais são mostrados, finalmente com o portal de Ain Soph, a luz sem fim.

Essa cosmografia pode parecer exótica para nós, em termos contemporâneos, mas essa é talvez mais uma questão de linguagem que de exatidão. Um anjo, definido como querubim, era

muito diferente, em natureza e função, de um serafim. Esse vocabulário era tão preciso na Idade Média quanto é preciso hoje o vocabulário relativo à física, talvez mais. Para nós o simbolismo não deve ter significado óbvio para nossa experiência, ou talvez nós possamos chamar a mesma coisa por nomes diferentes. Não obstante, o importante é lembrar que esse esquema do universo baseou-se nos mesmos princípios da árvore. Para alguns uma especulação, para outros uma hipótese atuante, e para outros um mundo, seja de imaginação seja de realidade. O mesmo argumento pode ser aplicado à moderna física atômica e à astronomia.

Uma questão final. Os cabalistas têm uma combinação de espelhos a que chamam Qliphoth. Esse era o reino dos demônios ou o mundo das conchas. Produzidas por distorção, desequilíbrio ou atrofia, essas eram forças correspondentes em cada nível do universo, mas em descompasso com a evolução geral. Essas forças se manifestam em toda coisa organizada, quando se incide em superatividade ou em superexistência. O símbolo das conchas indica sua flexibilidade, sua interrupção de fluxo, sua separação do corpo vivo. Assim, em termos humanos, um homem que perdeu contato com sua humanidade pode se tornar um oficial num campo de concentração nazista — um perfeito demônio! Da mesma forma, um país em guerra civil (a pior das guerras) é literalmente um país assediado por demônios, embora possamos chamá-los de comunistas ou de fascistas. A amarga Guerra dos Trinta Anos, entre católicos e protestantes, na Europa, mostra como os poderes religiosos podem se tornar demoníacos. Por razões diferentes, a situação qliphóthica ocorre quando um país, ou um homem, interrompe seu desenvolvimento. A inércia histórica ou a violência tradicional se solidifica como um costume rígido numa comunidade, impedindo o crescimento econômico ou o respeito aos direitos humanos, enquanto a corrupção é tolerada. No homem, a concha psicológica da letargia, ou da superatividade, pode estrangular sua evolução pessoal, impedindo-o de ver o mundo fora de sua própria imagem fixa dele.

Todo fenômeno qliphóthico significa a perturbação do funcionamento natural do Sefirot. A perda dessa interação, muitas vezes provocada por excesso de estímulos, pode criar uma situação de desequilíbrio em maior ou menor grau. Toda distorção permanente na árvore terá de gerar uma circunstância desastrosa; em larga escala, uma guerra mundial, no nível pessoal a loucura — na verdade, a possessão por demônios.

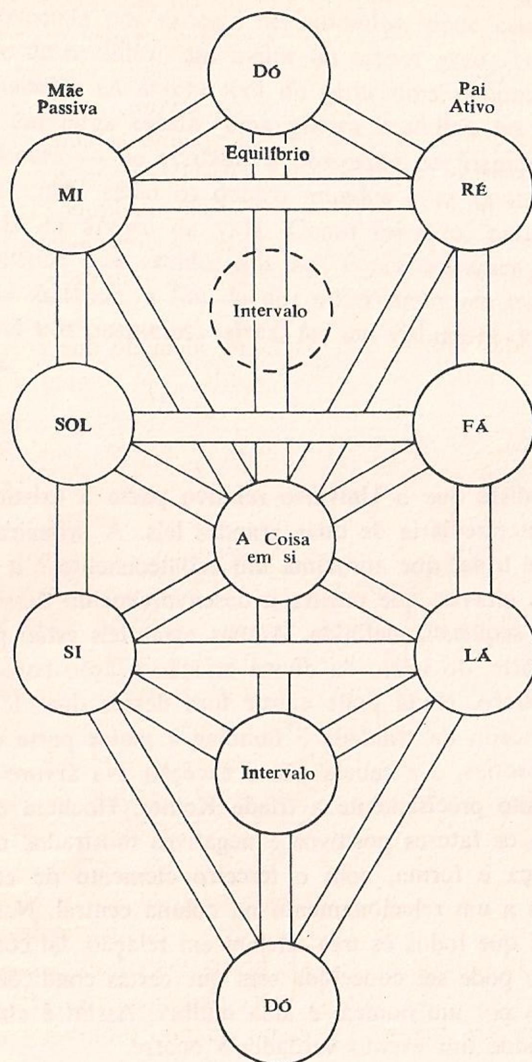
Aqui então estão os quatro mundos e as quatro divisões horizontais da árvore da vida. Como foi dito, para o fim a que se propõe este estudo, nós nos concentraremos sobretudo no mundo assiático, a fim de que observando seu trabalho em nosso nível nós possamos, talvez, ter um vislumbre dos mundos superiores.

TRIO E OITAVA

Já se disse que o Universo relativo passa a existir através da ação intermediária de duas grandes leis. A primeira é a lei da trindade trina, que aproxima um acontecimento e a segunda é a lei das oitavas, que mostra o desenvolvimento desse evento através da seqüência definida. Ambas essas leis estão presentes em toda parte, do início da divina criação à ação banal de riscar um fósforo. Nada pode existir fora dessas duas leis.

O conceito da trindade é familiar à maior parte das religiões e filosofias, e a cabala não é exceção. Na árvore da vida é vista muito precisamente a tríade Kether, Hochma e Binah. Aqui estão os fatores positivos e negativos mostrados nos pilares de força e forma, com o terceiro elemento de equilíbrio trazendo-os a um relacionamento na coluna central. Nada pode suceder até que todos os três estejam em relação, tal como uma criança não pode ser concebida sem que certas condições sejam preenchidas por um homem e uma mulher. Assim é através do universo, onde um evento verdadeiro ocorre.

Pode-se notar, olhando para a árvore, que todo o Sefirot se forma no trio, ou tríade. Além disso, cada uma dessas tríades tem conexão com a coluna central da consciência. Isso é



TRÍADE E OITAVA

vital, uma vez que enquanto a coluna direita e a coluna esquerda são fixadas numa função (do mesmo modo que um homem é um homem, e nada mais), a coluna central completa uma tríade, permitindo ao evento eclodir. Pode-se também observar que há grandes e pequenos trios na árvore, bem como alguns particulares que se relacionam principalmente com o eixo central. Todos esses têm seu lugar especial no esquema cósmico da árvore, e muitos podem se atuar em qualquer uma das seis permutações que se perfilam através do crescimento, da decadência, da transformação, da doença, da renovação e da regeneração.

A lei das oitavas é baseada na idéia de que entre Kether e Malcut se estira uma grande corda, com a nota dó no alto e no fundo do eixo da consciência. Essa é outra concepção do dito cabalístico: "Kether é Malcut e Malcut é Kether". Do ponto de vista de que essa é uma corda vibrante, vemos que todas as outras vibrações do universo são contidas nesse monocórdio; embora eles não o componham, um bilhão de pessoas compõem um completo Adão. Esse monocórdio é de ordem muito diferente. É a oitava mestre, enquanto todas as outras são menores, meras harmonias para suas grandes notas.

Como Jacó se comunicava com os anjos, subindo e descendo, a oitava tem dois principais movimentos, para cima e para baixo. Em música vemos as notas se tornando mais altas e de maior freqüência conforme vamos subindo de dó, através de ré, mi, fá, sol, lá, si e dó. Isso acontece porque a corda vai sendo encurtada e mais vibrações vão sendo acumuladas num espaço menor. No universo isso tem muita significação, quando consideramos as ondas e a teoria das partículas. Na medida em que descemos para os níveis mais baixos da matéria, a densidade aumenta. Isto é, mais partículas são incluídas em espaço cada vez menor. Tal como quando estudamos as vibrações — intercambiáveis com as partículas de matéria — elas parecem aumentar também, embora não no sentido que usamos em alta freqüência. Por isso deve ser repetido que mais toques implica no encurtamento da corda, produzindo crescente tensão

mas menor flexibilidade. Essa é uma situação correspondente à nossa percepção normal de freqüência aumentada, uma vez que cada fenômeno em zona de alta vibração está sob grande contração e mais outras leis. Os movimentos infinitesimais e periódicos dos átomos, como os que se opõem de modo mais vagaroso e flexível às células, descrevem com muita propriedade a verdadeira situação da materialidade, onde as vibrações são tão compactas que nada aparenta mover-se. Aparenta, dizemos nós, porque normalmente nós pensamos o contrário a respeito de alta vibração. Temos repetido que as aparências são enganosas, e que no universo real o inverso de uma coisa é geralmente a verdade sobre ela. Não é sem motivo que o homem tem sido representado simbolicamente contemplando o mundo de cabeça para baixo; vendo o transitório como eterno e o eterno como transitório. Esse é o primeiro véu ilusório por trás do qual nós vivemos.

Se encararmos a árvore da vida sob essa luz poderemos observar que o profundo dó de nossa visão comum de fato começa de cima, em Kether, e atinge sua vibração máxima, bem como sua compreensão, em Malcut. Para nos inflingir uma derrota a mais, a oitava flui de duas maneiras, desmanchando sua intensidade no grande monocórdio de Kether e passando através das teclas do Sefirot. Ambos esses fluxos ocorrem simultaneamente, como um farol que iluminasse, ao mesmo tempo, o Céu e a Terra num só impulso, e que a seu turno contivesse todos os impulsos de todos os níveis, alto e baixo nos mínimos movimentos dos átomos do metal mais denso. Assim cresce o reinado da coroa, e a vinda da coroa até o reinado, para que o Céu possa se manifestar na Terra. A lei das oitavas, além de ser vista na grande progressão de Kether a Malcut, pode ser observada em todas as escalas, até os mais mundanos problemas, tais como a luz do espectro, a tabela periódica dos elementos, e é claro na música. Usando a escala tonal comum, mas lembrando de inverter o aparente aumento e diminuição de freqüência, podemos delinear a natureza do desenvolvimento das oitavas, relacionando-a com a árvore da vida.

Tocando o aparentemente baixo mas de fato grande dó de Kether, a oitava desce pela senda do relâmpago de Hochma. Aqui, em sua primeira manifestação, ela penetra no mundo das vibrações em sua primeira parada. A energia agora está presente. Ela então passa para Binah a segunda nota, onde na primeira Sefira ela se torna vagarosa e se fecha numa forma, embora possa parecer rarefeita aos nossos olhos. Esse é o primeiro trio. Daqui para a frente, após um intervalo no qual vamos lidar com ela, a oitava fluirá pelo Sefirot até a árvore. Ela não tocará a coluna central, entretanto, até que atinja o dó de Malcut. A razão para isso é a lei particular que rege as oitavas.

Após a superna tríade constituída de Kether, Hochma e Binah ser posta em ação, haverá uma pausa momentânea, uma acalmia que precisa ser atravessada. Esse fenômeno é observável em todo trabalho criativo na vida comum, quando há uma hesitação inicial, após uma partida vigorosa. Se não se dá um salto, então, a ação será interrompida. Muitos livros e quadros bem iniciados morreram nesse ponto crítico. O de que se precisa é um impulso de trás, para que se vá para a frente. Em tarefas menores, um simples passeio, uma conversação, um café, podem agir como estimulantes. Esse impulso levará o fluxo à nota fá da Sefira Hesed, o salto vital sendo dado pela invisível Sefira Daat que supre o contato com a coluna central de energia consciente.

A oitava continua mantendo o relâmpago por baixo, seguindo o desenvolvimento natural dos vários Sefirots, através de fá-Hesed, sol-Gevura até lá-Netzah. Aqui novamente foi atravessada a coluna central do equilíbrio. A essa altura já se tornou patente o caráter da oitava, e sua natureza é corporificada pelo Tepheret. Qualquer um que pratique algum trabalho criador sabe que uma vez que esse ponto foi atingido não haverá mais mudança. A essência do livro ou do quadro já foi fixada. Só começando uma nova obra pode alguma discrepância ser corrigida. Novamente aqui a terceira força — a da consciência — se manifesta, mas dessa vez como a imagem de todos

os passos da oitava que foram dados, e que ainda serão dados; porque a senda já foi traçada e os resultados, exceto quanto a pequenos detalhes, já estão cristalizados. Essa é a razão pela qual todos os caminhos para Tepheret estão firmemente decididos.

Após ter sido determinada a natureza da oitava, de lá-Netzah (ciclos) para si-Hod (reverberação), a seqüência continua. Agora chega-se ao último intervalo, antes do fim. Novamente uma pausa, vista como produto da fadiga, fácil de observar em todas as tarefas. Um esforço maior final é necessário para que se termine a seqüência. Durante a Segunda Guerra Mundial os ingleses reconheceram, em seu esforço de guerra, a necessidade desse impulso final, e a BBC pôs no ar dois programas de música estimulante quando os operários das fábricas estavam esmorecendo. Esse é um exemplo grosseiro, talvez, mas explica bem o trabalho da oitava. No caso da árvore esse intervalo é preenchido por Yesod, a possante Sefira da coluna do equilíbrio. Esse centro vital completa três subtríades na grande tríade do fundo do mundo assiático (ação e matéria), trazendo por sua vez toda a oitava para as manifestações físicas mais plenas. Num livro, esse é o trabalho final de colocar as palavras adequadas no lugar preciso, e manter esse trabalho por muitas semanas (depois, será fácil falar ou pensar a respeito de um trabalho tão árduo). Em Malcut, o dó final está completo; e agora Kether está realmente em Malcut e Malcut em Kether.

Será oportuno repetir aqui que entre cada nota de uma oitava há uma oitava em miniatura, ou, para pôr isso em termos cabalísticos, há uma árvore completa em, e entre, cada Sefira. Isso comumente explica por que não podemos entender essa lei claramente, uma vez que apenas observamos algumas notas durante algum tempo, ou Sefirot. Nós temos acesso unicamente a uma única parte do processo completo, como um editor que cumpre as tarefas de publicar a seqüência de Gevura-Hod; ou como nos tribunais onde só se vêem as funções de Gevura e Binah no conjunto do sistema legal.

A interação das duas grandes leis, da oitava e da trindade, é variada e destaca os muitos aspectos do universo. No homem sua interação é bem demonstrada e um olho treinado pode percebê-la em plena operação. No entanto, antes de examinarmos as tríades em relação ao homem, precisamos tomar contato com certas leis subsidiárias.

Enquanto em geral a coluna masculina pode ser vista como o princípio ativo fluindo em Yesod e Malcut, e a coluna feminina como o princípio passivo equivalente juntando-os, deve ser lembrado que o Sefirot individual é sujeito ao travestismo, isto é, à mudança de negativo para positivo, e vice-versa. Isso é devido ao fato de que quando o relâmpago desce, a Sefira superior sempre atua como o princípio ativo para o recipiente inferior, no fluxo das emanações. Por exemplo: Hesed é passivo em relação a Binah; e Gevura, normalmente passivo, é ativo no caso em relação a Tephereth. Ainda mais, em cada trio qualquer dos Sefirots pode assumir uma posição ativa, passiva ou neutra, dentro de uma situação limitada, isto é, quando desempenhando um papel menor. Isso pode ou não trabalhar em equilíbrio com a árvore inteira. Como uma disfunção humana, por exemplo, a Sefira que devia ser ativa é passiva, ou atua como ligação. Um bom exemplo de Sefira passiva usurpando um desempenho ativo ocorre com o homem que não pode dormir porque seu Hod não consegue resolver um problema fora de sua atribuição. A mente lógica comum, representada pelo princípio ativo da tríade Hod, Yesod e Malcut, resolve o problema uma e muitas vezes, usando todos os dados de que o cérebro dispõe, o qual é visto inútil e impotente na tela yesódica. Enquanto isso, incansável, o nível de vitalidade da tríade Netzah, Yesod e Malcut permanece incapaz de refrescar a mente devido à passividade de Netzah. O resultado é que não há energia suficiente na coluna ativa da árvore para permitir que o homem saia dessa situação aflitiva. Às vezes ele cai no sono, exausto. Aí, durante o repouso, quando a árvore está funcionando normalmente, seu julgamento Gevura começa a operar. Caso contrário, um bom período de sono, com Netzah atuando normalmen-

te, é suficiente para restaurar as energias perdidas, permitindo que o problema seja resolvido na manhã seguinte. Ocasionalmente, como já tivemos ocasião de experimentar alguma vez, as soluções são apresentadas pelo Sefirot superior durante o sono, enquanto as tríades mais baixas restauram o corpo e excretam da mente o refugo, através dos sonhos. De modo geral as tríades funcionam normalmente, dentro de um ciclo de permutas, conferindo e compensando uma à outra através da árvore, o que será discutido mais à frente, em detalhes, depois de uma visão geral da questão.

Tomando as tríades laterais primeiro, é preciso notar que essas, por seu relacionamento com as colunas da força e da forma da árvore, são menos flexíveis que as demais do centro e do pilar médio. Isso porque as colunas ativa e passiva são mais ligadas com as funções do que com a consciência, e têm conseqüentemente menos liberdade de ação. Isso é facilmente verificável numa pessoa que sempre formula julgamentos de valor (excesso de Gevura), ou alguém carente de autodisciplina (carência de Gevura). Não obstante, eles têm missões importantes para desempenhar. Para tirar exemplos do homem, a tríade Hod-Yesod-Malcut define o processo de identificação, a memória e o corpo. Aqui há uma seqüência contínua de comparações. Essa história pode ilustrar algumas das mais baixas tríades operando: enquanto caminha por uma rua, o Hod de um homem está classificando as impressões que recebe. Ele evita um poste, lê um anúncio, atravessa a rua entre automóveis em movimento, usa os reflexos condicionados que a experiência lhe deu e que a tríade Hod, Yesod e Malcut acumulou para ele. Ele sabe onde está indo, porque depois de alguns anos ele construiu mentalmente um mapa do bairro naquela mesma tríade, o qual pode ser requisitado pela memória a qualquer momento, e nele traçado um plano em sua tela yesódica, de acordo com sua vontade. No entanto, ele vê uma ruela desconhecida e sua mente Hod, sempre curiosa, dirige seu sistema voluntário naquela direção. No outro lado da árvore, seu Netzah-Yesod-Malcut diz-lhe que ele está com fome, que seria bom ir para casa para comer. Sua mente Hod, intrigada pela novidade do que vê, do que cheira, do que ouve, ignora sua fome e faz com que ele siga em frente. Na ruela desconhecida sua tríade Netzah, Yesod, Malcut, lança alguma adrenalina em sua corrente sanguínea. Já nervoso, ele recebe mais estímulos de sua imaginação yesódica, enquanto ele assume o papel fantasioso de um agente secreto. Corajoso, bem apessoado e decidido, ele caminha sentindo o peso de uma pistola imaginária no bolso do seu casaco. Dobrando a esquina, seus olhos de Hod se dilatam quando ele vê uma silhueta feminina parada num canto sombrio. Totalmente mergulhado em sua ilusão, seu Yesod desenha traços ideais no rosto da mulher à sua frente, enquanto seu Netzah lança em seus nervos um estremecimento de desejo. Com a tríade Hod, Netzah e Yesod subitamente excitada, suas faculdades sensuais são alertadas e seus instintos esperam a aproximação, já crentes de que está iminente um beijo na mais tentadora das bocas femininas. A mulher se move de repente e a luz ilumina seu rosto. Ela é velha, rígida, seus lábios são finos e secos. A imagem yesódica desaparece, seu Netzah é reprimido e seu corpo Malcut passa depressa por ela. Todo o sonho se evaporou para a realidade. Pensando o quanto tolo ele é, o homem volta para seu caminho familiar onde, depois de um momentâneo percebimento de seu eu, ele mergulha de novo no sonho yesódico, agora pensando no que terá para comer no almoço, e sua fome netzâhnica pede a seu Hod que dirija seus pés Malcut, com a ajuda de Yesod, a caminho de casa.

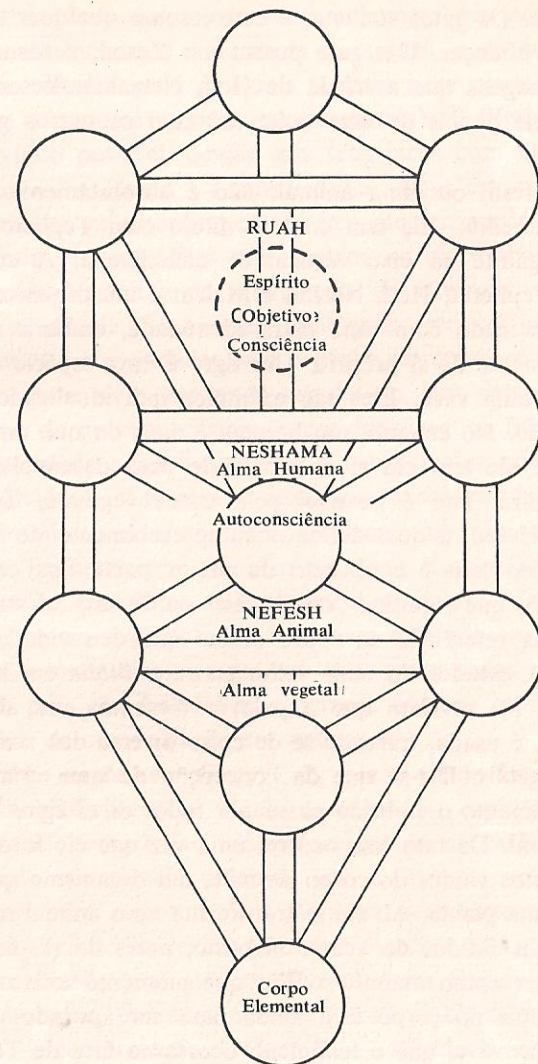
Tomando um caminho talvez mais sério deixamos essas baixas tríades e examinamos a parte mais alta da coluna central. Aqui, tomando novamente o exemplo humano, deixamos as tradicionais tríades para subir o pilar da consciência.

O homem é uma meia criatura da Terra. Vivendo no planeta ele se submete apenas parcialmente às suas leis. Lemos na *Bíblia* que após sua queda ele foi expulso do jardim do éden para o mundo inferior. Aqui ele se vestiu com peles de animais e na morte encontrou de novo o pó de onde veio.

Esses são depoimentos muito interessantes sobre a origem do homem e sua composição, especialmente à luz da árvore da vida, a respeito da qual nos foi dito que serviu de modelo para o ser humano. Primeiro, seu corpo foi literalmente feito do barro da terra. Ele contém os fluidos vitais, ele usa o ar, ele não pode viver sem calor ou luz. Esses são os elementos definidos em Malcut. Ele também está vivo em forma orgânica. Nele estão todos os processos do mundo vegetal. Ele come, bebe e respira. Ele também cresce e se reproduz, como as plantas. No entanto, ele é também um animal, com todas as características desse reino. Isso o faz móvel, social, agressivo e amante, bem como dono de outros atributos puramente animais em sua natureza. A família ideal, com cada uma das atividades que vêm do berço, através da infância, a corte, o casamento, a organização do lar, a carreira, a velhice e a sepultura, tudo é parte do mundo animal do homem. Nem bom, nem mau, isso é comumente visto como os aspectos da vida humana, quando não é verdade. O elemento humano de um homem é o fato dele ser consciente de si próprio, e saber dessa consciência. Nesse aspecto ele pertence a um reino muito diferente daquele dos animais.

A árvore situa o nível mineral em Malcut, e o vegetal, parte do homem, no grande trio Hod, Netzah, Malcut. Aqui estão todos os processos e os sistemas do corpo, com a inteligência vegetal centrada em Hod, Netzah e Yesod, a tríade. Nessa pequena trindade o processo cíclico é governado, das reação ao mundo exterior através de Hod, ao oculto mecanismo de repetição de Netzah. Yesod é o ato sexual ou polinização. A tríade Hod, Netzah, Yesod, pode também ser chamada carne, isto é, ela traz a vida, em oposição a cadáver.

O trio acima é a alma animal, ou Nefesh, no hebraico tradicional, significando sangue, ou vida. Isso anima o corpo, dá a ele um alto nível de consciência, até o ponto dele saber que ela existe. Um gato é um animal muito inteligente mas é cego e surdo para tudo que não seja seu próprio sentido de vida. Ele pode ser curioso com relação a determinados objetos, mas esses



AS TRÍADES PROFUNDAS

objetos não têm significado no universo felino. O gato logo perde o interesse e deixa de ver o que não tem um sentido imediato para ele. Os gatos sonham, é certo, como qualquer dono de gato pode afiançar. Um gato possui um Yesod, e rosna e mia para as imagens que a tríade de Hod, Netzah e Yesod fazem circular nele depois de uma noite má com os outros gatos da máfia local.

O Nefesh, ou alma animal, não é absolutamente inferior como se acredita. Ele tem contato direto com Tepheret e é o estágio seguinte no eixo vertical da consciência. A complexa soma de Tepheret, Hod, Netzah e Malcut é um organismo altamente sofisticado com uma clara identidade, embora não ne-necessariamente de si próprio. Um tigre é uma espécie distinta, como o é uma vaca. Eles são exemplos individualizados dessa configuração. No entanto, um homem é mais do que uma espécie porque ele tem em si a habilidade para desenvolver uma árvore inteira. Isto é possível pela tríade seguinte, Tepheret, Gevura e Hesed, a qual define o autopercebimento do homem. Em hebraico isso é conhecido da maior parte dos cabalistas como Ruah, que significa "respiração" ou "vento". Essa é sem dúvida uma referência ao sopro divino que deu vida a Adão. No entanto, estudos do mais velho texto, a *Bíblia* em hebraico (*Gen.*, II, 7), revelam que a palavra Neshuma, ou alma humana viva, é usada, tratando-se de coisa diversa dos reinos animais e vegetais. Diz-se que da concepção de uma criança até o seu nascimento o embrião passa por todos os estágios da evolução natural. De fato isso ocorre, uma vez que ele forma, fora dos elementos vindos do corpo da mãe, um organismo que cresce como uma planta. Ali ele se transforma num animal marinho, nadando nos fluidos do ventre materno, antes de respirar pela primeira vez como mamífero. Em que momento exato a alma humana entra no corpo está ainda para ser apurado, embora seja mais provável que o fenômeno ocorra na fase de Tepheret. Pode-se dizer, porém, que o corpo de um homem no nascimento contém apenas caracteres genéticos (as moléculas de ADN nas células, levando consigo seus cromossomos), mas estes

são condicionados à raça e à família do homem, não ao seu psiquismo. Se isso não fosse verdade, não haveria variações nas famílias. É o Neshuma que faz de um homem um indivíduo. É sua autoconsciência que o distancia do animal, e da maior parte dos seus semelhantes, os quais tendem a se contentar com as práticas e costumes tribais (sócio-animais). O Neshuma torna o indivíduo possível, devido aos seus laços com Gevura — julgamento — e Hesed — misericórdia. Aqui estão as faculdades humanas, as emoções; os animais são incapazes de julgar ou de sentir piedade. Eles não matam os da mesma espécie por causa de Netzah e da inteligência da natureza, que quer preservar a espécie. Só animais altamente desenvolvidos como os macacos ou as sociedades bem organizadas como as formigas, que lutam entre si; e isso pode ser devido, nos antropóides, a um começo de autoconsciência, e nas formigas ao fato de que em sua sociedade a inteligência de massa é maior que a inteligência individual. Mas essa é uma área a ser estudada.

O Neshuma ou alma, como podemos também chamá-lo, ligado em Tepheret, tem também acesso a Kether. O que lhe confere um ponto único de referência e influxo de energia. Qualquer homem realmente em contato e centrado em Tepheret é de fato autoconsciente, uma vez que quase todas as sendas se dirigem para ele, embora nos homens comuns os superiores sejam linhas de comunicação em potencial.

A *Bíblia* supõe, em *Gen.*, I, 2, que a tríade formada por Hochma-Binah-Tepheret é Ruah, o sopro ou espírito. Ligado à divina tríade, esse baixo triângulo siderado na essência pode ser chamado consciência objetiva, isto é, atenção voltada acima de tudo para o próprio eu. Aqui há percebimento em relação à natureza do universo. As coisas parecem não mais orientadas num sentido pessoal mas esboçadas em termos cósmicos, maiores que o eu, por mais nobre e puro que ele seja. Baseado em Binah — compreensão, e Hochma — sabedoria, como pode ele considerar a criação? Além disso, Ruah se relaciona com a tríade de Binah, Hochma e Kether. Isso lhe confere um relacionamento direto com o mundo divino, o universo atzilúthico

das emanações. Dizem os cabalistas que com a morte o corpo Malcut retorna aos elementos, Yesod logo dissolvido, uma vez que o processo vegetativo cessa. E Nefesh permanece enquanto a energia vital da tríade se desintegra paulatinamente, à medida que o corpo se decompõe. Neshuma ou a alma encontra seu abrigo nas regiões mais altas e o espírito, quando o processo de purificação é completo, volta por intermédio de Kether para o Absoluto.

A mais alta tríade é a trindade superna. Esse é o mundo divino no homem e na Criação. Daqui correm as três forças da trindade e as seqüências fluem das oitavas e do Sefirot. Os cabalistas separam ainda as tríades centrais em dois largos conjuntos. O superior era conhecido como o grande ou longo rosto e era composto pela forma Kether-Hochma-Binah-Tepheret. Aqui o rosto de Deus atravessa o universo, cada fio da sua barba levando sua instrução divina e sua existência. O rosto mais baixo era composto de Tepheret-Hod-Netzah e de Malcut. Esse era chamado de rosto menor ou assembléia menor. Aqui se encontra Adão ou a humanidade. Entre os rostos mais altos e mais baixos está o Sefirot de Gevura e Hesed, o querubim que empunha espadas flamejantes nos portões do jardim do éden, onde passeia o Senhor Deus.

CAMINHOS

O testemunho básico da árvore da vida é um apenas, embora aparente ter muitos aspectos, princípios e processos em envolvimento. Daí se pode dizer que a árvore é uma célula nuclear que se divide pelos dez Sefirots, através dos quais fluem as divinas emanações, pondo em movimento a interação da oitava e da trindade. Tudo isso se torna viável graças aos caminhos que formam as três colunas e estabelecem conexão com cada Sefira num conjunto circulatório. Aqui temos um mapa original dos fluxos, desenhado de tal modo que permita o funcionamento de uma série inteira de mundos.

A origem dos caminhos foi sempre objeto de muita especulação. Alguns destacam o conceito de que a árvore é de fato um sólido geométrico com suas partes entre o Sefirot a meia-zona de divisão e a função equilibrada. Assim, Hesed e Gevura são separados mas não apartados. Outros acham que o Sefirot foi formado primeiro, talvez como cristais emergindo de uma solução cósmica, e os esboços dos caminhos teriam sido os raios conetivos do relacionamento. Outros ainda acham que até que dois Sefirots existissem, um caminho entre eles seria impossível, enquanto outras escolas afirmam que tal como o

divino relâmpago faz seus ziguezagues, os caminhos subsidiários continuam sendo os elos secundários.

Todos esses conceitos são, cada qual a seu modo, corretos, mas talvez o fato mais relevante para nós é o de que algumas chaves foram perdidas. Isso explica por que há tantas interpretações diferentes dos caminhos, por diferentes escolas, através dos séculos. Esse também é um vasto campo de estudos para o nosso tempo.

A fim de estudar o estado de compreensão, a esta altura devemos examinar alguns pontos de vista. O que deve estar firme em nós é o fato de que o relacionamento entre dois Sefirots não apenas inclui o elemento comum a ambos mas também a posição do caminho na árvore, seu lugar em cada tríade particular, ou no conjunto de tríades, e em que sentido o fluxo está seguindo. Isso que deve ser recordado é determinado pelo relacionamento ativo, passivo ou condicionado dos três Sefirots envolvidos. Uma análise complexa do problema mas uma análise que se torna compreensível e fácil com o tempo, tal como o diagnóstico para um médico experiente.

A primeira coisa que temos de saber a respeito dos caminhos é que existem nada menos de 22 tipos deles. De acordo com o sistema mais divulgado, eles são numerados, a partir da décima Sefira de Malcut, começando no alto da árvore com o caminho de Kether-Hochma, designado pelo número 11. A seqüência segue a numeração até 12, em Kether-Binah, caindo 13 em Tepheret e assim por diante, até que chegamos ao trigésimo segundo caminho, de Yesod e Malcut. Esse sistema é baseado nas três forças que saem de cada Sefira como o relâmpago se manifesta, com as tríades retraídas enquanto a seqüência do relâmpago atinge a Sefira adjacente, em sua descida. É um desenvolvimento lógico, embora nem todos os cabalistas concordem com ele.

Ele mostra muito claramente, no entanto, um padrão de desenvolvimento, embora possa ser comparado a um relâmpago terreno, espalhando-se na direção do céu e da terra simultaneamente. Muita gente que usa a árvore para desenvolvimento

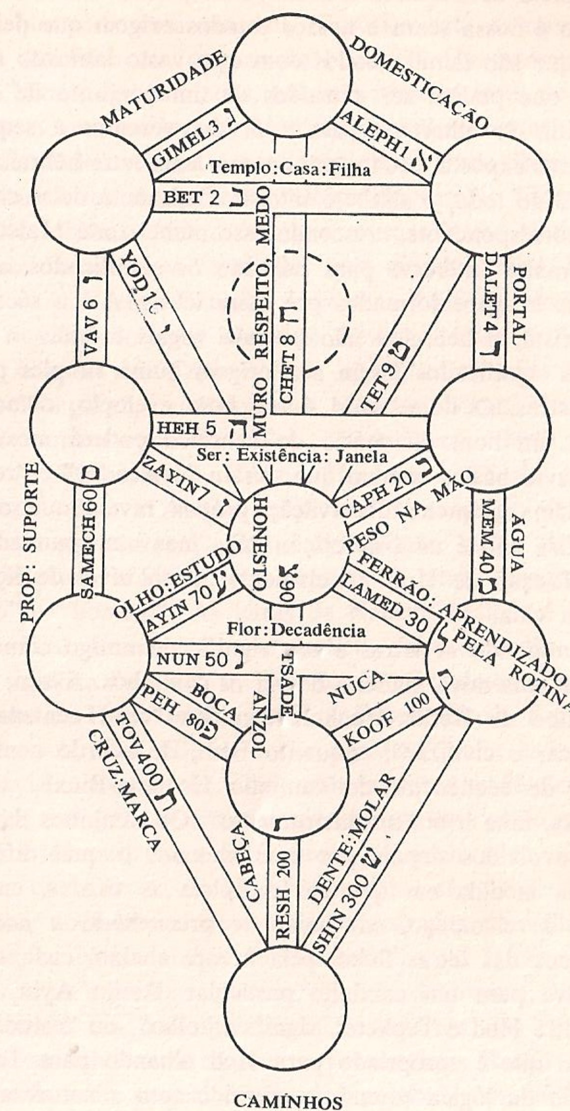
pessoal aplica esse sistema particular, identificando diferentes caminhos pelo número e situando sua própria compreensão de cada conexão entre os Sefirots. Um exemplo disso é o caminho 31 entre Hod e Malcut, o qual deveria referir-se com assuntos relacionados com a ciência e o estudo do mundo físico, ao contrário do caminho 23, Hod-Gevura, o qual seria talvez um exercício do desenvolvimento crítico a respeito de si próprio. A significação de cada caminho torna-se mais aparente à medida em que a árvore, particularmente em sua relação com o homem, torna-se conhecida. Aqui estamos apenas examinando modos diferentes de ver o mesmo fenômeno.

Já se disse que os Sefirots são objetivos e os caminhos são subjetivos. Em termos simples, o Sefirot permanece sempre o mesmo, como a monarquia inglesa, onde pela morte do rei repete-se sempre a mesma tradicional frase "O rei morreu, viva o rei". Isso não é resultado de um rito sentimental mas o conhecimento da necessidade de uma constante, mantida sempre acima das flutuações da época e dos governos. Os Sefirots são sempre os mesmos na realização de suas funções. Se assim não fosse, o universo entraria em colapso. Um paralelo pode ser feito nos elementos constantes que formam a sociedade de uma pequena cidade, em qualquer lugar e em qualquer tempo. Há sempre os mais velhos, os adolescentes e as crianças. Cada pessoa passa através dos diferentes estágios da iniciação, seja na floresta ou na esquina da rua onde moramos, até que por um processo de amadurecimento ela se torna um menino, um jovem, um moço casado, pai etc. Quase todo mundo preenche um desses estágios, de um modo negativo ou positivo.

Os caminhos não são constantes do mesmo modo que os Sefirots. Por sua natureza eles são sujeitos aos dois pólos do Sefirot a que estão ligados. Eles também têm sua carga negativa, positiva ou neutra, e tomam as características requeridas pelas tríades de que participam. São como os camaleões, mas de cores definidas, apenas preparados para assumirem certos tipos de variações. Isso porque, como a palavra "subjetivo" mesmo o diz, eles não são os donos da situação.

Diversas tentativas já foram feitas para sintetizar as cadeias de cada caminho e a seguinte é a mais antiga de todas. Podemos conjeturar que a língua hebraica foi reformulada enquanto os judeus estiveram presos na Babilônia no século 6.º antes da era cristã. Isso foi possível porque o hebraico foi a primeira língua quando os exilados voltaram para a Palestina. Muito esforço foi empreendido, tal como aquele levado a efeito nos séculos 19 e 20 pelos sionistas que trouxeram o hebraico para o mundo moderno, com novas palavras tiradas de outras línguas contemporâneas. Na Babilônia o problema era diferente. A solução que eles procuravam (fosse quem fosse que estivesse por trás desse movimento) era muito mais do que meramente reestruturar os caracteres hebraicos, adaptando-os a caracteres sírios. Eles estavam, isso se saberia depois, tentando reestruturar a raiz da língua de então, de tal maneira que a língua agisse como um sistema dentro de um sistema, como a álgebra dentro da matemática, mas aplicado aos cinco livros de Moisés ao Torá e à árvore da vida. Disso adveio, mais tarde, uma série de descobertas, e enquanto muitos descobriam que a numerologia era uma chave profunda para a filosofia, outros investigadores tornaram-se tão enamorados dos números e seus significados que acabaram por se iludir a si próprios, como muitos outros. Esse é um fenômeno comum na ciência moderna, em que muita gente atribui os enganos a experimentos fracassados, tais como os havidos antes do primeiro vôo com o mais pesado do que o ar. Essa peregrinação à fantasia numérica em nada prejudica o verdadeiro e sério trabalho feito pelos antigos rabinos. O que se segue é uma olhada na pesquisa desse sistema que chegou até os nossos dias. Como na arqueologia, apenas algumas das fundações foram descobertas, e enquanto nós apenas podemos imaginar o que seria todo o palácio, resta-nos muito pouco sobre que trabalhar.

O alfabeto hebraico possui mais do que simples valores sonantes. Ele também possui designações numéricas e significados cósmicos. Os valores numéricos são simples e comuns a muitas línguas antigas que não dispunham de um sistema numérico se-



CAMINHOS

parado. O hebraico vai muito mais fundo e possui uma metafísica completa de números e famílias de palavras. Essa, no entanto, não é nossa seara e nossos estudos exigem que deixemos isso aos que são familiarizados com esse vasto labirinto de significados que podem ser extraídos de um conjunto de chaves tão versátil. Se olharmos para a árvore veremos a seqüência dos números exposta, cada caminho com uma letra hebraica assinalada, 22 ao todo, o alfabeto inteiro. Cada uma delas com um número correspondente, crescendo esse número até Malcut.

De maior interesse para nós são os significados originários ou as imagens formadas por essas letras. Até o século 8.º da era cristã, o hebraico não possuía vogais escritas, a ponto de muitos significados terem sua origem numa simples palavra de três letras. O nome Hod é um bom exemplo, como uma olhada a um bom dicionário de hebraico poderá mostrar. É dessa palavra básica comum que saíram "esplendor" e "reverberação". Uma pequena observação prática revela que o título dessa Sefira não é uma descrição vaga mas um apanhado preciso da função de Hod no elemental e no nível de ação da árvore da vida.

Examinando as letras e seu significado antigo começamos a adquirir uma nova maneira de ver os caminhos. Assim, Aleph, no caminho de Kether-Hochma significa "criar centenas", ou "domesticar e civilizar"; enquanto Beth, de acordo com outro esquema de seqüências do caminho Hochma-Binah, significa "uma casa, uma tribo, um instrumento". Os caminhos da árvore são desenvolvidos depois por esse método, o qual difere dos outros na medida em que ele completa as tríades, enquanto percorre o relâmpago, em lugar de preenchê-lo *a posteriori*. As imagens das letras fluem pela árvore abaixo, cada símbolo uma chave para um caminho particular. Assim Ayin, no caminho entre Hod e Tepheret, significa "olho", ou "estudar, examinar", o que é apropriado para Hod olhando para Tepheret, no sentido da lógica comum conferindo com a natureza essencial; isto é, a que representa Mercúrio, o deus da informação e das comunicações dirigindo-se a Apolo, o deus da verdade

e da iluminação. Esse modo de definir os diferentes caminhos é bastante valioso, e há razões para acreditar numa corrente de pesquisa que toda uma cidadela filosófica está extraindo das raízes da árvore e das origens do hebraico. Um exemplo é o modo de leitura dos caminhos, baseado nesse sistema de estudo das letras, o que tem levado a interessantes descobertas. A tríade Netzah, Malcut e Hod e suas respectivas letras Shin, Nun e Tov formam a raiz das palavras "ciclos, dia, ano" e "dormir". A tríade Hod, Netzah, Yesod forma com suas letras Nun, Koof, Peh a raiz das palavras "caminhar num círculo". Hod, Netzah, Tepheret e suas letras-caminho formam a base de "fechar em posição, ser ferrado". As letras de Gevura, Hesed e Tepheret formam, com Zayin, Caph e Heh, significados como "purificação" e "limpeza", em todos seus sentidos. Binah, Hochma e Tepheret formam com Yod, Tet e Beth "tornar fértil, desenvolver". A última tríade Kether, Hochma e Binah, com as letras Gimel, Beth e Aleph, significam "reservatório de água", ou "sistema subterrâneo". Como curiosidade, Adão deriva de Kether, Hochma e Hesed, significando as letras "sangue vivo, vermelho" e "homem". As letras de Netzah, Malcut e Malcut, tríade de Hod, formam o nome de Seth, filho de Adão — que também significa "a base" ou "ou fundo". Finalmente, as letras do caminho de Hod, Gevura, Gevura, Binah, Binah, Kether, soletram Samech, Vav, Gimel, o que significa "volta às origens", completando o círculo todo. De grande interesse acadêmico, essas etimologias e origens de letras proporcionam uma visão mais detalhada na infra-estrutura da árvore a ser explorada.

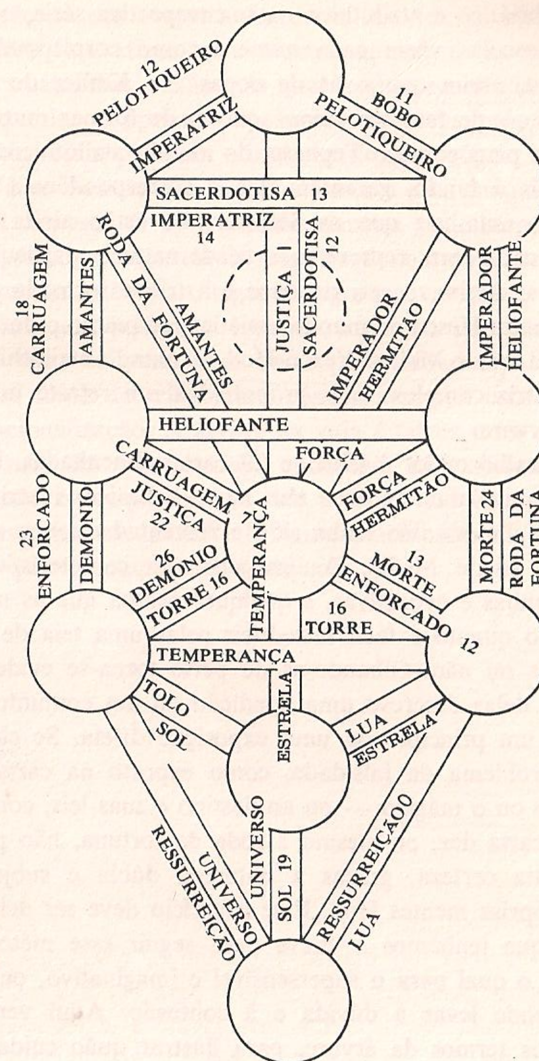
Uma outra faceta do alfabeto hebraico são as designações planetárias, zodiacais e elementais encontradas no velho livro de formação. Nessa antiga obra cabalística, as letras, quando dispostas numa segunda seqüência, também descrevem, de acordo com a letra e sua correspondência, a natureza dos caminhos. Assim, o caminho entre Malcut e Yesod (letra Resh) é o caminho de Saturno, o qual é uma árdua subida, em termos humanos, pelo íngreme universo material das formas. Essa é uma compreensão terrena, a experiência criadora de paciência, ven-

do o universo atrás da superfície externa da existência. Esse é um caminho duro, triste, mas capaz de desenvolver força e talento. Aqui temos nova chave para a natureza do caminho, embora a linguagem planetária e zodiacal não seja muito parecida com a dos nossos dias. Isso criou muitas dificuldades para os estudiosos da árvore da vida, uma vez que séculos de trabalho, de natureza então viva e clara, não resultaram senão em obscuridade para nossa visão. Idéias e símbolos, no entanto, muitas vezes reaparecem como coisas úteis. Se eles são arquétipos verdadeiros, acabam por voltar em formas modificadas, como a Vênus eterna de cada geração que se revela sempre de maneira bem clara, não obstante suas mudanças de traje.

Um terceiro sistema relacionado com a árvore e seus caminhos, e cuja validade merece ser examinada (embora venha sendo ofuscado não tanto pelo tempo como pelas superstições) é o baralho do Tarot. Trata-se de uma coleção de cartas que apareceu primeiro na Idade Média. Hoje só conhecemos o tamanho reduzido das cartas, das dimensões de um baralho comum, com desenhos às vezes bonitos mas nos quais não é mais possível adivinhar as versões da série maior.

O tempo, a organização de novos blocos, a moda e homens trazendo novas idéias para novas disposições de cartas, tudo isso deixou uma imagem fragmentada de como eram as antigas figuras. Como um sistema é impressionante com seu simbolismo gráfico, mas falta alguma coisa. Os cabalistas têm razão quando dizem que a árvore da vida é o ponto de referência necessário à sua complementação. Aqui estão algumas possíveis pistas.

O baralho menor é composto de quatro séries, ou naipes, cada uma delas feita de dez números começando pelo ás. Se lemos as quatro séries como diagramas dos quatro mundos ou universos, teremos um diamante ou ouros, para Assiah; corações ou copas, para Yetzirah; espadas para Briah e paus para o mundo atzilúthico. Aqui temos terra, água, ar e fogo, novamente. Além disso, nas quatro cartas de cada série encontramos os quatro níveis contidos em cada série-mundo da árvore. Assim, o valete de paus é o nível assiático no mundo atzilúthico etc.,



Tarot: dois sistemas

PRÁTICA

Completamos agora nosso estudo teórico sobre a árvore da vida. Há muito mais a ser aprendido sobre sua natureza e mecânica, mas isso só pode ser adquirido com tempo e prática. A aplicação prática da árvore é muito importante, uma vez que enquanto aprendemos de Hod precisamos equilibrá-lo com Netzah. Nesse sentido ambas as colunas da árvore entram na ação, centradas no e observadas do pilar central.

A árvore da vida é uma ferramenta e uma técnica. Pode ser usada de modo vário, desde obter maior desenvolvimento pessoal até examinar um corpo relativamente mundano como o Parlamento. Dentro do seu esquema, várias disciplinas psicológicas e físicas podem ser planejadas. Obtendo conhecimento e dominando o manuseio de vários aspectos da árvore, poderes extraordinários podem ser obtidos e novas percepções abrirão novos mundos. Essas práticas, no entanto, exigem um professor hábil e digno de confiança, o qual embora de grande categoria espiritual esteja em perfeito contato com o cotidiano. Um bem dotado mas pouco prático instrutor é não apenas inútil mas até perigoso. Não se devem escalar montanhas com um guia que não seja absolutamente equilibrado.

Num livro como o nosso, toda tentativa de mostrar a árvore em ação deve ser modesta. Aqui só podemos usar o pálido reflexo das palavras para ilustrar seu potencial. Nessa última parte, entretanto, examinaremos vários organismos e fenômenos completos, para ver como nosso microscópio cósmico pode atravessar a luz no sentido de verificar alguma coisa colocada na lâmina do Tepheret.

Primeiro precisamos reunir as leis para que elas possam ser examinadas. O primeiro requisito é que ela seja completa, isto é, que seja uma unidade inteira e não parte de um todo. O coração não é uma simples parte mas completa um todo, embora seja apenas um ponto central num dos sistemas do corpo. Não é o corpo completo. Pela morte, as forças vitais desaparecem e o corpo interrompe suas funções, desintegrando depressa de volta aos elementos. Só um homem vivo é completo. Mas o que nós vemos caminhando pela rua é apenas um pequeno instante de sua vida. O resto existe, todo seu passado e futuro e a respectiva experiência estão ali presentes, mas fora do alcance da vista, atrás de Malcut.

Para examinar qualquer assunto precisamos primeiro defini-lo, identificando sua essência. Assim, com um homem é o que é peculiarmente seu, e o que é seu do ventre materno até a sepultura. Tendo visto esse núcleo, colocamo-lo na Sefira Tepheret. Esse é o foco maior do nosso instrumento cósmico. Dessa fina imagem podemos estabelecer os outros aspectos em seu respectivo Sefirot. Tendo compreendido o campo de atuação, os relacionamentos das diferentes partes começam a se tornar aparentes. O relâmpago descreve como a pessoa é formada; as tríades centrais, os vários níveis profundos, e as tríades laterais revelam as diferentes funções interacionais, enquanto os caminhos mostram em detalhes o intercâmbio com os recursos do equilíbrio. Este estudo vai indicar algumas vezes o fluxo e seu remédio. As conclusões tiradas de uma secção no coração dessa extraordinária ferramenta cósmica mudará certamente a visão do observador para sempre. É curioso que tendo visto uma vez coisas mundanas de um modo tão profundo e completo, o observador nunca mais possa ver aquilo como coisa trivial, tal como era visto antes.

Começaremos a série de observações examinando o sistema parlamentar, uma vez que ele é facilmente reconhecível em termos humanos. Acompanhando cada árvore haverá um comentário, de modo algum completo mas suficiente para mostrar o método de trabalho. Estudos posteriores examinarão eventos e fenômenos tendo por fim mostrar as aplicações da árvore em outras áreas. Finalmente, tornaremos a olhar para o homem, despertos para o fato de que temos em nós uma árvore, um instrumento vivo perfeito à nossa disposição.

EXERCÍCIO

Para todo aquele que tiver lido até aqui e deseje conhecer mais, é importante compreender que a palavra cabala significa "receber". Entretanto, há quatro caminhos possíveis para se entender a mesma comunicação. São eles o místico, o metafísico, o alegórico e o literal. Aqui há os quatro mundos e as respectivas chaves. A fim de praticar essa abertura de portas sugiro de início um exercício. Ele talvez coloque as coisas num contexto pessoal.

Procure um lugar quieto e sente confortavelmente com sua espinha em posição vertical.

Isso é Malcut.

Ponha suas mãos em seus joelhos e feche os olhos.

Isso é Hod.

Sinta seu pulso e sua respiração.

Isso é Netzah.

Perceba as imagens passando infinitamente diante dos olhos de sua mente.

Isso é Yesod.

Ponha sua atenção a distância do mundo exterior, de todas as imagens e sensações de fora e se concentre nessa parte de você mesmo que observa essas coisas acontecerem.

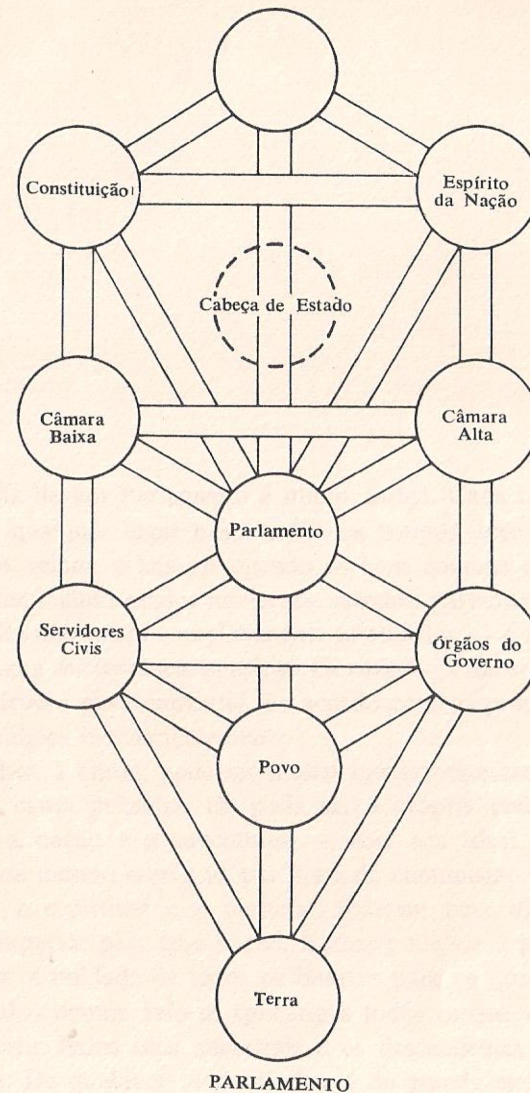
Isso é Tepheret.

Esse é o rosto profundo do homem natural. Acima, em sua própria árvore da vida, está seu rosto superior ou o homem superno.

Quando você se tornou quieto e tranqüilo, a alma se volta para o espírito, você se torna uno em relação a si próprio.

Então, você está preparado para "receber".

Pratique isso pelo menos uma vez por dia.



PARLAMENTO

PARLAMENTO

A idéia de um Parlamento é muito antiga. Cada tribo primitiva, em qualquer lugar e em todos os tempos, teve seu chefe, seus mais velhos, e leis protegendo os bens comuns da comunidade. Examinando nossos modernos sistemas parlamentares, desde que eles não sejam completamente totalitários — e mesmo que tenham uma subterrânea oposição Gevura — vemos como funciona a árvore governamental, de acordo com os princípios cósmicos, embora inconscientemente.

Kether, a coroa, pode ser muitas coisas neste estudo. Além de ser a causa primeira, ele pode ser a própria civilização — da qual a nação é a subcultura — com seu ideal cristão ou budista, ou mesmo com a utopia física do comunismo. Ambos os paraísos, o espiritual e o material, indicam uma direção, um reinado superior para essa nação. Kether pode ser a própria humanidade, a unidade de todos os homens para os quais a nação é o vínculo comum. Isso se aplicaria a todos os que vivem agora na Terra, todos seus ancestrais e os descendentes ainda por nascerem. De qualquer modo Kether é de grande eminência, as emanações criativas que fluem através das gerações e se tornam manifestas e dinâmicas em Hochma.

Em Hochma está o espírito de um povo. Vemos por longos períodos da História como as comunidades nacionais têm diferentes características, como uma pessoa. Este povo, por exemplo, é de inventores, aquele é de guerreiros, enquanto outro é de religiosos por inclinação. Todas as nações contêm tudo que há de humano mas alguns traços dominam sua História, embora de tempos em tempos essas tendências mudem. Os ingleses, por exemplo, têm uma inclinação natural inegável para as invenções e as descobertas. Não foi sem razão que a Revolução Industrial começou ali, onde os elementos malcúticos do carvão e do ferro foram explorados por esse povo prático. Os judeus, por exemplo, devido a uma velha tendência para as letras, têm certas habilidades intelectuais que não foram usadas apenas no comércio, mas nas escolas, no exercício da medicina e na administração. Nação errante, como eles foram e de certo modo ainda são, serviram sempre de conselheiros mas nunca foram líderes nos países onde viveram. Os escoceses, outro povo espalhado, são inteligentes e sérios, com um talento especial para o pioneirismo, enquanto seus companheiros celtas, os irlandeses, também rijos, são influenciáveis e faladores.

A imagem nacional de um povo, embora freqüentemente uma caricatura distorcida, encontra suas raízes no espírito da nação. Esse espírito é mais poderoso do que geralmente se imagina. Não apenas faz um inglês se sentir mais inglês quando ele está no estrangeiro mas obriga ao reconhecimento do poder de sua cultura onde quer que um inglês esteja, seja na Índia ou na América do Norte. Rei Artur, sir Francis Drake, Wellington, todos incorporam o espírito da Inglaterra de seu tempo, e Churchill representou esse mesmo espírito em 1940 e reforçou a imagem do *bulldog* britânico. Isso pode ser visto como um pensamento fora de moda nos dias de hoje, mas coloque qualquer povo sob pressão e o Hochma dessa nação falará através de uma voz poderosa.

O Binah nessa árvore é a formulação do caráter da tribo e de suas necessidades numa longa série de costumes. Numa sociedade sofisticada isso se torna a Constituição. No caso da Inglaterra, que tem centenas de anos de desenvolvimento contínuo, começando com a relativamente primeira instalação do Conquistador (1066), o processo nunca foi fixado, enquanto em tempos recentes a Constituição americana foi emendada. Ambas as constituições, a escrita e a não-escrita, preenchem a mesma função. Situadas na cabeça do lado passivo da árvore, elas dão forma às poderosas energias nacionais. Sem lei haveria anarquia, e a comunidade como um todo sofreria. Assim, a operação Binah, em nome do bem comum, é vital.

Essa Sefira pode, numa tribo primitiva, ser a mais crua e supersticiosa forma de constrangimento, mas ela protegerá a tribo e a guiará através das dificuldades internas e externas, embora ela seja emendada à medida que a comunidade conheça mudanças. Os homens lutarão e morrerão para defender Binah, embora eles não saibam nada de seus desígnios por trás dos princípios gerais. A Magna Carta inglesa, embora de nenhum particular benefício para o homem do povo, tem sido apresentada pelos ingleses como um símbolo de direitos por sete séculos. Nela eles reconhecem a declaração escrita de sua proteção à sombra da lei. Aqui está a qualidade benéfica mas restritiva de Binah, que enquanto cria deveres garante privilégios; assim, temos uma frase na Declaração de Independência: "Sustentamos essa verdade para que seja evidente por si, todo homem é criado igual". Aqui está o sonho americano — e o pesadelo. Essa é a escala de Binah. Colocado em oposição a Hochma, ele diz respeito aos grandes princípios, não aos pequenos decretos.

Seguindo o relâmpago cruzamos a invisível Sefira de Daat. Esta posição se encontra ocupada pelo cabeça de Estado, o qual está, pelo menos teoricamente, acima da lei. Na Inglaterra o soberano desfruta da posição de monarca constitucional, como um presidente coroado. Baseado num velho costume, ele mostra sua raiz. A monarquia está no eixo mais largo da árvore. Ela tem conexão vertical e direta com o Parlamento, e conseqüentemente com o povo. Como administrador, Daat originalmente tem a terra, representada por Malcut, dada por Deus, enriquecida por Kether, para o povo, identificado em Yesod. Tepheret, consi-

derado literalmente o ponto de encontro na árvore, é também o Parlamento. O trono, é certo, é figura de direito divino mas não é como Carlos Stuart interpretou o assunto. Seu dever é proteger o povo do mau governo, mas não de tomar o poder para si, como fez Luís XIV. Ambos os monarcas geraram revoluções.

Na Inglaterra um projeto só se torna lei com o consentimento do soberano, a coroa em contato teoricamente direto com Kether, relacionado com a vontade divina. Por isso que os governos podem cair na Inglaterra mas o Parlamento continua. A coroa, investida neste ou naquele soberano era, na velha China e no Japão, relacionada com o céu. Isso deu a prerrogativa real da misericórdia, e muitos outros privilégios tradicionalmente concedidos aos cabeças de Estado. Esse quase apagado resíduo está ainda presente nas coroações, nos inícios de legislatura, nas grandes ocasiões políticas. Quem assistiu aos funerais do presidente Kennedy assistiu a algo mais do que ao enterro de um grande neto de imigrantes irlandeses.

Daat é a mística da realeza, a aura que cerca um presidente. O povo logo percebe o ser humano mas pressente a presença de alguma coisa mais próxima da divindade que de si próprio. O presidente e a rainha ocupam uma posição que possui magia. Quem ocupa os altos cargos do Estado deve aparentar, ou possuir realmente, perfeição. O invisível torna-se visível no investimento da função. Como indivíduos, eles desaparecem — tal como o homem que atingiu um determinado ponto de perfeição e desaparece em Kether. Essa é a qualidade Daat.

Hesed é visto nos lugares de destaque de qualquer Parlamento. Na Inglaterra, na Câmara dos Lordes, nos Estados Unidos, no Senado. Mesmo naqueles países em que o regime é unicameral, há uma instância mais alta no Parlamento, pela qual passam os projetos antes de se transformarem em lei. São freqüentemente os homens mais experimentados, os mais velhos, como em todas as tribos, que examinam os projetos e verificam se os interesses da coletividade estão sendo ali preservados. Devido à sua posição na árvore, eles têm acesso a Hochma, o

espírito da nação, e enquanto eles não redigem as leis, espera-se que estejam estudando suas conseqüências, bem como consultando seus prováveis benefícios. Comumente composto de homens que já deixaram as grandes ambições para trás, esses conselhos, ou comissões, contam geralmente com homens mais desinteressados e generosos. Na Inglaterra esse é o mais alto tribunal, embora sob a autoridade do trono. Aqui estão homens e mulheres juntos numa grande caminhada pela vida. Originalmente lordes espirituais e temporais, suas fileiras agora incluem sindicalistas, juízes, magnatas da indústria, e mesmo atores e escritores. Na Inglaterra, talvez o país mais político do mundo, os arcebispos discutem questões morais com jornalistas em pé de igualdade, todos cônscios de que na Câmara dos Lordes eles são os guardiães da Constituição não-escrita da Inglaterra. A qualidade da Câmara alta é a grandeza, e todos os atributos de Hesed. Mesmo na União Soviética, a Sefira é reconhecida, na medida em que o povo sente instintivamente que há uma corte mais alta mesmo num Estado de partido único.

A Câmara baixa no sistema inglês é a Câmara dos Comuns. Isso demonstra muito claramente a natureza de Gevura. É um lugar de contenção — o que mais podia ser com dois ou mais partidos nela representados? A posição dos oposicionistas é pelo desafio à política do governo e nessa luta são procuradas as menores frestas na armadura governamental. O partido no poder limita-se a defender seu programa, enquanto a oposição testa permanentemente seu programa e suas intenções. Essa é a Sefira de Marte. Essa é a emoção exterior comum do homem. Esse é o sim e o não, o julgamento mundano, o assentimento, o ponto de decisão com cada cláusula sendo discutida em seus mínimos detalhes. Há até um protocolo semimilitar na maioria dos Parlamentos, regras de debate que procuram equilibrar os conflitos verbais e evitar que eles se transformem em vias de fato. A atmosfera muitas vezes torna-se extremamente emocional. Na Inglaterra há um policial que impõe a ordem nas galerias e aparta eventuais contendores no plenário. Isso é Gevura, mas sob controle; isto é, sob a influência direta de Binah, no alto. Sob a lei,

a Câmara alta trabalha normalmente, sempre tomando como referência a Constituição e controlada pela oposição, em Hesed. Aqui as leis são estudadas e esmiuçadas, seja na Câmara própria, sejas nas comissões. Seja como for, enquanto os congressistas determinam os rumos da política, ela fatalmente estará sujeita ao resto da árvore.

Tepheret é Parlamento. É o conjunto de toda a pompa e do peso do poder de um país visto em seu prédio próprio, no centro da capital da nação. Aqui está o foco do poder político que controla o Estado. Tal como é impressionante arquitetonicamente, o Parlamento deve sê-lo em seus poderes. Sua autoridade também se revela em símbolos, como acontece na Câmara dos Comuns, cujos trabalhos não podem ser iniciados até que a clava, símbolo do Parlamento, esteja no lugar próprio. O percurso feito pela rainha em seu coche, cercada de cavalarianos de honra, não é um desfile feito para encantar os turistas. Seu pequeno percurso do palácio de Buckingham a Westminster é parte da ação do Tepheret da beleza. Situado no ponto de encontro da coluna do meio, a abertura do Parlamento é realizada com presenças as mais ilustres e privilegiadas. Toda a árvore do governo se reúne ali nessas ocasiões. O Tepheret é, no relâmpago ou na oitava, a própria coisa. Sob o nosso microscópio cósmico é o Parlamento, um tema que não é apenas o palácio de Westminster ou o povo dentro dele. Nem as tradições, trajes ou uniformes, nem os partidos políticos, nem os estatutos das Câmaras. É tudo isso junto, em separado e conjuntamente. Suas qualidades caminham paralelamente com o significado do governo, assim que elas brilham como o Sol — brilhante ou apagada por toda a nação, trazendo prejuízo ou benefício, tudo dependendo da inteligência do eleitorado.

Netzah são todos os órgãos do governo. Na Inglaterra esses são os departamentos e ministérios, todas as repartições e escritórios através do país. Geralmente, como no caso dos coletores de impostos, sua função é cíclica, coincidindo comumente com as estações. Os ministérios do Comércio, da Agricultura e da Pesca são bons exemplos. Alguns departamentos se relacionam

com o poder, enquanto outros cuidam de administrar as indústrias do carvão e do aço. Os sistemas de transportes, o ferroviário em particular, e a proteção da natureza são cuidados por seu órgão especializado. Todas essas são atividades Netzah, o processo involuntário necessário para manter um corpo vivo, ou uma economia saudável. Isso inclui os serviços da defesa, os quais, como os glóbulos brancos, se destinam a proteger o organismo nacional contra a invasão estrangeira. Toda nação que permite o enfraquecimento de suas defesas — a menos que ela conte com um aliado poderoso — mais cedo ou mais tarde é absorvida por outra. A História está cheia de histórias semelhantes: o Império romano caiu porque estava minado pela corrupção interna — ou doença. A vitalidade de um país está ligada à sua saúde e ao seu vigor, isto é, a uma subárvore da vida econômica que supre sua carência de recursos. O poder em saúde e povo outorga ao Ministério do Exterior ou ao Departamento de Estado sua autoridade e força militar no mundo externo. Ninguém dá ouvidos às razões de um país pobre, embora elas sejam as mais justas.

Netzah é a máquina do governo, é a maquinação interdepartamental. O Ministério das Pensões cumpre sua tarefa, não importa quem esteja no governo. Os correios mantêm — bem como a rádio oficial — seu funcionamento impecável, exceto quando seus funcionários entram em greve. Todo o movimento relacionado com o abastecimento de gás e luz é como uma cadeia nacional netzaquiana de ciclos vitais em benefício do país.

Hod é a árvore do governo no serviço público. Esses são os dados de mercúrio reunidos, as miríades de formas que circulam e se reúnem numa imensa coleta de informações as mais variadas, do imposto a ser pago a uma consulta de opinião a respeito do assunto mais corriqueiro. O material é todo estocado por tempo indeterminado. Aqui estão, devido a isso, os grandes arquivos com dados sobre seguro social, saúde, assuntos financeiros. Com o computador governamental, Hod está completo.

Outra das atividades Hod são as comunicações. Isso inclui desde folhetos para explicar a cobrança de um imposto especial até a simples propaganda política. A campanha publicitária para instruir o povo inglês a respeito da adoção do sistema decimal na Inglaterra é um bom exemplo.

Os departamentos criados para lidar com problemas específicos passam para a influência de Hod. Isso inclui companhias destinadas a estudar o comércio com o exterior, ou dar informações a respeito do planejamento de novas cidades, ou acerca de novas áreas a serem urbanizadas. Os escritórios de assessoria em todos os níveis da administração estão ligados a Sefira, e só uma imensa empresa como o governo poderia lidar com material tão vasto. Alguns setores muito especiais, como a Real Força Aérea e a NASA, exercem também suas funções em área própria. Outras estão ligadas a universidades, as quais também estão no terreno das atividades Hod de um país.

Funções óbvias como as das telecomunicações estão relacionadas sem dúvida com a Sefira, e assim também os laços com o mundo exterior, incluindo-se aqui os serviços secretos na CIA. O Stationery Office de Sua Majestade é o mais puro Hod, como o é qualquer papel oficial do governo. Toda carta começada com "A Serviço de Sua Majestade" pertence à sua área de influência, como a caixa de documentos enviada diariamente à rainha, para que ela tome contato com os fatos mais importantes do dia em seu país e no mundo. Até que a real assinatura seja aposta ao documento, nada se fará — o que não impede que o documento seja Hod desde os primeiros passos que deu.

Alguns funcionários redigem projetos com grande antecipação no tempo. Isso porque, dispondo de informações já devidamente analisadas, eles sabem por antecipação o que um ministro vai querer fazer. Esses projetos são freqüentemente feitos em seus mínimos detalhes, para serem modificados apenas no plenário da Câmara dos Comuns. Aqui é Hod a serviço sob as ordens de Gevura, embora sua lealdade seja toda dedicada ao ideal incorruptível de Tepheret.

Yesod é o povo. Como sua contraparte planetária, o povo é como a Lua. Suas mudanças, de tempos em tempos, freqüentemente refletem, embora às vezes reajam, conforme as circunstâncias, sejam elas locais ou internacionais. O povo é, nessa escala, como o mar, colocando e tirando do poder um partido ou os partidários de uma idéia.

Yesod é o reino dos sonhos e das miragens, e o político tem consciência de que sua imagem política aumentará ou submergirá sua carreira, com cada entrevista pela televisão e cada discurso, afetando suas oportunidades de se tornar primeiro-ministro ou presidente. Aquele que aspira a uma candidatura cuida de construir uma boa imagem yesódica de si próprio, mostrando que se preocupa com o homem das ruas e seus problemas; uma vez no poder, seus olhos se voltarão para questões diferentes. Todo político no mundo sabe que é preciso haver excitação a fim de movimentar as massas a concederem seu voto, a menos que o voto seja obrigatório. Manifestações, comícios, mesmo alguma confusão e desentendimento, tudo servirá para mexer com a massa. O povo em si é passivo, gostando de sua própria rotina, só se erguendo em ocasiões excepcionais, como uma guerra ou uma grave crise econômica. Por toda parte se lêem jornais, assiste-se à TV, ouvem-se os noticiários nos rádios dos carros — mas todos estão de certo modo imóveis, e só excepcionalmente se sentem envolvidos diretamente, quando algum problema maior atinge suas vidas. No comum, a tela yesódica da nação projeta a imagem sempre mutável do dia-a-dia, do trabalho, da diversão, do sono. Mas o povo é a força de uma nação. Suas gerações sem-fim são a fonte de energia de um país. Dessa massa vêm aqueles, homens e mulheres, que com a ajuda de esforço, da paixão política e de ideais, ascendem a um lugar como a árvore do Parlamento. É essa Sefira que mantém o Parlamento, embora governada por ele, para que não caia a nação na anarquia. As leis são feitas para proteger o povo, razão pela qual o mais humilde dos homens tem direito à justiça, embora seja ele contra a coroa, na mais alta e na mais baixa das instâncias.

Malcut é a terra. É a própria Terra, planeta, seus rios, lagos e mares circundantes. É o ar acima de nós, e o próprio céu. Antes do surgimento do homem, a Inglaterra era uma ilha selvagem. Ali, as leis naturais da selva trabalhavam. Com o advento do homem esse equilíbrio mudou, as florestas e bosques foram diminuídos e as riquezas naturais da terra foram exploradas. Se isso é bom ou mau, não nos cabe julgar, uma vez que não podemos deixar de ver a contribuição humana para entender o conjunto. O que se pode afirmar é que o homem é o ponto alto da evolução e o recuo que ele impôs à natureza selvagem é parte de um plano cósmico — a poluição, quando corrigida, inclusive. Do ponto de vista da nossa árvore parlamentar podemos ver como o homem está enraizado no solo. O homem não vive sem a terra. Ele precisa de espaço para viver e trabalhar, e o alimento precisa ser produzido. Aqui podemos ver como na Inglaterra a coroa protege a terra, essa dádiva de Deus ao povo. Com o passar dos anos isso se tornou um símbolo, é verdade, mas na realidade podemos ver que a evolução da consciência social nas sociedades capitalistas e socialistas acabaram por reconhecer que o dever do Parlamento, da autoridade, é defender o povo em seu conjunto, em detrimento de qualquer aristocracia. Aqui vemos de novo que a árvore de um organismo completo se ajusta à realidade. Se isso não ocorre — e os exemplos estão aí, na História, de governos que se recusaram a seguir o fluxo natural da árvore — as revoluções acontecem, para que se restabeleça o equilíbrio natural. Isso não recomenda, é claro, a revolução em si, uma vez que a árvore da vida abomina a violência e os períodos tempestuosos, que lhe roubam o equilíbrio. Um exemplo: algumas vezes a massa dá as cartas, como ocorreu no pesadelo yesódico do terror em Paris, no começo do século 19. Às vezes um homem alçado ao poder pensa em si mesmo como um pequeno deus, em lugar de se ver como Seu servidor. Mais de um ditador tem caído nessa tentação. Na maioria dos casos de crise política, um dos lados da árvore parlamentar está pesado demais; aí teremos um governo em que o aspecto Hesed pesa mais que os outros, como na

França de antes da Revolução, vergando a coluna da força, ou um Estado é conduzido pelos puritanos Gevura, como na Inglaterra de Cromwell, vergando a coluna da forma.

Aqui está, como nosso primeiro exercício de interpretação, a árvore parlamentar da vida. A mesma técnica deve ser aplicada a uma empresa comercial ou a uma universidade, ou a qualquer outra organização completa.

DEUS E MAMMON

Neste exercício tomamos duas árvores simultaneamente a fim de estudar princípios paralelos. Aqui também seguimos o desenvolvimento da árvore, a qual estabelece cada coisa em seu nível. Tomando os dois pólos da força celeste e terrestre estabelecemos um contraste, mostrando como até Mammon deve obedecer à lei cósmica.

Começando pela árvore financeira, tomamos Hochma como a primeira manifestação. Aqui nasce o conceito da troca. Essa é uma idéia comum a todas as comunidades, exceto às muito primitivas. A noção de dinheiro é uma poderosa abstração, exigindo uma apreciação de um nível bem acima do problema da troca e do escambo. Trata-se da criação de um símbolo, seja ele metal, conchas, pedras, papel, que permite uma perfeita flexibilidade ou transação. Pela mútua aceitação muita coisa se tornou possível na economia tribal. Uma grande comunidade, com povos diferentes trocando coisas diversas, desenvolveu-se com a ajuda daquele símbolo. Muitos homens pagam com ele por trabalhos que eles próprios não podem fazer, e recebem por tarefas que seu talento pessoal permite realizar. Sem o dinheiro, esse valor comum, neutro mas vital, a civilização moderna não

teria se desenvolvido. O dinheiro é uma das três forças preponderantes na tríade econômica da atividade. Principalmente como intermediário, ele pode ser o ativador, ou o resultado. O primeiro homem primitivo a ver nesse símbolo a solução para o problema das trocas abriu um campo vasto e suficiente para afetar totalmente a história da humanidade. Essa percepção de um princípio básico veio talvez de uma visão profunda da lei cósmica do trabalho e conseqüente pagamento, surgida na Criação.

Tomando a mesma Sefira mas agora na árvore da filosofia, Hochma seria a iluminação de um mestre. O relâmpago do esclarecimento desce por Kether e revela a intenção do Divino. O mestre recebeu essa visão numa brilhante iluminação, ou através de uma sucessão de momentos desse tipo através de uma vida inteira. Atento no nível da sabedoria ou do intelecto profundo, ele percebe a vontade do Criador em cada coisa, e vê o universo e os homens penetrados dessa vontade. Para a humanidade, o professor aparece como uma fonte, a radiação humana através da qual flui a glória de Deus. O mestre, situado em oposição a Hochma, envia através da árvore e seus caminhos a força que orienta uma filosofia profunda ou uma religião mundial. Os homens o vêem como um representante de Deus na Terra, ou como uma manifestação da sabedoria divina. Ele é o ideal, o Profeta, o Buda, o Messias, a fonte de inspiração.

A tradição baseada nesse ensinamento é formulada por Binah. Com entendimento, as palavras do mestre são ordenadas na forma de preceitos. São Paulo dedicou sua vida a essa tarefa, em nome de Cristo. Baseado no ensinamento do mestre, um conjunto de percepções está envolvido. A concepção que o mestre tem do universo é racionalizada e sua posição na hierarquia cósmica é fixada, mesmo que não haja qualquer evolução à vista. É nesse ponto que entram os oito caminhos, os 13 princípios de fé e os dez mandamentos. É aqui que começam as organizações religiosas, os rituais, costumes e práticas da tradição, o que se consolida talvez em centenas de anos. Binah como a mãe passiva Sefira impregna a tradição com todas as

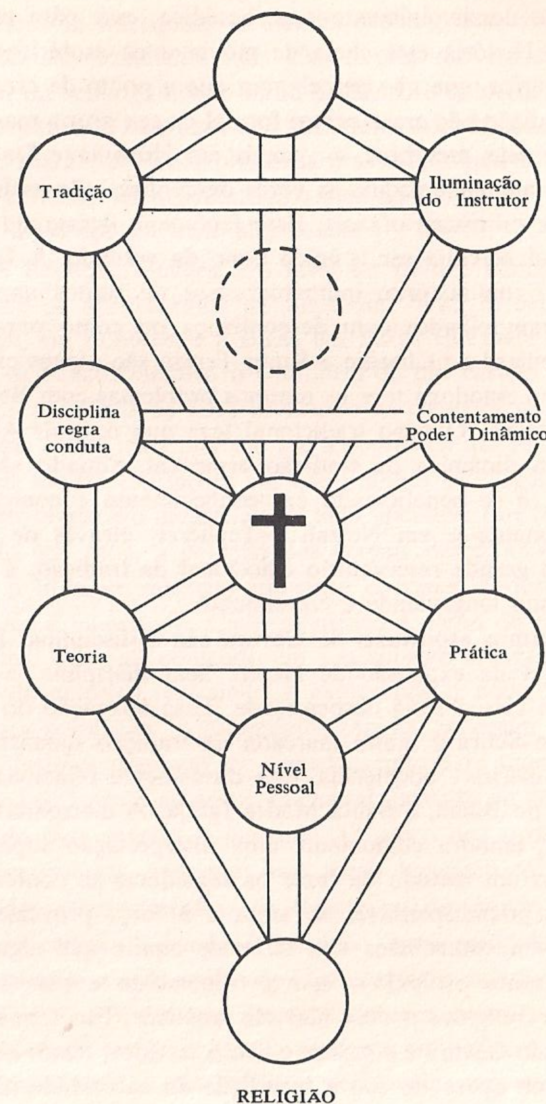
qualidades daquilo que é conservador e submisso, o que se verifica em todas as religiões e filosofias. Nada deve ser mudado. Ocasionalmente, quando a coluna da forma está muito ativa, a ortodoxia torna-se tão poderosa quanto a palavra do mestre, às vezes mais, o que faz com que os homens pensem em restaurar a palavra inicial, destruída pela própria organização. Isso acontece quando a letra da lei torna-se mais importante que seu espírito, que seu sentido e intenção; em termos cabalísticos, quando o Binah passivo torna-se ativo. Isso usualmente ocorre muito tempo depois da passagem do mestre, quando seus seguidores aproximam-se mais da forma do que da essência de seu ensinamento.

Na árvore da economia, Binah é o formulador dos princípios financeiros. Aqui, as regras têm de ser respeitadas a fim de que as transações em larga escala se tornem possíveis. Um alto nível de confiança é criado e facilidades de empréstimos e financiamentos são adotadas. Isso exige, naturalmente, organização; o estabelecimento de um sistema bancário, com suas características próprias, é indispensável. Um sistema de comunicações é vital e os homens ligados a ele devem sustentar reputação inatacável. Os diversos níveis de comércio ligando os vários pontos de um país, ou vários países, têm de ser desenvolvidos. Os vários tipos de atividades na escala econômica devem ser geralmente reconhecidos. Todo um estado industrial é aceito como fator de estabilidade geral, sendo calculados seus riscos e planejado seu desenvolvimento. O efeito desse sistema tem de ser levado em conta, uma vez que ele é por si conservador a fim de manter seu próprio equilíbrio, embora seja por si também especulador, para garantir a própria expansão. A tradição bancária se desenvolve e os homens se adaptam a ela. Nenhum negócio no mundo bancário, seja ele nacional ou internacional, pode tolerar enganos, nem tampouco recusar-se a um intercâmbio com organizações congêneres, uma vez que todas elas formam um só sistema financeiro.

Em termos financeiros, Hesed representa força, seja ela representada por ouro, petróleo, mercadorias ou títulos. A In-

glaterra, por exemplo, é uma nação que produz e comercializa seus produtos. Sua força não está no ouro depositado no Banco da Inglaterra, mas também na sua técnica e nos investimentos no exterior. Esses recursos são sua força e o valor da libra esterlina reflete sua pujança. Isso é Hesed e pode se expandir até que o relâmpago desça pela árvore inglesa da prosperidade. Se o país não pode preencher ativamente a Sefira Hesed, uma depressão econômica pode ser o resultado, enquanto o fluxo árvore abaixo diminuirá. Hesed, por óbvias razões cabalísticas, é sempre expansivo e aqui podemos observar a grande árvore do comércio mundial. Com o noticiário financeiro sempre falando do aumento de produto nacional bruto, sentimos claramente o impulso de um conjunto econômico global, cada Hesed em cada país contribuindo para a força do mundo, seja em termos de um recurso natural, como o petróleo, por exemplo, seja através da ajuda técnica dirigida à indústria aeronáutica.

Nos termos hesédicos da árvore espiritual, essa Sefira significa a qualidade do ser, ou a vitalidade espiritual presente na religião ou na filosofia. Isso pode assumir a forma de um corpo em expansão; santos, pensadores e homens de ação, por exemplo, são a matéria-prima desse corpo. Tal fenômeno é observado no período Zohar da cabala, na Igreja e no escolasticismo do tempo de S. Tomás de Aquino, ou no Islão durante o grande período dos dervixes Mevlevi. Movimentos desse tipo exercem enorme influência, reforçando o lado energico da árvore para balancear o aspecto da doutrina com a coluna da forma. Essas atividades hesédicas são também importantes porque contêm o impulso em expansão do ensinamento original, o qual tende a extravasar seus limites naturais no tempo e no espaço. Toda religião ou filosofia que não se movimenta ou cresce tende a morrer; comumente devido ao superativo Binah, o qual cria um sistema que insiste em preservar um ensinamento como um dogma. Isso inevitavelmente desencoraja o princípio hesédico de obter novas conversões, um processo absolutamente necessário se a tradição é sobreviver. (O zoroastrismo enfrenta esse problema hoje.) Um organismo espiritual deve conter um certo nú-



RELIGIÃO

mero de almas em sua Igreja, ou escola, mas se não há desenvolvimento espiritual nesses membros, o número pode crescer, mas o desenvolvimento real, hesédico, esse pára completamente. A História está cheia de movimentos esotéricos mortos ou semimortos, que não perceberam que o ponto de crescimento de sua tradição não era o centro formal de seu grupo mas ocorria dentro de seus membros — jamais em Hochma e Daat. Reuniões que até a hierarquia às vezes desconhece são mais importantes que os rituais oficiais. Esse fenômeno desagrada o sistema, o qual acredita ser o único dono da verdade. A Igreja registra, em sua história, inúmeros casos de santos que inicialmente foram olhados com desconfiança ou como puros visionários. Teillard de Chardin e Santa Teresa são alguns exemplos. O judaísmo ortodoxo teve os mesmos problemas com Baal Shem Tov e Spinoza. O Islão tradicional teve que destruir Al Hallaj. Hesed é a dinâmica da tradição espiritual. Situado abaixo da sabedoria, e se beneficiando em conhecimento e compreensão, Hesed alimenta-se em Netzah e Tepheret, através de Gevura. Hesed é o grande reservatório emocional da tradição, a casa de força de sua longevidade e crescimento.

Os termos espirituais de Gevura são a disciplina. Esse é o ponto focal da expansão de Hesed. Sem disciplina, a energia gerada em Hesed seria desperdiçada. Essa aplicação do aspecto marcial de Sefira é muito marcada na tradição monástica com sua regra estrita e obediência, esta diretamente relacionada com os efeitos de Binah, a Santa Madre Igreja. A disciplina importa em seguir, embora comumente uma interpretação superativa é vista como um método de fazer os seguidores se conformarem. Embora seja indispensável ao amor e à força provenientes de Hesed serem controlados (ou teríamos aquilo que alguns chamam de santo estúpido), esse confinamento e essa limitação da emoção religiosa podem não ser fanáticos. Em termos extremos, quando Gevura é o mestre e não o servidor, temos o fanático e o puritano operando sob a jurisdição da autoridade de Binah. Aí está a Inquisição espanhola. O correto equilíbrio está na disciplina, não no próprio interesse mas no da árvore inteira.

Nas escolas de filosofia Gevura não é apenas a regra de conduta mas também a disciplina do intelecto. O bom argumento, a discussão inteligente, a escolha precisa, tudo isso. Visões inspiradas são excelentes mas elas devem ser enfocadas com precisão, ou seu significado torna-se difuso e se perde. O poder de discernimento está aqui e é facilmente identificado nos diálogos de Platão, por exemplo. Essa é a visão objetiva, bem controlada e lúcida na articulação, o sentido afiado de verdadeiro e falso, a serviço da mais alta causa.

Em finanças, Gevura é o nível da prática bancária. Aqui são feitos os ajustamentos do dia-a-dia: Wall Street, o Stock Exchange, em Londres, e a Bolsa em Paris. Em cada um desses lugares os bancos mantêm o equilíbrio de um castelo de cartas, com seus aparelhos de telex indicando as cotações uma das outras. Essas cartas em equilíbrio são a confiança nas relações bancárias, as muitas transações em que milhões são jogados. Aqui, um desenvolvimento industrial, ali uma iniciativa que fracassa. O preço do aço sobe, a cotação dos cereais desce. O dólar está estável, a libra se valoriza, enquanto o franco é desvalorizado e o marco é valorizado. Cada momento é pleno de novas possibilidades. Um país contendo em seu subsolo um grande reservatório de petróleo, extraindo e explorando-o pode fazer uma verdadeira revolução. Ajustamentos rápidos precisam ser feitos, rápidas decisões precisam ser tomadas, tudo para manter a área equilibrada. O preço aumenta. O capital, privado ou do governo, é liberado para manter o mercado. O preço do ouro, devido a uma crise política, aumenta; esse metal barométrico oscila em função dos acontecimentos, em toda parte do mundo. O movimento de compra e venda é frenético, num mercado que cai, e só o controle e a disciplina de alguns setores mantêm as coisas em ordem. Isso é Gevura atuando na economia. É a decisão oportuna sendo tomada baseada em fatos, ou no humor do mercado. Esse dia-a-dia econômico às vezes exige um temperamento militar, feito sob medida para se adaptar a situações surpreendentes. O ambiente de jogo de pôquer que predomina no

mundo financeiro é absolutamente necessário. Os melhores soldados são aqueles que nunca perdem seu sangue-frio.

Na árvore financeira, Tepheret é o sistema particular da área. Assim, temos a área da libra centrada em Londres, à qual estão ligados vários países, nem todos da Comunidade Britânica. Seu valor é representado pela rainha, cuja efígie é vista na própria moeda inglesa. Esse é o símbolo da estabilidade, da tradição, de toda a história do Império britânico. A expressão "seguro como o Banco da Inglaterra" é muito significativa. Significa que todo valor afiançado por aquele governo é garantido em todo o mundo e pode sempre ser trocado por dinheiro local. Trata-se de uma economia imperial, capitalista à primeira vista (a bandeira e o comércio andam juntos), poderosa e lucrativa. Muitas das guerras do Império tiveram o comércio como causa. O confronto anglo-francês no século 18, a respeito da Índia e na América do Norte é um bom exemplo. De outro lado, Tepheret pode significar uma economia comunista. Ali o partido, teoricamente, representa o povo, cuida das finanças e do país. A indústria e a rede bancária são nacionalizadas, mas a mesma lei econômica se aplica a Binah, embora o lucro vá para o Estado em vez de ir para o investidor particular. No bloco oriental a imagem da moeda circulante é a mesma. O rublo tem a mesma importância na vida dos russos quanto o dólar na vida dos norte-americanos. O intercâmbio entre os dois sistemas foi, durante muito tempo, bastante modesto, é verdade, mas isso ilustra uma característica de Tepheret, segundo a qual para essa Sefira o lucro deve adquirir os bens da própria comunidade que o produziu.

Tepheret, em religião ou filosofia, é a face pela qual é conhecido. Seja em igreja, mesquita ou sinagoga, o mundo o conhece por essas imagens. No Tepheret flui o conjunto de caminhos do instrutor, a tradição, o poder dirigente e a disciplina, para não falar no fluxo direto através de Daat que vem da coroa de Kether. Aqui está o foco de uma crença, como é vista no ritual. Seja a missa, a leitura de uma lei, a meditação, ou no sussurro dos dervixes, em tudo está expressa essa tradição. Grandes prédios representam o corpo de cada seita particular, seus muros, paredes e chão falam, em pedra, de sua teologia, enquanto os ritos proclamam sua capacidade de persuadir. O grande templo de Jerusalém, a basílica de S. Pedro, em Roma, a caaba em Meca são mais do que meras representações de suas religiões. O templo hebraico, duas vezes destruído, levou os judeus à Palestina depois de dois milênios no exílio.

Do ponto de vista da filosofia, um conjunto de escritos como o Zohar cabalístico age como o Tepheret. A árvore da vida é, ela própria, um símbolo, bem como um diagrama atuante. Os trabalhos de Platão atraíram pensadores em todas as épocas, muitos dos quais jamais leram suas palavras mas praticaram suas idéias. Os sufis do Islão têm uma coleção de histórias acerca da qual todo um ensinamento é enfocado. Nenhum desses objetos, sejam eles edifícios ou parábolas zen, é em si mesmo sistema filosófico, embora estejam quase sempre relacionados com algum deles.

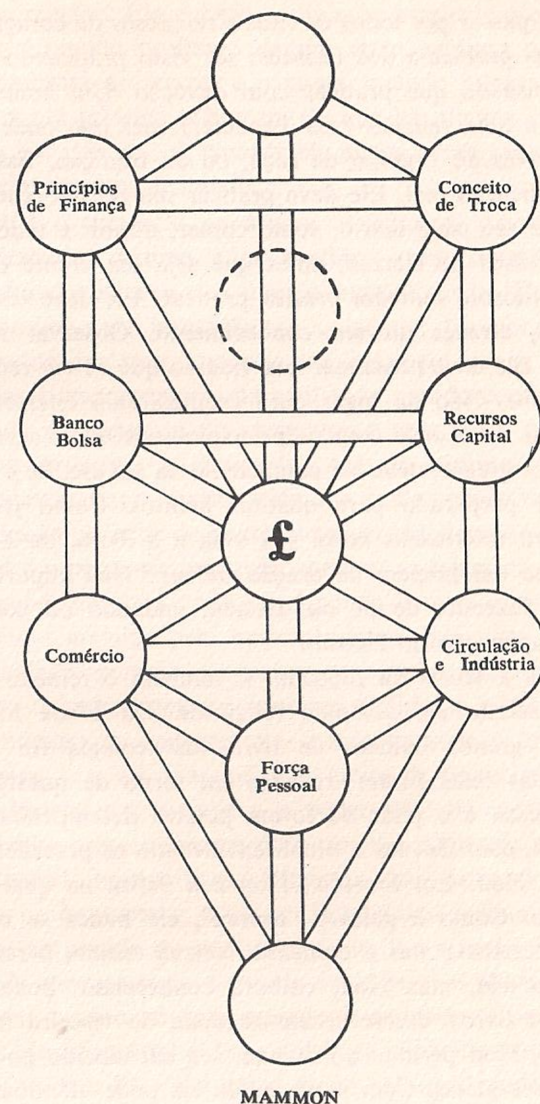
A Sefira Daat invisível, no contexto filosófico e religioso, assemelha-se ao espírito que paira sobre um movimento. É aqui que a emanação divina vem diretamente sobre o contexto. Talvez isso aconteça na missa católica, ou durante a bênção de Cohen do povo judeu, em seus festivais, ou durante o êxtase do dervixe dançarino — mas só os recipientes podem afirmar isso. Esse é, sem dúvida, o ponto de transformação, onde o mundo objetivo se integra no universo relativo.

No reino do comércio, Daat é conhecimento. Enquanto o santo e o filósofo vêm a conhecer o sublime, o gênio financeiro conhece em seu campo tudo sobre economia. Esse homem, não obstante sua aparência mundana, pode ser um banqueiro, ou mesmo um primeiro-ministro como Benjamim Disraeli. Exige-se uma percepção instantânea para perceber o essencial e se movimentar com a rapidez necessária no terreno das finanças e da administração. Como a sábia atuação de Disraeli na questão do canal do Panamá, há também o exemplo de d. Henrique, o príncipe português conhecido como o Navegante. Ele conseguiu prever não apenas a importância do comércio com o mundo

através de uma grande frota de caravelas, como se antecipou aos novos mercados da África e da Índia, quando ninguém ainda pensava nisso. Daat é uma Sefira invisível — não é conscientemente encontrável até que certos requisitos sejam preenchidos na árvore econômica. A razão disso é que as crises financeiras são comuns no mundo. O conhecimento real é compreensível e objetivo, nenhum chanceler ou governo pode mostrar-se desinteressado, razão pela qual temos uma constante mudança de uma Sefira para outra, num lado e outro dos dois pilares exteriores.

Na prática econômica Netzah é a circulação da força. É também indústria. Aqui matérias-primas são convertidas em mercadorias, ou esforço em serviços. Essa é a parte mais óbvia da árvore econômica. Em todos os países as fábricas compõem os grandes músculos da indústria, usando quantidades gigantescas de combustível. Esse é o ciclo da produção, a cadeia sem fim de produção e consumo. É o sistema autônomo de um país processando lentamente seus metais, seus minerais, suas matérias brutas, reciclando as sobras, transformando tudo nos produtos nacionais que são usados no próprio país ou são exportados. Nesse ciclo, o fluxo importa; alguns produtos em estado bruto, outros já refinados. Esse fluxo inclui matérias de alta sofisticação, ferramentas, objetos de luxo, tudo facilitado pelo livre intercâmbio de dinheiro. Uma nota de uma libra pode permanecer no banco todo o dia mas durante horas de transação ela pode ser usada para comprar um barco carregado de cereais, depois ser incluída no pagamento de um débito. A mesma nota pode, outro dia, passar de mãos centenas de vezes, em todo o país. É como o sistema circulatório de um homem, as moedas como corpúsculos, numa cadeia em constante circulação de salários e preços.

Netzah em filosofia ou religião é prática. Um homem pode ser judeu ou cristão pelo nascimento, mas isso pode ser puramente nominal. O praticante muçulmano cumpre suas obrigações diárias como parte da vida, do dia-a-dia. Um devoto judeu trança seus filatérios sem pensar no que faz e um cristão típico



MAMMON

não se esquece de suas orações de cada dia. Há, naturalmente, variações de grau em todos esses casos. Um homem pode simplesmente passar por todos os rituais religiosos de coração vazio. Esse era o problema dos fariseus; ser visto praticando não é a mesma coisa do que praticar com devoção. Um homem pode pertencer a uma religião (seu Tepheret) mas isso pode ser realizado através do orgulho de raça, ou da tradição. Essa não é uma qualificação real. Ele deve praticar sua religião como parte integral do seu ciclo diário, como comer, dormir e todos os demais processos de Netzah, antes que seja um crente digno do nome. O filósofo também precisa praticar. Ele deve testar tudo o que vê, através do seu conhecimento. Observar não é o suficiente. Ele deve relacionar sua vida ao que vê em redor, e ao que ele sabe. Não há lugar para esquizofrenia intelectual. Ele precisa agir de acordo com os princípios nos quais acredita. Se ele segue os gregos, deve ser competente na análise. Se é um sufi, deve estar preparado para quebrar hábitos. Como judeu, ele estabelecerá referências entre sua vida e a Torá, ou a árvore. Como disse um homem de oração judeu: "Não importa o que ele esteja fazendo, de pé ou deitado, andando ou comendo". Essa é a aplicação do Netzah.

Hod é a teoria da filosofia. É também o reinado da verbosidade escrita em assuntos religiosos. Da Idade Média ao século 17 grande número de livros de teologia foi produzido, e muitas lutas foram travadas em torno de questões doutrinárias. Esse é o pilar da forma passiva desempenhando um papel ativo, com Gevura e Binah envolvendo os precedentes teológicos de Hod. Em filosofia, Hod é a Sefira na qual se fala do assunto. Como a palavra "acerca", ele nunca se relaciona com a experiência mas a comenta. Netzah ensina, o reino profundo responde, mas Hod, embora conhecendo, pode apenas (como este livro) descrever em segunda ou terceira mão. Do outro lado, Hod permite ao homem ser introduzido no reinado de poderosas idéias. Com a sua ajuda ele pode identificar, provar e cheirar o eco da realidade, embora sempre pense, graças aos seus sentidos, que está em contato direto com o mundo

real. A mente ligada à lógica comum e seu banco de memórias é útil, mas não é uma autoridade nesses assuntos invisíveis como filosofia e religião. Ela conhece a linha, o versículo e o capítulo, mas não o sentido profundo de um texto, embora o declame. Ela se lembrará do trecho e o citará quando julgar oportuno. Ela talvez até informe o homem de que há alguma coisa mais profunda por trás do ser, embora ela nunca possa saber o que é, embora ela continue tentando.

Hod é o comércio na árvore econômica. Assim como a mente mercurial comum e os sentidos agem superficialmente entre o mundo externo e o mundo interior, assim Hod é também o processo de transação no comércio. Na nota de libra do Banco da Inglaterra pode-se ler "prometo pagar ao portador". Essa é uma promessa na qual todo mundo confia. A cada dia, a cada momento do dia, enquanto a nota passa de mão em mão, essa promessa é cumprida. Até os criminosos confiam nessas palavras, tanto é conhecida sua avidez por possuir quantidades desses pedaços de papel, uma verdadeira ação mercurial.

Hod é o ponto de interação comum, as raízes da economia. Uma grande indústria pode ser fundada com o capital de milhões, mas é mantida pelo homem comum que paga sua conta de eletricidade, compra seu carro ou mesmo vai aos cinemas. O esforço industrial em seu conjunto é dirigido a esse homem. Grande número de consumidores perde de vista o fato de que cada homem tem em suas mãos os meios de financiar não apenas a indústria mas a força e o poder total de um país. Uma nação precisa crescer sempre mas sem um comércio ágil e livre não é possível obter os bens básicos da vida. Estes são financiados com os impostos e taxas, cada centavo e cada *penny* somando-se ao grande rio de dinheiro que flui através do sistema. O talão de cheques segue a moeda e a nota, mas ainda é Hod. O cheque em branco só vale quando é assinado. Com todos os atributos de Mercúrio a base total de dinheiro nesse nível é promessa verbal. Esse é o único modo pelo qual pode funcionar o sistema financeiro, como um mecânico de automóvel não pode receber em pagamento um pneu, ou um agente de seguros não

pode se alimentar de suas apólices, embora ele garanta que elas sejam valiosas e indispensáveis.

Yesod na árvore financeira é a massa popular e seu estilo material de vida. É a força de cada pessoa e é tudo o que ela pode ganhar em seu sistema econômico. Ele não é apenas o produtor mas o comprador do produto da árvore, e recebe pelos vários caminhos os benefícios de sua indústria e organização. Pode também arcar com seus prejuízos, uma vez que pode ocorrer uma recessão. Na verdade, ele sofre os desequilíbrios de cada Sefira. A libra ou o dólar em seu bolso é o Tepheret de sua árvore econômica e ele se senta diretamente sob sua proteção. É preciso que se diga também que Yesod faz parte de um Hod e de uma tríade de Netzah, as quais descrevem o ciclo da manufatura, vendendo e comprando, do qual são um elo importante. A grande crise econômica de 1929 foi devida ao fato, pelo menos em parte, de as massas não poderem comprar as mercadorias que elas próprias produziam. Se um distúrbio ocorre numa comunidade, isso afeta o comércio e a produção, e conseqüentemente a própria população (a Irlanda do Norte é um exemplo clássico). Uma árvore reverberante logo aparece. Se o estímulo perturbador da massa é suficientemente forte, como a má distribuição de terras, uma revolução pode ocorrer, a qual trará uma mudança radical no sistema econômico. Yesod é o povo, e a força pessoal de cada indivíduo. É o ideal popular dos valores, seja ele um Rolls-Royce ou um rebanho de caprinos.

Yesod, em assuntos espirituais, é o nível individual. A massa é composta de indivíduos mas, ao contrário do que acontece em economia, cada homem é mais do que uma mera unidade de produção e consumo. Ele contém toda a árvore dentro de si. Em Yesod ele reflete a face de judeu ou de um muçulmano. O homem que compõe a massa pode ser um grande homem ou um homem grande. Essa é sua opção. Ele pode simplesmente seguir o caminho de seu pai, ou de seu mestre, agindo como um reflexo de suas palavras e de suas ações. O modo como seu professor fuma um cigarro pode exercer grande influência em sua

maneira de ser, mais do que ele é capaz de admitir. Seu modo de questionar pode ser imitado sem qualquer compreensão. Aqui é revelada a *persona,* a ponte para a compreensão, a barreira que aprisiona. O homem honesto que não preenche todas as devoções a que se obrigou pode ter mais sabedoria do que o mais respeitável guardião de relíquias. O simples devoto, sem sinais de qualquer aprendizado, muitas vezes sabe mais do que o mais esperto dos sábios com sua personalidade fascinante ou seu cabedal adquirido de outros homens. Yesod é o reflexo de tudo o que existiu antes. Os caminhos inferiores encontram aqui seu foco. É tudo o que um homem acumulou, embora essas coisas precisem de tempo para pertencer realmente ao homem que as adquiriu. Yesod é um reflexo de sua filosofia ou religião à luz que ele permite fluir do Tepheret. Em Yesod ele se vê a si mesmo como num espelho, até que um dia ele vê que pode perceber diretamente através do próprio Tepheret, sua natureza essencial. Yesod é a lua e seu metal é a prata. Tepheret é o sol e seu metal é o ouro. Aqui jaz a força de um homem.

Malcut, para as finanças e a filosofia, é o reino dos elementos. Para o financista, é o mundo da substância e da energia, fora do qual ele constrói seu reinado artificial. Construindo e destruindo, ele modela a superfície de seu planeta, às vezes embelezando-a, às vezes enfeiando-a. Ele trabalha, embora nem sempre esteja cônscio disso, sob o olhar de uma grande inteligência. Ele pode domar a natureza mas nunca será capaz de dominá-la. O homem conquistou os ares e chegou até a Lua mas ele é ainda um filho do planeta Terra e precisa obedecer a suas leis. Pode converter cada ramo e cada pedra numa nova forma mas jamais poderá alterar o volume total da Terra. Pode liberar a energia da matéria mas não pode criar energia do nada. Isso é Malcut. A força da Terra está à espera de quem a utilize, e embora o financista, o industrial e o trabalhador se vejam limitados em suas possibilidades, eles contribuem mais para a evolução do planeta do que para sua poluição, afinal. Um milhão de anos da presença humana mudaram, de fato, a face do planeta e isso é parte de seu desenvolvimento natural de

forma a se tornar um membro mais inteligente do sistema solar. Com sua indústria e sua tecnologia o homem pousou na Lua. Brevemente, os esporos da vida serão depositados permanentemente lá. Uma segunda Terra começa a nascer; um novo reino divino que começa a ser criado com a ajuda do homem — a raiz Malcut de uma árvore da vida lunar.

Para o filósofo Malcut é seu corpo terrestre. Essa é a sua terra, sua água, seu ar, seu fogo. Aqui é o seu veículo, sua carruagem puxada pelas forças vegetais da vida, tendo o próprio homem como cocheiro e às vezes como mestre. Malcut é, para o homem religioso, uma morada temporária no mundo físico. Nesta concha terrena ele deve viver, aprendendo as lições que podem refinar sua alma, até que isso acabe para ele e seu corpo volte à terra para ser reciclado com a ajuda dos vermes, para um novo crescimento. Os cabalistas vêem Malcut como o resíduo da Criação, a mais densa embora rica das materialidades. Nesse mundo aparentemente sólido ele sabe que todas as coisas altas estão ocultas. Na realidade elas estão presentes, todas entrelaçadas e cobertas, e permeadas em meio ao reino. Desintegre um átomo e Kether estará lá. Disseque uma célula e Kether estará lá. Olhe para um homem vivo, a fundo, até o mais duro dos seus ossos e o mais complexo centro nervoso de seu cérebro, Kether estará lá. E ainda mais. O Absoluto é onipresente.

CASO AMOROSO

A raça humana é uma árvore da vida completa, com os pilares do macho e da fêmea demonstrando o relacionamento entre os sexos. Além disso, cada pessoa contém uma árvore completa em miniatura, com os elementos do presente ativo e passivo em ambos, homem e mulher. Na aproximação entre os sexos a atuação de duas grandes leis cósmicas revela o desdobramento de uma mútua oitava entre pessoas unidas por uma terceira força. Aqui, então, vamos estudar uma das histórias favoritas da humanidade e observar, com a ajuda da teoria e da prática, o fenômeno do amor.

Um homem e uma mulher se olham num salão cheio de pessoas. Começando em Malcut, o lugar quente e pouco iluminado estava repleto de corpos que se animavam com a dança e com as brincadeiras. A conversa e os risos enchiam o ar perfumado. Nosso casal descobriu um ao outro logo de início; o rapaz atraído pelos cabelos da moça, ela pelo rosto inteligente do jovem. De início eles se observaram veladamente, seus Hods buscando informação, não apenas através dos sentidos mas interrogando os presentes sobre o outro. O rapaz soube o nome dela, enquanto seu Netzah, levado pelo modo como ela se trajava,

provocava uma imagem yesódica do que se escondia ali. Ela recordava ao moço um antigo amor, e a coincidência de nomes reforçou a reminiscência. A moça descobriu que ele era solteiro e que era arquiteto. Ele não apenas era atraente mas ostentava uma posição respeitável. Ele logo afastou a idéia tola de que seus pais aprovariam essa aproximação, enquanto seu Yesod colocou-o já no contexto do seu lar. Ela esperou uma oportunidade para se aproximar, percebendo instintivamente os sinais de interesse enfocados em sua direção. As tríades físicas de ambas as suas árvores estavam prontas para entrar em ação.

A dona da casa logo percebeu a situação e apresentou-os um ao outro, deixando-os em seguida. Só com a presença da deusa Vênus, eles iniciaram uma conversa indecisa, ambos escondidos atrás de suas *personae*. Pelo seu sotaque, ela descobriu que ele era norte-americano, enquanto ele descobriu que a moça pertencia a uma família inglesa da classe média. Enquanto ambos discutiam, com seus Hods, suas amizades mútuas e amigos comuns, eles sondavam um ao outro. Ela apreciava sua nuca e sua voz. Os olhos dele cobiçavam seu corpo. Ela era inteligente e muito lida, exatamente seu tipo. Ela o interrogou sobre seu trabalho e ele explicou que estava praticando sua profissão com outros jovens arquitetos. Ela ouvia atentamente, observando suas mãos e a inquietação de seus olhos, sentindo-se desde já muito atraída para ele, tão diferente dos rapazes pedantes que ela havia conhecido.

De repente ele descobriu que o barulho da festa estava insuportável. Ela gostaria de sair um pouco para tomar um pouco de ar? Para sua própria surpresa, ela concordou imediatamente. A festa tornara-se cansativa, ela racionalizou, enquanto eles passavam entre os pares que dançavam.

Caminhando rua abaixo eles permaneceram estranhamente calados em suas tensões interiores. Ele estava reconsiderando seus métodos, pelos quais acabava levando as garotas para a cama. Era qualquer coisa inaplicável ali, uma vez que havia agora um elemento enervante no sentido de algo conhecido que aconteceria, embora por que sentia isso não fosse compreensível.

Normalmente, ela não se deixava afastar de uma festa, onde estava em segurança com seus amigos. Ali ela estava com um desconhecido. O estranho é que ela tinha a impressão de que o conhecera antes, apesar de não se lembrar de onde.

Ele começou a falar, como fazem todos os ingleses, no tempo, e logo eles estavam comparando seus respectivos países, climas e estações do ano nas cidades de Nova York e Londres. Nessa conversação descuidada o diálogo prosseguia, o de Hod, Netzah, Yesod e Malcut. Eles estavam no toque do dedo do rapaz no braço da moça, agora, e nas respostas que ela dava às perguntas veladas sobre sexo que ele lhe fazia. A tensão crescia à medida que eles se aproximavam do apartamento dela. Ela queria convidá-lo a subir mas seu julgamento (Gevura) dizia que não. Era ainda muito no começo da noite e era ainda muito cedo para tanta intimidade. Sua auto-imagem não permitiria isso, ela dizia a si própria. Ele, percebendo sua hesitação, não pressionou-a e sugeriu que caminhassem um pouco. Ela ficou aliviada com sua resposta sensível à sua resistência. Talvez ela não resistisse, pensou, enquanto passavam pela portaria do edifício, a uma tentativa de ser seduzida. De repente, uma energia que emergiu não sabia ela de onde deu-lhe força para tomar a mão que se oferecia e a aceitar o beijo, o primeiro, que ele tentava dar. Desse momento em diante eles estavam em outro reino (a tríade animal). De uma hora para outra não havia mais escuridão. A lua emergiu inesperadamente e as estrelas apareceram mais brilhantes que de costume num vasto e profundo céu. Tudo em redor deles, até os edifícios, parecia vivo e cheio de cor. Eles viam, enquanto caminhavam de braços dados, com tanta clareza, ouviam e cheiravam com tanta agudeza, que cada rua parecia cheia de uma magia extraordinária. Com ambos os lados da árvore excitados, a tríade da autoconsciência estava estimulada.

Andaram quilômetros e conversaram durante horas. Por volta das duas da manhã eles já tinham contado toda sua história pessoal e conheciam tudo aquilo que pode ser dito em palavras. Diante da porta do rapaz, ela concordou com a sugestão de

tomarem um café antes de voltar para casa. Enquanto eles subiam a escada numa névoa típica de sonho, o ar se tornava carregado de paixão.

O café foi feito mas não foi bebido. Uma fome mais profunda assumiu o comando. Gradualmente despidos, cada um explorou o corpo do outro, não apenas por prazer mas numa comprovação inconsciente e instintiva de que cada parte era normal. Nus, eles aproveitaram todos os sentidos, cada toque, cada perfume e cada gosto permitido às sensações e ao corpo. Na cama, apertados num abraço, suas mentes flutuavam entre pensamentos fugazes e um completo silêncio: Hod, Netzah e Malcut. Quase não havia palavras, a única comunicação era o toque, o olhar, o som. Sonhos yesódicos continuamente toldavam suas mentes, separando-os, enquanto imagens românticas eram projetadas na realidade física. Seus olhos observaram falhas em sua beleza mas isso era superficial. Ela percebia falhas na confiança do rapaz, o que passava como coisa insignificante diante da paixão que sentia dentro dela. Na noite anterior ela se sentira sozinha e frustrada. Agora estava exultante, quase à beira da libertação. Vagarosamente ele se aproximou mais e se apertaram os corpos, até que seus ritmos se fundiram, num só movimento. Logo eles eram um só e no clímax do êxtase se encontraram e se dissolveram no nada, como se fossem a coluna de equilíbrio que vai de Tepheret a Daat. E Adão conheceu Eva.

E eles voltaram do vazio extático separados, para se tornarem indivíduos, voltando a seus corpos outra vez. Pensamentos nebulosos e sentimentos emergentes surgiram mas eles não podiam esquecer o que haviam experimentado há pouco. Nada podia apagar, apesar da fadiga que tomava conta deles, o momentâneo e intemporal contato. Só aquilo parecia real. Eles se olharam na luz mortiça, parecendo só rostos sorridentes de pele e osso. Na realidade os olhos ainda retinham a consciência mas onde estavam as pessoas que se haviam conhecido, frente a frente? Ele tocou seu rosto e isso foi tranqüilizador para ambos. Desse momento em diante eles baixaram ao mundo do dia-a-dia. Nela, pensamentos de ordem prática começaram a questionar seu

romantismo. Ela fora tomada já uma vez pela paixão. Ainda assim, não era agora a mesma coisa. Dessa vez tudo parecia penetrado de um curioso sentido de conhecimento, de reconhecimento. Ela suspirou, exausta em sua agradável fadiga. Nunca antes ela havia se sentido tão em segurança, mesmo nas proximidades de sua casa.

Ele, na flácida baixa-mar de sua paixão, pensava. Essa experiência só podia ser superada pelo seu primeiro grande amor de muito tempo atrás, na fazenda de seu tio na Nova Inglaterra. Sem o cheiro do feno, ou cotovias no céu de verão, ele tinha vivido uma das melhores experiências de sua vida. Isso era mais notável porque ele tinha tido experiências amorosas anteriores, mas nada como esta. Essa foi a primeira moça na qual ele via alguma coisa mais do que uma mulher.

Ficaram em silêncio por longo tempo, pensando no que havia acontecido. Aquela não era uma aventura ocasional. Eles se haviam juntado por um breve instante e nunca mais seria possível esquecer aquele momento. O que quer que acontecesse em seguida em suas relações, nada poderia apagar a lembrança. Tepheret havia encontrado Tepheret.

Pela manhã, no entanto, o encanto havia diminuído. À luz clara da madrugada e no cotidiano, eles construíram um idílio romântico para preservar o sentimento daquela noite. Breve o contato inicial fora perdido, na medida em que eles praticavam os jogos de auto-encantamento que os amantes praticam. Yesod se havia reinstalado.

Nas semanas que se seguiram o idílio cansou-os em ondas exóticas, transformando os lugares e o tempo numa espécie de reino de fadas. O afeto começou a crescer e a fase de lua-de-mel cedeu lugar a um amor genuíno entre os dois. Mas alguma coisa nova começou a aparecer com o advento de Gevura. A crítica mútua começou também a emergir. Primeiro silenciosa, ela se desenvolveu em irritação na medida em que cada um começou a examinar a imagem que eles se haviam imposto. Isso conduziu a discussões, quando ambos perceberam que os ídolos que haviam construído se reduziam a seres humanos su-

jeitos a fraquezas. Quando um se recusava a partilhar dos sonhos do outro, surgiam discordâncias que chegavam ao amargor. Ele a achava possessiva e tendente a impor sua vontade, ela o considerava sujeito a mudanças rápidas de gênio. As brigas acabavam na cama, com Vênus substituindo rapidamente Marte.

No sexto mês do seu relacionamento eles chegaram a um ponto crítico. A novidade havia acabado mas eles estavam muito ligados, ainda, um ao outro, embora pensassem se era desejável continuar juntos. Esse clima desencadeou uma crise inesperada. Dois apartamentos e um só amor não era uma situação desejável, eles consideravam. Combinaram então manter sua independência. Esses casamentos experimentais não eram raros no seu meio mas havia ainda o problema da disputa territorial. Independentes mas morando juntos, segundo decidiram, não se chegou a um acordo sobre quem moraria com quem, e qual apartamento seria alugado. Nenhum dos Yesod concordava em ceder, nenhum deles queria sacrificar sua casa para ir morar com o outro. Ele sentia sua masculinidade insultada, ela sentia sua segurança abalada. Afinal, estavam bem como estavam.

Naquela noite, na cama, depois de umas horas desagradáveis, o milagre aconteceu novamente. No clímax do amor, agora uma rotina agradável, a conexão Tepheret estabelecida na primeira noite foi restaurada. Súbito, eram um só novamente. Por um segundo, talvez, mas o bastante para ver que havia outra coisa que os ligava. Hesed havia sido tocado. Todos os conflitos pareceram banais, tudo foi esquecido, todas as feridas cicatrizaram. Eles concluíram que seu caso devia continuar mas com suas individualidades respeitadas.

O tempo testou seu relacionamento e eles evoluíram para uma convivência respeitosa e compreensiva, enquanto as qualidades de Binah preponderavam. Ambos tiveram que enfrentar dificuldades juntos, quando o trabalho dele pareceu perigar. Hábitos e costumes foram aceitos e assimilados. Sua segunda crise ocorreu quando eles sentiram que não podiam continuar assim. Concluíram que seria melhor viver cada qual em sua casa, mas aí nenhum deles concordava em sair. Aí ambos mergulharam numa série de desentendimentos desastrosos, comuns por esse mundo afora.

Dois meses depois resolveram voltar a viver juntos, convencidos de que agora era difícil viver sem o outro. Essa conclusão veio como um relâmpago, uma noite, quando eles perceberam tudo o que perdiam com suas desinteligências, e o muito que podiam fazer juntos, no futuro. Aqui Binah entrou em contato com Hochma, iluminando o fato óbvio de que um havia nascido para o outro. Daat contribuiu para garantir a certeza nesse caso e eles decidiram que não havia nada mais a fazer senão casar. A árvore de seu relacionamento continuava de pé.

No casamento aconteceu uma coisa interessante. Enquanto o ministro oficiava a cerimônia, ambos sentiram dentro de si um curioso movimento. Era como se algo do alto confirmasse aquela união. Quando ela se voltou para ele, reconheceu ali seu marido.

Nossa história é talvez uma situação clássica, uma vez que contém o princípio do desenvolvimento simultâneo e o equilíbrio na árvore dos respectivos jovens. Isso demonstra a tradição cabalística relacionada com homens e mulheres que em íntima conexão estabelecem uma analogia direta com a árvore, fazendo o encontro do céu com a Terra. O casamento, uma união real e não um mero arranjo legal, é raro porque na maioria das pessoas um ou mais Sefirots estão deixando de atuar corretamente. Um Gevura ativo é a explicação mais comum para uma mulher mal-humorada, e uma relação Netzah-Hod desequilibrada tem destruído muitas uniões, enquanto um Yesod acobertado por mentiras tem evitado mais de um desastre matrimonial.

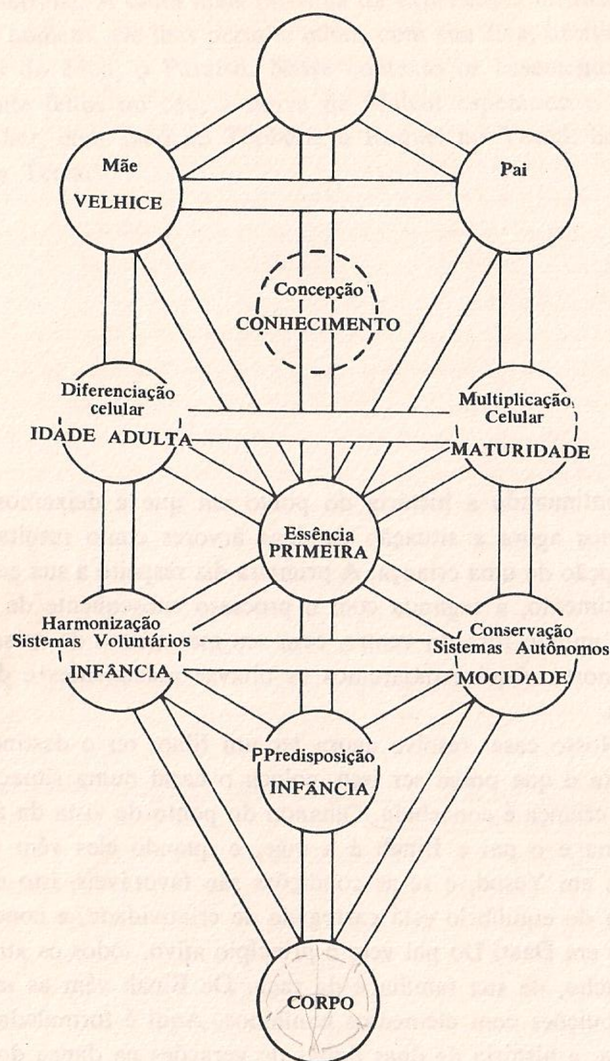
O sexo, ao contrário das concepções puritanas ou muito permissivas, não deve ser olhado como um mistério. Ele está relacionado com uma situação cósmica, não com o hábito. No clímax do ato, numa relação plena e harmoniosa, muitas coisas se tornam possíveis, e não é sem razão que esse momento é chamado de "a meditação do pobre". Aqui está o encontro de duas árvores; o surgimento de identidades gêmeas que haviam perdi-

do momentaneamente, através de seus corpos, os laços da existência terrena. A coisa mais próxima da experiência mística para muitos homens, ele lhes permite olhar, com sua Eva, através dos portões do éden, o Paraíso. Nesse contexto os casamentos são realmente feitos no céu, a noiva de Malcut esperando o noivo de Kether, com Jacó no Tepheret e Raquel no Yesod, entre o céu e a Terra.

NASCIMENTO-VIDA-MORTE

Continuando a história do ponto em que a deixamos, examinamos agora a situação de duas árvores como resultado da concepção de uma criança. A primeira diz respeito a sua gestação e nascimento, a segunda com o processo subseqüente de entrada no mundo fora do ventre, com seu mecanismo de crescimento e morte. Aqui estudaremos as oitavas ascendentes e descendentes.

Nosso casal resolve agora ter um filho; ou o destino, não importa o que possa ser isso, coloca o casal numa situação em que a criança é concebida. Olhando do ponto de vista da árvore, Hochma é o pai e Binah é a mãe, e quando eles vêm juntos, unidos em Yesod, e se as condições são favoráveis, isto é, se a coluna do equilíbrio está carregada de criatividade, a concepção ocorre em Daat. Do pai vem o princípio ativo, todos os atributos do macho, de sua família e da raça. De Binah vêm as mesmas contribuições com elementos femininos. Aqui é formulada a dinâmica, a história de duas linhas de gerações na dança dos cromossomos. O sexo da criança é provavelmente determinado em Binah, tal como a cor do cabelo, a tendência para ser alto ou baixo, ou para ser espadaúdo ou frágil. Dúzias de combinações



NASCIMENTO — VIDA — MORTE

são possíveis nesse nível. Em Binah também serão decididos o temperamento, as tendências, a natureza.

Após a concepção o relâmpago passa por Hesed. Aqui começa o processo de expansão orgânica e crescimento. Dentro de alguns dias o óvulo fertilizado já está dividido num certo número de células e forma uma pequena bola. Essa massa continua sua expansão com velocidade extraordinária, até que se torna um disco embrionário. Aí começam as diferenciações celulares, com suas funções próprias. O entoderma, o mesoderma e o ectoderma definem e desenvolvem seus órgãos respectivos. É a diferenciação, Gevura.

Daqui por diante Hesed e Gevura trabalham juntos, cabendo a Hesed produzir o crescimento e a Gevura determinar os órgãos e funções. Tepheret anuncia a presença da natureza essencial. Pela sua posição no relâmpago, ele chega quando o embrião está completo, quando a inteligência particular já foi determinada pela coluna da consciência, comandada por Kether. Em caso de aborto, o Tepheret, segundo o livro de orações dos hebreus, "passa pelo mundo sem entrar nele".

O processo de gestação com Netzah comanda os ciclos biológicos, o instinto de conservação e a contínua renovação orgânica. Esse princípio atua também sobre o psiquismo. Enquanto o embrião está ligado à mãe, seu instinto de preservação está sempre alerta. A mãe permanece sob a supervisão de Vênus e da Lua, os avós gêmeos da natureza.

Hod pode ser chamado aqui de princípio da harmonia. Para ilustrar o processamento de Hod, um exemplo: quando um grupo de células não está em sintonia com o conjunto do organismo, pode ocorrer um câncer, e um Netzah desequilibrado suprirá a alimentação do tumor, garantindo seu crescimento maligno. A menos que Gevura seja informado e todos os dados passem para o Sefirot, o tumor crescerá e destruirá o corpo que o alimenta, bem como a si próprio, tão egoísta é sua orientação. Hod faz todo o possível para que o organismo todo saiba o que está acontecendo.

Yesod é aqui a personalidade do organismo em seu con-

junto, ainda não marcado pelo mundo exterior. Ele fica no meio de Hod, Netzah, Malcut, a tríade, no meio informe e suave do cérebro, no corpo, no psiquismo da criança. Ela não contém memória, apenas constrói características, fracas e débeis. Um dom familiar para música, ou uma tendência à violência, talvez uma aptidão para mecânica, ou um horror natural à altura, são coisas de Yesod. Um talento especial pode permanecer adormecido durante uma vida inteira, se não houver estímulo exterior. Um Mozart pode envelhecer e morrer numa pequena cidade, sem ter sentado uma só vez perto de um órgão, enquanto um gênio mecânico logo apareceria, no mesmo lugar, ou, ao contrário, perderia seu tempo tentanto tocar na Orquestra Filarmônica de Londres. Yesod é a mente comum e nós o exploraremos convenientemente, mais adiante.

Malcut, o reino dos elementos, é o corpo físico. É o corpo molhado e enrugado do recém-nascido. Desse momento em diante ele volta para Kether compondo uma árvore inteira, como Kether para Malcut, mas essa árvore não será visível exceto através dos anos, quando o homem já cresceu. O primeiro estágio é a infância, o caminho entre Malcut e Yesod. Nesse período não apenas o corpo cresce de volume como se deixa saturar de informações internas e externas. De Hod absorve os sentidos do paladar, da audição, do olfato, da visão. O tato é talvez o mais importante nos primeiros tempos. Netzah intervém e a criança já reconhece o ritmo na natureza, a hora de comer, de dormir, de permanecer em vigília. Depois, atirar objetos a distância é parte da sua programação para estudar pesos e distâncias. No começo da infância (as imagens sefíricas se sucedem) a criança começa a controlar suas funções, a andar e falar; todas as faculdades do Hod físico.

O período Hod é aquele em que a criança aprende sobre tudo ao seu redor. Sempre curiosa, ela explora a geografia de sua casa e o vasto mundo aberto à inteligência pelos meios de comunicação permitem descobertas novas e freqüentes. Os meninos logo se ocupam com experiências, pesando objetos, fazendo pesquisas no quintal, formulando perguntas. Os museus tornam-

se lugares fascinantes, tal como as cavernas e os lugares desconhecidos. Nessa idade se coleciona tudo, principalmente as pequenas coisas inúteis, mudando os interesses com muita freqüência. Aqui a Sefira de Mercúrio, uma espécie de camaleão, faz seus truques, impõe suas decepções, convida a pequenos furtos — como todos os colecionadores sabem. A velocidade assume grande importância, nessa idade. A pequena *persona* já está formada, sua educação passa sobre a natureza essencial, talvez demais. Isso é demonstrado nos sistemas de escolas públicas em que a verdadeira natureza das crianças é sufocada numa apertada máscara de convencionalismos sociais. Admirável a serviço do eu real do homem, a *persona* é um mau professor quando se trata de qualquer desenvolvimento verdadeiro. Como se pode observar, muita gente não sai de trás de Yesod e Hod, preferindo comer, beber e falar convencionalmente, devido aos hábitos assimilados na escola. Na vida seus valores são governados por gratificações ou conduzidos por impressões, sua vontade comumente controlada por pessoas que têm a determinação de Gevura, o poder de Tepheret ou o desejo de Netzah. Isso pode parecer cínico mas no mundo ocidental, em particular, muita coisa acontece em função desse jogo de fraquezas e de domínio.

A mocidade é tempo de Netzah. Aí começa o alerta para a beleza e o amor. As meninas crescem conscientes de seu próprio corpo, e os meninos do aumento de sua paixão. É a época de Vênus, em que se atravessa o mundo de doces confusões que cerca o amor e se tem a impressão de atravessar um mundo de pura poesia. É o reino dos sonhadores, que se pode identificar no *Romeu e Julieta* e em *West Side Story*. Energia e descanso, vazante e cheia. É Netzah, ou eternidade, com sua ronda amorosa passando de um homem a outro, na infinita cadeia dos abraços. A dor, a morte, a doença não têm lugar aqui. Todos são bonitos e saudáveis, sem traços de reumatismo ou ressentimentos. Dormir ao relento é divertido, tocar violão até amanhecer não cansa. E o cansaço é logo reparado pelo amor. Essa é a idade em que menino e menina se desligam do lar, a intimidade do amor dando-lhes, pela primeira vez, uma

sensação de independência. Essa é a primavera, seu começo, pouco antes do total florescimento do homem e da mulher.

Tepheret é a alvorada da vida. Nessa altura a natureza já atingiu seu zênite. A natureza essencial já assumiu o comando do corpo e tem à sua disposição todo o equipamento necessário. Muitas obras de arte são criadas nessa altura da vida (Tolstoi estava em meio à casa dos 30 quando escreveu *Guerra e Paz*). Os que não saíram de trás de Netzah ainda continuam eternos adolescentes, perdidos em amores infinitos. A moderna publicidade explora isso, convencendo muitos de que as qualidades físicas da mocidade têm mais a oferecer do que os valores da experiência. Homens e mulheres têm gasto milhões para manter uma aparência de mocidade que não engana os bons observadores. Mas o tempo orgânico não pode ser congelado.

Gevura é o período da determinação. É a plena idade adulta, quando todas as forças de um homem estão sendo aplicadas numa só direção. Há coragem presente no homem dessa fase, o qual pode ser um diretor de empresa ou um artista devotado ao seu trabalho. Há um elemento emocional em seu trabalho. Ele trabalha porque a tarefa que faz o fascina, não apenas pelo dinheiro que esse trabalho rende. Alguma coisa o guia. Pode ser que ele queira uma nova casa, ou pretenda dar aos filhos uma boa educação. Isso lhe dá uma decisão que se torna sua principal marca. Se o estímulo é negativo ele pode se tornar agressivo, um carreirista impiedoso que passará sobre o corpo de quem se colocar em seu caminho. Nessa idade são freqüentes os verdadeiros mestres, embora muitos finjam desempenhar esse papel a fim de competir e dominar. Isso, no entanto, é perceptível por seu produto de pressões externas e não a verdadeira natureza. Quando ele em verdade é capaz de ficar sozinho, de tomar uma decisão contra a opinião dos demais, e desprovido de pura teimosia, então se diz que ele atingiu a iniciação de Gevura.

O período de Hesed é a maturidade. A essa altura o homem dispõe da força da experiência, talvez também os bens materiais necessários, que chegam com a idade. Ele já possui muito de

tudo o que ambicionou. A essa altura a pressão já pode ser aliviada. Ele é mais tolerante, mais benigno. Claro que ele ainda trabalha muito mas sem a mesma ênfase. Há uma certa alegria em considerar o trabalho feito. Se puder, talvez ele se torne liberal com os menos afortunados, como o milionário norte-americano Peabody, ou talvez se dedique à filantropia, criando fundações como Ford e Rockefeller. Se ele for um artista e já ultrapassou a fase competitiva de Gevura, ele pode querer ajudar os que estão começando, escritores e pintores jovens, como T. S. Eliot fez. Essa é a idade do jovial, assim como o período de Gevura foi a idade do marcial.

Entre Hesed e Binah fica a Sefira invisível de Daat. Esse é o ponto na vida do homem em que ele sabe o que há ao seu redor. Se ele desenvolveu isso antes — o que é difícil devido às ilusões e prazeres de outras épocas, em que havia mais mocidade — um novo homem poderá relacionar tudo o que aprendeu com os padrões da vida. Dessa posição diretamente acima de Tepheret ele poderá olhar para trás e distinguir com olhos de sabedoria todos os caminhos que percorreu. Ele então poderá concluir que a vida é um jogo do qual é preciso participar mas no qual não nos devemos deixar envolver. A vida é um palco e o homem é uma personagem. Ele reconhecerá isso e verá tudo com cinismo ou humor, dependendo do modo pelo qual chegou àquele ponto. Reconhecerá também que pode haver um segundo nascimento antes da morte. Em muitos que chegaram a essa conclusão, o vazio de Daat, ou o desaparecimento do ego, pode ser demais. Esse renascimento é adiado a vida inteira, pela grande maioria dos homens, os quais passam de uma ilusão a outra, até a morte. Pela tradição indiana, o chefe da família passa a seus filhos todos seus bens e deveres e se aposenta. No Ocidente não se faz isso mas é comum ao velho partir para os campos de golfe. Mas mesmo nos Estados Unidos e na Europa há alguns que fazem o retiro espiritual. Ali, eles podem chegar àquelas descobertas de um renascimento a qualquer instante. Outros homens fizeram fortuna até os 40 e dedicaram o resto de suas vidas à sua evolução pessoal, ou

indo para um mosteiro, ou, como o milionário alemão Schliemann, dedicando-se à arqueologia. Essa mudança crítica leva-nos a Binah.

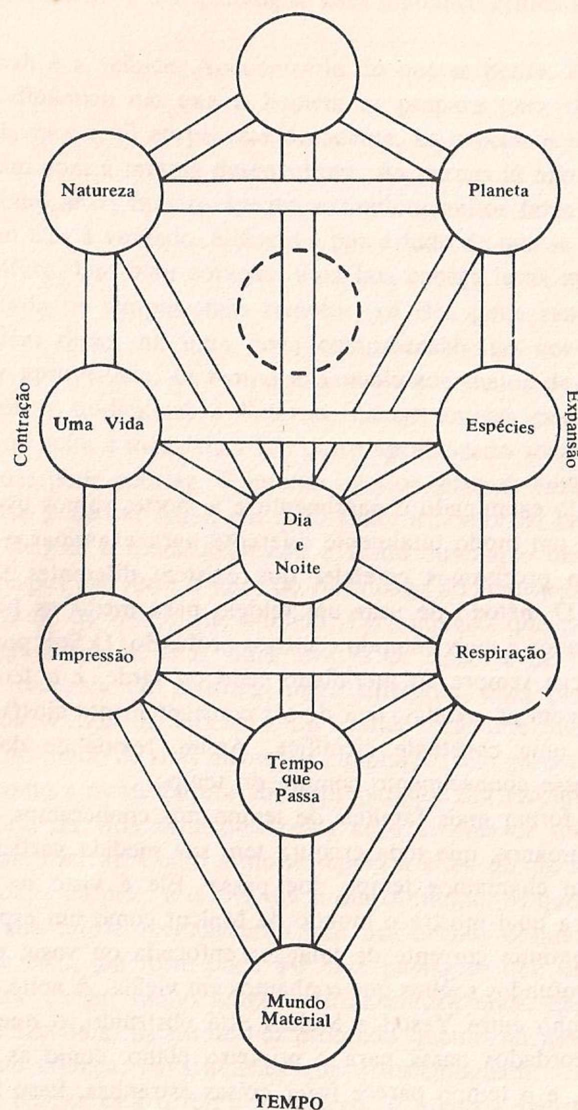
Binah é a velhice. Ao contrário do que se pensa, esse é o período dinâmico em que o homem se prepara para o nascimento da morte. O corpo está decadente, os processos vitais já não atuam com a mesma desenvoltura. As pernas já não podem correr como antes mas o espírito acumulou muitos fatos e pode lidar com eles à vontade. Silêncio e paz é tudo de que se precisa a essa altura. Um bom coração, uma boa cabeça, uma memória que recorda os tempos mais remotos, só isso pode renovar a vida. Além disso, há uma nova compreensão das coisas que pode ser aproveitada. O tempo é a qualidade maior de Binah, cujo planeta tradicional é Saturno. Cenas antigas podem ser trazidas de volta à memória e um outro aprendizado sobre coisas já passadas pode ocorrer. O mundo interior torna-se então mais real, quase palpável. Aqui, um salto sobre a árvore de Hochma. Os que chegam a idade avançada e ainda buscam o desenvolvimento espiritual vêem o salto do relâmpago ao contrário, como a luz cegante da morte que oblitera. Para aqueles que entenderam o significado de suas vidas através de Binah e de Daat, a morte é recebida de maneira muito diferente. Eles percebem através da cortina de Hochma um mundo brilhante além. No silêncio, no fundo de suas mentes, a iluminação não parece assustadora, como a morte parece ao despreparado. Em Hochma está a sabedoria da vida brilhando pelos anos através de todos os Sefirots até Malcut. Como a morte separa a alma de um homem de sua roupa de pele, e o leva até o outro mundo, os que assistirem à sua morte reconhecerão que um evento cósmico teve lugar. De fato, tão forte pode ser essa passagem que seu impacto pode chegar muito longe e durar muitos anos. Esse é o poder de Hochma, na morte tão profundo quanto no nascimento de uma criança, para aqueles que o testemunham.

Em Kether está o fim e o começo. É a coroa aberta através da qual o espírito chega e parte, às vezes para vir, outras vezes para voltar.

TEMPO

Tendo examinado o nascimento e a morte, vamos usar a árvore de um modo totalmente diferente para examinar o tempo. Primeiro precisamos entender que existem diferentes tipos de tempo. O método de usar um relógio para medir as horas ou os segundos é mais cômodo e menos profundo. O Sol, por exemplo, chega sempre ao meridiano cedo ou tarde, e o tempo, de acordo com as estrelas, tem de ser constantemente ajustado para manter uma constante científica. Assim, temos de deixar de lado nosso conhecimento comum do tempo.

A forma mais familiar de tempo nós conhecemos — nós, seres humanos, que toda criatura tem sua medida particular —, é o que chamamos tempo que passa. Ele é visto na tela de Yesod, a qual mostra o mundo de Malcut como um espetáculo, uma contínua corrente de imagens enfocada ou vaga, entre os mais profundos sonhos que sonhamos em vigília. À noite, quando o caminho entre Yesod e Malcut está obstruído, o que sonhamos acordados passa para o primeiro plano, como as estrelas à noite, e o tempo parece fazer coisas estranhas. Esse tempo é aquele que vemos como familiar e que associamos ao movimento dos ponteiros do relógio. Essa, naturalmente, é uma ilusão



TEMPO

completa, uma vez que todos nós sabemos a diferença entre um dia interessante e um dia aborrecido, como um passa rapidamente e como o outro custa a passar. Para nosso sentido de tempo, nossos relógios são inúteis. Um jovem esperando por sua namorada acha dez minutos um período de tempo intoleravelmente longo, e um beijo de despedida, quando se ama, parece absurdamente curto, embora ele tenha sido prolongado a ponto de provocar comentários. Os diferentes níveis e dimensões do tempo são responsáveis por essas discrepâncias.

O homem é uma árvore da vida e cada Sefira tem sua escala própria de tempo. Se tomarmos Tepheret como dia e noite, a essência do tempo, vemos um ciclo completo ao redor do qual os vários relógios da árvore funcionam. Em Tepheret há uma medida consciente. Normalmente, um homem percebe o mundo através do tempo yesódico. Ele vê a passagem de eventos imaginando-os reais, mas quando ele desperta — às vezes durante um acidente de carro — tudo muda. O mais extraordinário nesses casos é que o tempo parece fluir mais lentamente. Digamos que enquanto está dirigindo, um pedestre surge à sua frente. Ele percebe tudo numa fração de segundo, e nesse instante ele vê mais coisas do que num dia inteiro de tempo yesódico. Nesse fragmento de tempo ele percebe que o carro vai se chocar com um poste, depois de sua manobra para salvar o pedestre. Seu corpo, no entanto, atua em outra escala de tempo, e já não pode responder às suas percepções, rápidas demais para ele. Ele percebe o fato incrível de que seus reflexos são lentíssimos em relação com seu apercebimento de tudo em volta. Subitamente alertado pelo perigo, ele observa tudo com surpreendente isenção. Como se estivesse vendo um filme em câmara lenta, cena por cena, imagem por imagem. Alguns desportistas conhecem bem o fenômeno e conseguem ver, por exemplo, uma bola de beisebol se aproximar mais como um lento balão do que como um trem expresso. Essa é a visão de Hod do tempo, a qual percebe em pouco tempo as infinitas reverberações e impressões. Tudo o que ocorre em menos de um milésimo de segundo pode ser percebido pela mente, então. As

freqüências mais altas de Hod são as nossas impressões mais rápidas. Olhando pela escala temporal de Hod, um minuto é feito de milhares desses *flashes*.

É possível aumentar a sensibilidade para a percepção que encurta o tempo à vontade. Isso pode ser feito artificialmente com o LSD, por exemplo, mas não apenas isso é ilegal, num sentido espiritual, como é perigoso, da mesma forma que colocar num velho carro, combustível de um foguete espacial. O certo é adquirir essa consciência pelo cultivo inteligente e natural. Para os que praticam essa espécie de disciplina espiritual, o fenômeno valorizado pelo cinema — cujos recursos tornam lento o movimento e o tempo, ou os apressam — e por outras formas de arte está ao alcance das mãos. Uma história ilustra bem o caso: um anjo apareceu a um homem, uma noite. Assustado com a aparição, ele quebrou um jarro de água que estava em sua cabeceira. O incidente foi esquecido e o anjo levou-o até o reino divino, aos pés do próprio Deus. Depois de ver todas as maravilhas celestes, o anjo o conduziu de volta a sua cama, no instante em que o jarro de água acabara de se quebrar ao seu lado.

Netzah é a respiração, isto é, um ciclo completo relacionando o mundo interno e o externo. O corpo está cheio de relógios, cada um dos quais tem seu ritmo próprio, o principal deles sendo o coração, mas isso não se relaciona diretamente com o mundo lá fora. A respiração sim, e seu ritmo tem muito a ver com o mundo interno e externo. Isso permite uma visão única, uma vez que revela um relacionamento correspondente. Um momento de medo demonstra sua recíproca reação. Através de uma respiração, em dado momento, toda a situação é assimilada por milhares de impressões que fluem para a faculdade Hod. Ao fim da mesma respiração essas impressões já foram analisadas e o sistema autônomo de Netzah já ajustou o organismo para correr ou lutar.

Qualquer pessoa sob o encantamento do amor sabe muito bem das mudanças, de momento a momento, operadas no humor e no metabolismo. O relacionamento é medido em respirações, curtas ou longas, e a seqüência se alonga até a respi-

ração clímax do orgasmo. Essa ligação com a mente instintiva estabelece conexão com a natureza, e às vezes uma bela visão simplesmente suprime a respiração. Num recanto de bosque, ao por do sol e sob o efeito da brisa, pode ocorrer uma pausa, como a sístole e a diástole da natureza momentaneamente interrompida. Netzah é o relógio da respiração medindo não o instante de Hod mas momentos completos. Estas não são apenas impressões mas toda uma situação, seja o estímulo uma maravilhosa paisagem ou um primeiro beijo.

Tepheret é a essência do tempo. Para o homem é o ciclo do Sol através do dia, a caminho da noite. Para um inseto como a efemérida, criatura que só vive algumas horas, um dia é uma vida inteira. Para a biosfera, um ano, a roda completa das estações, não passa talvez de um dia. Para a Terra, um dia é talvez muitas décadas, uma rotação em seu eixo talvez seja a mais curta das impressões registráveis; e para o Sol, a maré de radiação e o tempo decorrido entre a era tropical de uma nova glaciação não deve ser muito mais que uma respiração para nós. Tepheret é a placa do nosso microscópio cósmico e seja lá o que for que ponhamos lá, para nosso exame particular, é para essa entidade como uma noite e um dia. Um ciclo de 24 horas é o espelho de nossa vida. Nosso despertar é um nascimento, nosso crescimento é a manhã, meio-dia é a juventude, a tarde é nossa maturidade e a noite nossa aposentadoria, com a morte, representada pelo sono, completando o ciclo.

Gevura é uma vida. No homem, está relacionado com o aspecto emocional de seu ser. É o sentimento da vida. Alguns grandes pintores retratistas usaram essa faculdade para captar em seus quadros o conjunto da existência do homem. Rembrandt é mais do que fidelidade à realidade. É a natureza essencial, somada a impressões e momentos. É a soma total de uma conduta, de atitudes, de feitos. Em seus auto-retratos ele pôs sua própria existência, seu amargor, sua curiosidade, seu amor. Aqui estão os elementos que diferenciam realmente um homem do outro. Alguém pode ser parecido, nos mínimos detalhes, a um seu irmão gêmeo mas depois de uma vida longamente vivida,

composições especiais e particulares mostram uma diferença. Gevura é uma vida. Para muitos de nós é a apreciação temporal de um limite superior. Na morte de um parente querido, a verdadeira aflição dura menos do que se imagina. A presença daquela pessoa é depressa esquecida, não por falta de afeto mas porque a vida se esvai e modifica, e nosso próprio corpo morre a cada momento. Mesmo para uma viúva, se ela não se retirar para cultivar as memórias do morto, o mais provável é ela voltar a casar-se algum tempo depois, para preencher seus últimos anos. Esse é o sentido da vida, o primeiro e o último suspiro intercalados por impressões, vistas na tela de Yesod. Gevura procura a companhia de Tepheret e Hesed, a tríade da autoconsciência, e à medida que os anos se acumulam assim também aumenta o estado de percepção do reino não-físico e seu tempo que não pertencem a este mundo. Gevura e Hesed são os anjos que guardam os jardins do éden. É possível entrar no paraíso mesmo durante a curta permanência neste mundo de ação e matéria. Nesse sentido o homem é uma exceção entre os seres vivos, uma vez que, a partir de sua mocidade, ele pode crescer dentro de si próprio, colocando-se sobre as limitações de seu corpo. Aqui ele abandona a lei física da casualidade e se aproxima da do destino. Se ele pode ascender pela coluna central, ele se torna consciente sob a proteção do destino.

Hesed é a expansão do tempo, em contraste com a contração e a diferenciação do tempo, em Gevura. Nessa Sefira é o poder que se alonga além da vida de um indivíduo. Em termos físicos é a sobrevida das espécies. Nessa Sefira estão todos os homens, de toda idade e de todos os tempos. Aqui está a dinâmica que se oculta atrás da explosão populacional, com milhões e milhões de mortos, bem como a pequena minoria que herdou a Terra. Hesed é o grande impulso da raça humana espalhando-se pelo planeta desde suas origens primitivas. É uma grande escala de tempo, abrangendo um milhão, ou mais, de anos. Todos os que participam desse nível de tempo é pelo menos um historiador, pelo menos um grande professor fundando uma civilização. Essa é a dimensão que percebemos,

quando vemos a Acrópole ou as pirâmides; e mais, é o percebimento de incontáveis vidas em formação, edificando um ser conhecido como homem ou, em linguagem cabalística, Adão.

Daat é único. Ele ocupa no eixo central da consciência um lugar de destaque. Enquanto o Sefirot das colunas externas define funções, o das centrais concernem à percepção da criatura. Daat é a porta para a intemporalidade, na medida em que permite o fluxo para cima, na direção de Kether. Esse fenômeno não é o mesmo daquelas recordações de períodos "fora do tempo" comuns quando se ama, mas aquele comum às experiências religiosas, em relação às quais não se pode opor o tempo cronológico marcado pelos relógios. Nem o percebimento de uma vida inteira num instante, ou a recordação detalhada de um período de tempo passado são da mesma ordem. Daat é a beira de um estado onde o tempo não existe.

Binah é a natureza, em termos físicos. Em sua escala temporal estão todas as coisas existentes na vida orgânica. Ele vem da primeira célula molecular viva e termina no último suspiro de vida da última criatura viva deste planeta. É, para nós, este lado da eternidade. Nossos museus estão cheios de ossos e conchas de seres mortos há muitos séculos, dos quais pouco sabemos, e no entanto podemos apreciar os impulsos primitivos dessas trilobitas e desses dinossauros. Podemos olhar através de um grande período de tempo e ver a evolução das plantas, dos insetos, dos animais. Ainda agora podemos ver uma pegada feita na pedra há 20 milhões de anos, um sinal de vida perdido na noite dos tempos. Binah é a mãe natureza, o receptáculo do impulso criador. Ela é a geradora dos protótipos, a delineadora de criaturas e plantas que revestem a Terra, ou que a cobriram num período particular. Para um homem, a tríade Binah, Hochma e Tepheret é seu destino — com o conhecimento de Daat ele pode abrir a porta do divino e fugir à roda da existência.

O tempo de Hochma em sua escala é o planeta. Para um homem, ele está muito recuado no tempo, e no entanto é possível perceber dele, em visões momentâneas, o que será a medida

de tempo para a Terra. Pedaços de rocha, amostras lunares, a periodicidade dos planetas e os grandes ciclos do Sol, tudo o que a Terra perceberia se ela fosse consciente pode ser visto em Hochma. Com sua atmosfera semelhante a um imenso protoplasma, nada se parece mais a uma célula que nosso planeta. A Terra, se é viva, é relativamente jovem, e o homem sabe por dedução e especulação que em relação à Via Láctea o sistema solar equivale a um ser de meia-idade, ou menos que isso. Essas coisas perdem significação para o homem, tal a desproporção de tempo em relação à escala humana. Basta lembrar que a galáxia de Andrômeda que o homem vê hoje com seus telescópios é um cenário que existiu há muitos milhões de anos atrás, e que só agora chegou às lentes dos observatórios. Nosso planeta é, para nós, o Hochma do nosso tempo, o pai da natureza e de suas espécies. Não é, não obstante sua longa vida passada e futura, a eternidade, embora assim possa parecer aos nossos olhos limitados. E se o homem pode, como muitas religiões afirmam, existir após a morte física, e em alguns casos retornar à Terra num período de sua escolha, isso só será possível depois que ele subir a coluna da consciência, tarefa única e rara entre milhões de existências humanas.

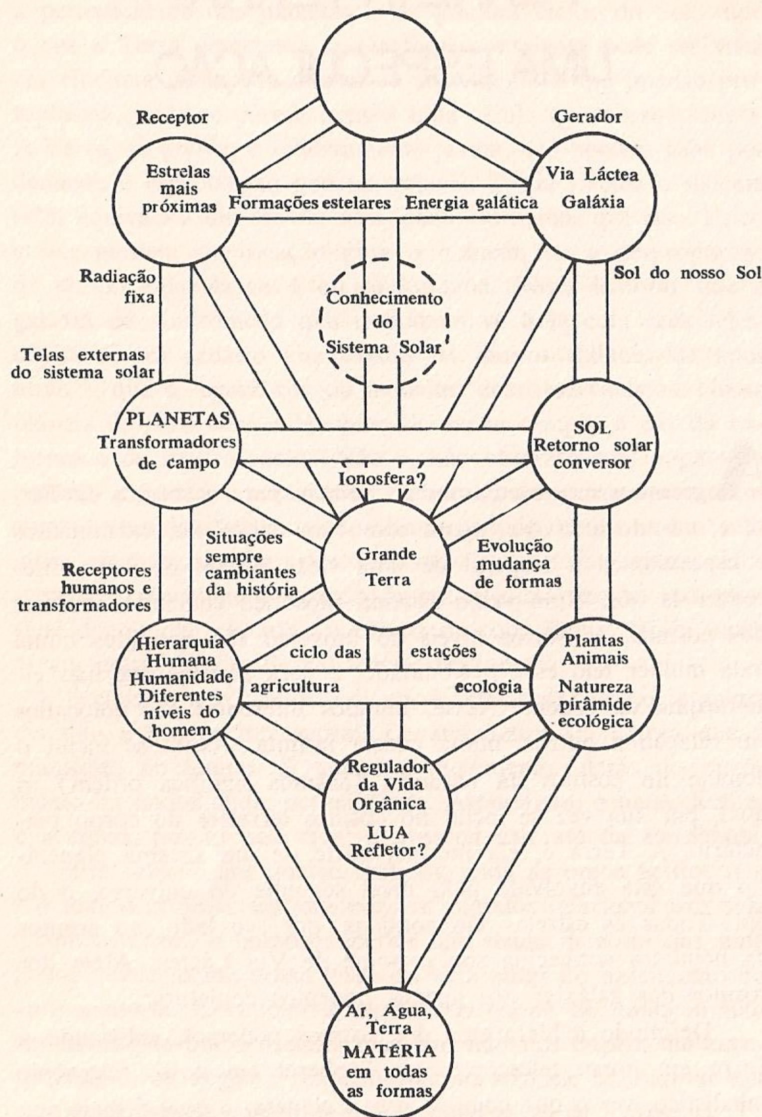
Kether é a coroa. Em si ela é intemporal. Atrás e acima ela não é sequer intemporal. De sua Sefira sai aquilo que é manifesto no tempo. E tempo é movimento. Atrás do movimento há imobilidade, permanência. Atrás disso, o nada. Kether é a coroa, portão pelo qual é possível sair até da eternidade.

Em relação aos quatro mundos, cada árvore e Sefirot têm seu tempo próprio, embora para os mundos inferiores isso seja incomensurável, o mundo superior não sendo mais do que uma possibilidade, como nossa visão da vida antes do nascimento ou após a morte. É impossível explicar o tempo de nosso mundo em termos de outro mundo, mas isso não nos impede de experimentá-lo, ou negar a realidade do miraculoso, quando os reinos superiores se manifestam em nosso nível de existência.

PLANETA TERRA: UMA ESPECULAÇÃO

Agora nos movimentamos do homem para o cosmos da Terra e, usando a árvore, agora como um telescópio, examinamos e especulamos a respeito de uma vasta ordem de seres diferentes de nós. Num velho sistema filosófico chamado doutrina dos cosmos, os vários níveis do universo são divididos numa toda mulher tem essa posibilidade, e para aqueles que não vi- hierarquia de ordens. Nesse, mundos diferentes são colocados em relação a outros, numa cadeia infinita. Assim se inclui o homem no cosmos da natureza (cosmos significa ordem), o qual, por sua vez se inclui no cosmos terrestre do corpo planetário. A Terra é, ela mesma, parte de um sistema planetário que está envolvido pelo nível seguinte do universo, o do Sol. Todas as estrelas são contidas, por seu lado, no cosmos da nebulosa conhecida sob o nome de Via Láctea. Além dos cosmos das galáxias nós apenas podemos conjeturar.

Definindo a hierarquia dos cosmos podemos, colocando a Terra em nosso telescópio, ou Tepheret em nosso telescópio cabalístico, ver o que compõe nosso planeta, o qual é mais que mera bola sólida composta de coberturas de água, ar, radiação e vida.



O PLANETA TERRA (notas especulativas)

Começando em Malcut vemos o chão da Terra com seus quatro elementos ou vários estados da matéria. Ele é composto dos elementos conhecidos da ciência e dos que ela ainda vai descobrir. É o mundo que aprendemos estudando geografia, geologia, mas não é a Terra verdadeira, como o corpo de Cristo tirado inerte da cruz era tampouco o próprio homem. Cada Sefira é um nível de atividade, não apenas um objeto astronômico. Um homem em meditação pode parecer um ocioso. Mas como o Buda sentado sob a árvore Bohdi, sua aparente inação esconde a atividade cósmica da mais profunda iluminação.

A Lua é Yesod e, como já foi dito, pode ser comparada a um pêndulo gigante que cria o ritmo das marés não apenas nos oceanos terrestres, mas em todas as substâncias fluídicas da superfície da Terra, inclusive o povo. Em sua conexão com Hod, ou atuando nesse contexto, Yesod para a Terra é o movimento rítmico e regular, seja ele a rotina da fome e do sono, seja todo e qualquer ciclo e período que conhecemos.

Hod para a Terra é a humanidade. O homem é o processo voluntário da Terra. A humanidade está dividida, como nossos sentidos, nas mais variadas funções. Há muitas divisões teóricas mas nós apresentaremos apenas três. Baseado na tipologia, o homem sabe que sua espécie se divide, a grosso modo, em instintivos, emocionais e intelectuais. O grupo instintivo liga-se à ação, inclina-se para o trabalho. Esse grupo é majoritário e seus membros podem se aplicar a uma infinidade de atividades. O setor emocional é mais raro, sendo considerados seus membros como os corações da humanidade. São os receptores e criadores do humor. Tais homens aparecem nos movimentos religiosos e artísticos, embora possam aparecer como líderes em tempo de guerra, ou atuar como estimuladores em tempos de paz. São os poetas, os artistas em geral, os homens que revelam a beleza em meio à vulgaridade. A emoção é vital para o mundo. Se ela não existisse o homem não seria humano, e a Terra seria varrida permanentemente pelas guerras. Se não fosse pelo amor do belo, do bom e do verdadeiro, não haveria civilização.

O setor intelectual da humanidade é ainda menor. Ele não inclui o filósofo universitário ou o pensador de bar que persegue a notoriedade e sonha com a sabedoria. O círculo intelectual reúne um grupo pequeno e seleto de pensadores originais os quais mudam, vagarosamente, os rumos da humanidade. Esses homens refinam o mundo, com seu trabalho. Com sua atividade, eles instilam na Terra um maior conhecimento em relação a si mesma. Quanto mais sensíveis os homens, maior será a percepção geral, de tal modo que a acumulação de conhecimentos, embora importante, nada seja ao lado daquela outra sabedoria que esse pequeno grupo promove. Para o planeta, a evolução da humanidade é vital. A sobrevivência do homem é também problema da Terra. Porque ele é o mais delicado e sutil dos seres que a habitam. A inteligência da Terra é maior que a inteligência dos homens, é verdade, e com o advento de uma consciência global, uma nova era da autoconsciência da Terra começou.

Netzah é vida orgânica. Para a Terra é a volta das estações, são os ciclos naturais. Milhões de gerações de plantas e animais cobriram sempre a superfície da Terra, o que não ocorreu à Lua. A natureza absorve o fluxo da energia ativa procedente do Hesed solar e cria, com o Tepheret da Terra, a tríade da evolução orgânica. O crescente conhecimento tecnológico do homem estimula alguns tipos de plantas e animais e elimina outros. Isso pode ser comparado ao indivíduo que controla seu metabolismo, pesando-se todos os dias e se impondo uma dieta eficaz. Claro que excessos podem ocorrer, como em tudo na vida, e o próprio homem pode acabar poluindo seu planeta com os mais variados produtos — inclusive os antibióticos. Mas isso pode ser corrigido, embora não indefinidamente. Um homem que planta um pomar para encantar seu neto é parte dos caminhos de Hod e Netzah. Aqui o homem está em uníssono com a natureza, exercendo controle sobre o mundo natural que o cerca. Em equilíbrio, um meio agradável e fértil; em desequilíbrio, uma favela e alimentos tratados quimicamente.

A deusa de Netzah é Vênus, e para a Terra ela veste seus encantos de graça e de sedução, mudando sua moda a cada estação, com plantas, animais e o homem se mostrando da melhor maneira, numa espécie de corte infinita. O amor natural está em Netzah e, como dizem as velhas canções, o amor faz o mundo girar. Tão significativo quanto qualquer clichê, essa é a definição de Netzah-eternidade, isto é, da repetição infindável. A primavera sempre se segue ao inverno, os pássaros vêm e vão na mesma época do ano, as chuvas caem na estação certa, os frutos amadurecem e as folhas caem cada outono. Esse é para a Terra um processo repetitivo. Enquanto isso milhões de vidas desabrocham, crescem e fenecem, e essa é a pele do planeta. Através dessa película de cerca de dez quilômetros de espessura, do fundo dos oceanos aos mais elevados picos, fluem os elementos, crescem para a vida em um estado mais além do mero sólido, do líquido, do gasoso e do irradiante. Assim como Hod é a extensão da sensibilidade do planeta, também Netzah tem função e é a de dar não apenas uma estranha e exótica beleza ao planeta mas de fazê-lo vibrante com a vida natural da biosfera.

Tepheret é a própria Terra. É o começo; foco de todo Sepheret, exceto Malcut. Essa criatura é muito maior que a bola de pedra em que pisamos. Ela contém o Sol Hesed, em sua natureza radiante, embora o que ele irradia não conheçamos até que o olhemos do fundo do espaço. Ele tem o aspecto comum dos corpos celestes mas sem dúvida participa da substância e da energia de distantes estrelas. Nada no universo físico existe no vazio. O espaço está cheio de gases sutis, de partículas que se movem, de ventos de radiações, e mesmo de fragmentos de ferro sólido. A Terra, como o homem, não é uma ilha, é parte da árvore da vida e como tal participa da organização solar, a função sefirótica. O que isso é, fica para outro estudo. O Tepheret de nosso planeta é a beleza dessa árvore. Muito diferente de Marte ou de Júpiter, sua imagem no céu, segundo sabemos por fotografias, é de tirar o fôlego. Para nós as criaturas terrestres também são belas mas não há

dúvida sobre o fato de que, se há vida em Marte, o Tepheret de seu próprio planeta lhes há de parecer igualmente bonito.

O Tepheret tem conexões diretas com Gevura e Hod, e sua tríade pode ser vista na história do homem. Em termos humanos aqui estão os julgamentos e emoções exteriores, estimulados pela influência de Gevura ou dos planetas de Hod, ou da humanidade. De modo próprio, a influência de Gevura pode provocar um renascimento, e em conjunto com outras condições um movimento religioso, ou industrial, ou uma revolução de inspiração política. A interação de Hod, Gevura e Tepheret (dependendo de qual é ativo, qual é passivo e condicionante) produzirá uma era de personalidade singular. Essa é a humanidade reagindo aos julgamentos da Terra e, como um indivíduo, seus reflexos externos revelam seus humores. Todos reconhecem que as duas guerras mundiais foram as mais terríveis.

Gevura é os demais planetas. Do ponto de vista da Terra os planetas formam uma sucessão de órbitas, cada uma delas com suas características. Numa escala planetária, aquele é um cosmos que contém a Terra. Num tempo planetário, as órbitas são espiraladas, uma dentro da outra como uma espinha luminosa descrevendo os movimentos em torno de um Sol em movimento. Isso mostra o sistema solar como um círculo de fogo em torno da galáxia. Na árvore, os planetas agem como um julgamento exterior emocional da Terra. Um estranho conceito para nós, mas como já se disse a História da humanidade dá-nos uma explicação para os humores da Terra, de modo que se olhamos o rosto humano como as feições do rosto de Hod, vemos que ele às vezes se torna zangado, e às vezes até sorri estranhamente.

O Sol se senta na Sephira de Hesed. Recebendo energia diretamente da galáxia-Hochma, ele também absorve as emanações do relâmpago, que é de Daat. Daat pode ser visto (e aqui estamos especulando) como o conhecimento do inteiro sistema solar. O Sol é apenas o foco da organização, seu corpo o núcleo. No Sol fluem e sopram energias provenientes do

campo galático. O Sol também recolhe, com sua força, gás e poeira do cosmos, o qual converte por fricção nuclear em radiação, mas de uma freqüência mais baixa em relação à emissão galática. Isso é visto elevando-se para o espaço, da coroa solar, e é detido pelos planetas que, com suas órbitas extraem energia e substâncias, cada um deles com suas exigências próprias. Aqui estão Hesed e Gevura trabalhando na expansão do Sol e nas contrações planetárias. Nossa Terra, em Tepheret, nessa árvore, circulando milhões de vezes em torno do Sol, enquanto este caminha pela galáxia, seleciona o que pode apanhar, com a natureza ou Netzah jazendo logo abaixo de Hesed, fixando no seu estômago vegetal ou animal, o alimento do Sol. Isso tem variado em função dos milênios e a natureza se adapta à realidade, criando novas espécies ou modificando as antigas a fim de aceitar as mudanças qualitativas e quantitativas. Esse ponto é bem ilustrado pelo próprio ano solar pelo fato de que cada flor tem seu lugar e sua época para florescer e nada fará que ela se entreabra fora de seu período. Cada desabrochar tem a sua cor, e nós sabemos cientificamente que a cor que vemos, o amarelo e o vermelho, ou qualquer outra, são cores rejeitadas, tendo o resto sido absorvido. Isso indica que certas plantas retêm certas ondas da radiação solar. Durante muito tempo isso é função da tríade Tepheret, Netzah e Hesed, criadora de plantas, peixes, insetos, dinossauros, e então mamíferos, tudo para absorver mais radiação de Hesed. O homem encontra-se numa posição estranha, parte animal, parte planta, relacionando-se com a coluna central da consciência, e assim conduzindo a evolução geral. Isso, no entanto, é sua escolha individual.

Sobre a tríade Hesed, Tepheret e Hochma só podemos conjeturar. De Hochma, a Via Láctea, vem o mais sutil da radiação cósmica. Essas finas partículas de energia penetram a Terra externa e a interna, e sua chegada é vital para o planeta e sua vida, dadas as mutações atômicas, químicas e orgânicas que provocam. Sem dúvida, o mais alto campo de força rarefeita da galáxia está também aqui, do qual o equivalente de Hochma no homem, na dinâmica potência da sabedoria que

pode mudar o curso de uma vida. Para a Terra, Hochma é talvez a infinita onipotência da Via Láctea, a qual é progenitora de sua existência. Há grandes poderes na tríade da Terra, do Sol e da galáxia, com Hochma nutrindo Hesed e Tepheret no nível criativo do universo psíquico.

O Sol é um ponto de intercâmbio entre a força e a forma. É a maior e mais óbvia evidência, para o homem comum, da ação cósmica. Aqui está Hesed em sua abundância e incandescência, e a matéria espalhando-se em todas as direções. O Sol não pode ser sequer olhado sem lentes escuras, tal sua potência. Sem seu impulso vital, a vida orgânica na Terra desapareceria. O mais representativo exemplo do mundo estelar de Binah, o Sol é a manifestação dinâmica de Hesed, diretamente submetido à força superior da Via Láctea de Hochma.

Daat, essa misteriosa Sefira do conhecimento, não pode ser mais que uma convidada ocasional nessas especulações. Jazendo no eixo da consciência ela alinha com a vontade do Criador. Isso nos ensina alguma coisa sobre sua natureza. Colocada no centro da tríade Hochma, Binah, Tepheret, ela parece ser a consciência cósmica do sistema solar. Aqui está, talvez, o conhecimento inerente da Terra, de sua origem. Situada sob a mãe e o pai supernos ela pode ser o ponto de concepção do sistema solar, a Terra como um órgão vital no organismo cósmico. Em Daat, sob a vontade do Absoluto, as forças passivas e ativas, trabalhando através do universo da ação e dos elementos, geram movimento, ou tempo, e a imobilidade receptiva do espaço, da qual emergem os vários mundos que examinamos. Acima de tudo isso, como o ápice da divina tríade, mora Kether, a coroa, que descendo através de Sefirot passa eventualmente por Malcut, a ponte, escondido entre os elementos virgens do universo. Aqui ela espera pelo noivo que chega, para voltar pelo caminho da lenta evolução, ou diretamente para o alto, através da coluna do equilíbrio.

HOMEM

Nosso estudo sobre a árvore da vida nos trouxe agora a um estágio de familiaridade com os termos usados, e através dos exemplos examinados a uma certa idéia de como ela funciona. Saber tudo isso pode ser satisfatório, do ponto de vista da cultura geral e já podemos seguir examinando cada coisa sob o Sol, para sempre, embora nunca cheguemos a algum verdadeiro entendimento. Esse não é o alvo da árvore. Como seu nome diz, ela precisa estar enraizada na vida. Nenhuma árvore é completa sem Kether descendo até Malcut. Se o relâmpago não encontra o chão, simplesmente não há árvore, o Céu não se manifesta na Terra. É função do homem fazer com que isso aconteça.

O homem é uma árvore da vida completa. Nele está o potencial para sua realização integral. Embora em seu estado normal ele meramente exista, o Sefirot está presente com a maioria dos seus caminhos e tríades. Essa é nossa posição. Vamos então rever a situação, antes de verificarmos o que se pode fazer para trazer a coroa ao reino.

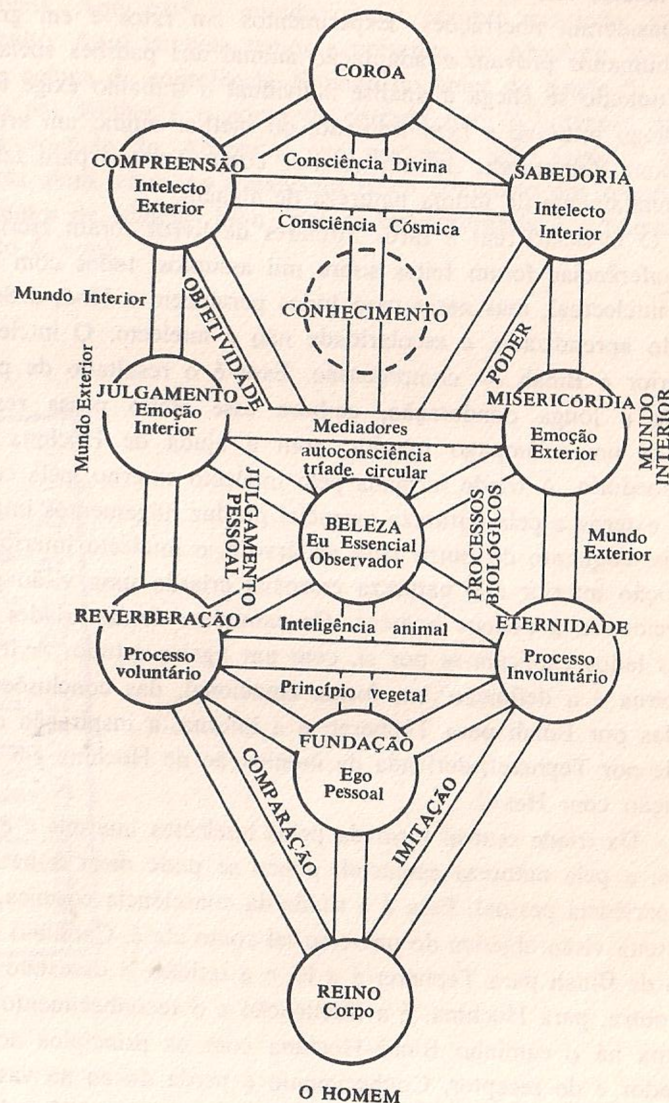
Observamos durante nosso estudo que no caso do homem a coluna passiva é o receptor, não apenas para o Sephirot

interior mas também para os aspectos externos de um homem. Através de Binah, Gevura e Hod, ele percebe a forma do mundo, enquanto o Séfirot interior — Hochma, Hesed e Netzah — define a medula dinâmica, a qual, embora poucas vezes vista, dirige nosso ser. Esses aspectos internos e externos são os pólos ativo e passivo que a coluna do equilíbrio mantém balanceados, além de nos dar consciência. Isso tudo ocorre através de quatro divisões no homem, representadas pelos níveis assiático, yetzirático, briático e atzilúthico da árvore; em termos mais humanos, os aspectos físicos, emocionais, intelectuais e espirituais da sua natureza.

O plano físico é definido pela tríade Netzah, Hod e Malcut, com Yesod em seu centro. E as subtríades Hod, Yesod e Malcut, as impressões externas; Yesod, Netzah e Malcut, as impressões internas; Hod, Netzah e Tepheret, a alma animal ou inteligente; Gevura, Hod e Tepheret, a dos julgamentos pessoais, com a natureza das emoções externas; Tepheret, Hesed e Netzah, os paralelos humanos da emoção interior, o eu, o instinto; e Gevura, Hesed e Tepheret, o começo da autoconsciência, aquilo que se desenvolve no ser humano. Esta última é o começo da evolução para o homem. Com seus caminhos ele pode possuir determinação e conhecer a caridade, fazendo julgamento equilibrado e recebendo incentivo de origens muito ocultas. Com sua natureza essencial no ponto de encontro de tantos caminhos e junto ao eixo da consciência, sua percepção no reino invisível da emoção é cultivada, e uma porta para o mundo superior da verdadeira inteligência lhe é aberta.

O que normalmente consideramos como intelecto é de fato Hod. Na vida, o uso das palavras, nosso arquivo de memórias e as imagens da vida armazenadas em Yesod, tudo contribui para o que se chama mente. Muitos psicólogos clínicos atuam nessa área, a qual é estritamente mecânica. As estatísticas, os testes psicológicos e tudo o mais que se usa nos laboratórios especializados demonstram o mecanicismo da mente inferior centrada em Yesod. Toda tentativa de analisar arte, pensamento criativo, êxtase místico, tem falhado miseravelmente nas mãos

o.s. 12049 - livro n.º 17 - shimon halevi - 11



O HOMEM

desses técnicos, especialmente quando os que conduzem essas experiências não aceitam conclusões fora da racionalidade, ou as consideram aberrações. Experimentos em ratos e em grupos humanos provam a adaptação animal aos padrões sociais, mas quando se chega à análise individual o trabalho exige um psicólogo intuitivo e bem treinado, ou melhor ainda, um artista como Rembrandt, ou um escritor como Tolstoi, para falar adequadamente da íntima natureza de alguém.

O intelecto real é raro. Milhares de livros foram escritos e conferências foram feitas sobre mil assuntos, todos com sabor intelectual, mas nesse caso todos pertencem a Hod, a Sefira do aprendizado, e escolaridade não é intelecto. O intelecto exterior é Binah — compreensão. Esse é o resultado de profunda e longa ponderação, embora esse efeito possa resultar de um relâmpago interior, com a ajuda de Hochma — a sabedoria. A tríade formada pelo intelecto externo, pela emoção externa e pela natureza essencial produz julgamentos impessoais, enquanto do outro lado da árvore, o intelecto interior, a emoção interior e a natureza essencial criarão uma visão proporcionada a poucos homens. Os caminhos dessas tríades dos dois lados explicam-se por si, com um ligeiro estudo. A tríade externa é a definição, em forma emocional, das conclusões tiradas por Binah para Tepheret; e a interna, a inspiração recebida por Tepheret, derivada da iluminação de Hochma em conjunção com Hesed.

Da tríade central formada pelos intelectos internos e externos, e pela natureza essencial, pouco se pode dizer à base da experiência pessoal. Essa é a tríade da consciência cósmica, isto é, uma visão objetiva do universo tal como ele é. Caminho abaixo de Binah para Tepheret é a lei e a retidão, e descendo para a outra, para Hochma, é a iluminação e o reconhecimento. Em cima há o caminho Binah-Hochma com os princípios do iniciador e do receptor. Conhecimento e perda do eu na vastidão do vazio cósmico, manifesta-se no centro desse triângulo do espírito. Esse é o mundo da criação. Se um homem consegue

acesso a esse reino, ele está se preparando ainda para passar através de Daat ao reino superno das emanações.

Acima do nível intelectual de um homem está a tríade divina. Aqui está o mundo casual, sempre existindo, embora oculto. Aqui também temos a presença do Absoluto, na coroa da coluna da consciência. Situado no ápice da tríade da mãe e do pai, Kether é o ponto de entrada para o universo relativo da vontade do Absoluto, que passando pelo espírito, depois pela alma, entra no organismo físico composto dos quatro elementos de Malcut. Essa criatura extraordinária é o homem — isto é, você.

A META

Pode-se perguntar qual a finalidade de todo esse ensinamento. O que é que se deseja com ele? Para todos aqueles que pensam um pouco, a vida é uma situação de aprendizagem. Os inteligentes aceitam isso logo e não repetem agressões à lei, seja ela humana ou natural. Muitas pessoas tomam contato com a lei espiritual através da educação ou no contato com o meio social mas isso é mera imitação e exteriorização, a casca de alguma coisa mais profunda, de há muito esquecida. Isso pode ser dito de todas as religiões, as quais só conservam a letra da lei. Para qualquer um que deseje progredir além da mera prática exterior ensinada por seus pais, será preciso olhar através de sua tradição particular para ver que há um conteúdo profundo em todas as religiões. Isso geralmente mostra caminhos muito claros em meio aos problemas da vida.

Parece que da concepção ao nascimento descemos ao reino físico e com a passagem do tempo voltamos com a morte a outro reino. No entanto, não se segue que cresçamos como indivíduos, embora nossos corpos cresçam e amadureçam no que concerne à natureza, uma vez que a ela interessam apenas propósitos planetários. Para nós, como indivíduos, temos uma

opção. Podemos trilhar a senda biológica, preenchendo os requisitos orgânicos para a transmissão da vida, para depois encontrar a morte, como aqueles insetos que só vivem algumas horas. Ou, então, podemos crescer como almas. Todo homem e toda mulher tem essa possibilidade, e para aqueles que não vivem isso só é possível especular nas várias formas tradicionais, inclusive pensando que renascerão infinitamente. Para aqueles, entretanto, que desejam crescer interiormente, o aprendizado permitido pela vida pode tornar-se fascinante.

Qualquer que perceba que todo aprendizado não está necessariamente relacionado com o *ego*, com posição, com posses, rapidamente reconhece sua própria posição pessoal, a qual é um reflexo do seu estado mais íntimo. Eles perceberão também seja lá o que for que aconteça, embora pareça bom ou mau à primeira vista, é para seu próprio benefício. Tendo-se desiludido do caráter meramente acidental das coisas, essas pessoas depararão com o problema do destino e com a limitação de cada um, o que é ilusório. Desse ponto em diante é possível a libertação das leis gerais que governam a mente do homem. Desenvolvendo-se a si próprio e aceitando a vontade do Absoluto, é possível mover-se na vida vendo tudo através do vasto drama cósmico no qual o observador é ator. A grande diferença é que ele conhece seu papel e pode ver o que fará em qualquer circunstância. A essa altura ele toma cada vez mais contato com seu espírito. Aqui ele pode ser escolhido para uma tarefa particular. Isso é o destino. Enquanto desempenha sua tarefa cósmica, sob a vontade do Absoluto, talvez para as demais pessoas, ou para o próprio planeta, ele esteja, como conta a história de Aladim, dentro da câmara de cobre ou de prata, ou mesmo na de ouro, o que equivale à brilhante inteligência cósmica. Agora ele pode ver o processo criador através das formas que modelam o universo físico. Além disso jaz a última sala de sua alma, onde está a lâmpada mágica, e quem, como uma criança, não deseja alcançar esse tesouro?

Esse é o uso mais prático da árvore. Além dos demais estudos, relacionados com organismos e organizações, alguns dos

quais vimos, precisamos refletir nessas relações com nosso próprio mundo interior, e suas aplicações com nossa vida.

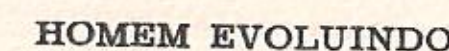
Todo homem começa, ao nascer, num grande triângulo baixo de Hod, Netzah, Malcut, com Yesod no meio. No entanto, centrados em Yesod há três tríades menores, e essas, dependendo de sua ênfase particular no homem, manifestam-se através da atividade predominante das partes anteriores, posteriores ou médias do cérebro, situando o homem numa das grandes divisões da humanidade, dirigidas pelo coração, pelo cérebro ou pelas vísceras. Como já dissemos quando falamos da Terra, a vasta maioria das pessoas é instintiva, e é preciso ficar bem claro que os termos intelectual, emocional e instintivo são usados como no cotidiano, relacionados com o fundo físico da tríade maior. Assim um homem com a predominância do triângulo de Hod, Yesod e Malcut é o que comumente chamamos um intelectual, isto é, aquele que trabalha principalmente com o cérebro. Quando a ênfase é dada em Netzah, Yesod e Malcut, é o corpo que prevalece e o homem é instintivo, obviamente. A pessoa Hod, Netzah, Yesod, é emocional, tendendo a reagir sempre com os sentimentos. Nenhuma dessas classes é superior à outra. Todas se relacionam com o resto da árvore. Um homem pode ter um potencial de um grande pensador, de um poeta, de um explorador de lugares inacessíveis, mas se ele não está espiritualmente desperto não passa de um sonhador como há milhões. Esses tipos adormecidos são definidos como sonâmbulos, ou homens números 1, 2 e 3. Eles são absolutamente parecidos uns com os outros, em seu nível.

No instante em que um homem começa a estar cônscio de si próprio, ele penetra na tríade superior de Hod, Netzah e Tepheret. Desse ponto ele pode, e isso acontece muito freqüentemente, regredir à rotina da vida no mundo yesódico do ego físico. Se ele se mantém atento, pode ascender depois a uma tríade ainda mais alta, a de Gevura, Hesed e Tepheret, isto é, à autoconsciência. Isso lhe dará novos poderes com os quais ele alimentará sua alma desperta. A rapidez dessas duas tríades de consciência alerta e autoconsciência, centradas em

sua natureza essencial, são os sinais do homem que progride, as quais têm os números 4 e 5, respectivamente. Para o homem que atingiu esse ponto, abrem-se na árvore muitas possibilidades. Aqui elas estão na posição zênite de sua existência terrena, sendo possível àquele que dispõe delas olhar para fora e para baixo, para o mundo natural, com clarividência e caridade, ou para cima, para o sobrenatural, sem ter de abandonar o mundo material, o universo físico.

Se, com a ajuda da graça, ele se transforma no homem 6, poderá atingir um ponto em que pode realizar milagres. Em termos cristãos tal homem estará na posição do Filho, em Tepheret, com o Pai em Kether, e com o Espírito Santo em Daat. Abençoado pelo Espírito Santo do conhecimento ele pode obter os mais altos níveis concedidos ao homem e deixar-se absorver no Divino, voltando assim ao lugar de onde procedeu. Esses são os grandes da humanidade, ajudando Eva, a alma, e Adão, o espírito encarnado, a reencontrar o Paraíso e o Céu.

Essa, portanto, é nossa meta, pois a árvore da vida é a escada consciente através da qual o homem ascende até seu Criador. Ele pode subir pela coluna esquerda da completa submissão, ou pela da direita, da completa liberdade. Ambos esses caminhos exigem grande esforço e disciplina. O caminho mais simples é o da coluna central do equilíbrio, o qual não exige obediência total ou permissividade, cujos métodos e processos conhecem, cada qual, seu tipo de tentações e dificuldades. A coluna central é diferente. Sendo antes relacionada com a consciência do que com uma função, um homem pode nela receber ajuda diretamente do Céu. Tudo o que se pede é a prática e um sentido sutil de equilíbrio e percebimento. Não olhando nem para a direita, nem para a esquerda, tal pessoa pode seguir ambos os caminhos da árvore e subir, passo a passo, árvore acima, através de suas tríades centrais, usando a própria vida para preencher suas experiências internas e externas, superiores e inferiores, até que ao completar-se seu tempo possa regressar ao lar.



HOMEM EVOLUINDO

A árvore da vida é semelhante ao Absoluto, ao universo, ao homem. Suas raízes penetram fundo na Terra e sua copa toca o mais alto do Céu.

O homem, ponto de encontro entre o Céu e a Terra, é uma imagem do seu Criador. Uma completa mas irrealizada árvore em miniatura, inferior aos anjos, depende dele decidir-se a subir aos ramos mais altos por si próprio, e assim obter o derradeiro fruto.

